MAO - Bianca

# A Filosofia da Técnica Física para a Conquista da Autoconsciência

# TFCA

## Vivenciação do Mundo Extrafísico (Mundo Espiritual)

Volume I

# A Filosofia da Técnica Física para a Conquista da Autoconsciência - TFCA

Vivenciação no Mundo Extrafísico
(Mundo Espiritual)

MARIA DA APARECIDA DE OLIVEIRA (BIANCA)

# A Filosofia da Técnica Física para a Conquista da Autoconsciência - TFCA

Vivenciação no Mundo Extrafísico
(Mundo Espiritual)

1ª EDIÇÃO

**A FILOSOFIA DA TFCA**
**Bianca [M.A.O.]**

COPYRIGHT 2008, EDIÇÃO DO AUTOR - ISBN: Nº 978-85-908751-0-9
Caixa Postal 08 - CEP: 72.920.970
Avenida Vale do Sol, Quadra 070 – Lote 11
Alexânia - GO

---

ISBN 978-85-908751-0-9
9 788590 875109

Todos os direitos reservados.

CAPA: Paulo Roberto Vitral

ASSESSORIA TÉCNICA: Dalton Bichara Simão, Fábio Almeida de Oliveira e Francisca Marina Leite de Mesquita

## FICHA CATALOGRÁFICA

B978f

Bianca, pseudo de Maria da Aparecida de Oliveira.

A Filosofia da Técnica Física para a Conquista da Autoconsciência - TFCA: Vivenciação no Mundo Extrafísico (Mundo Espiritual).
Brasília. Edição do Autor, 2008.

110p.

001-2008

t

# SUMÁRIO

Prefácio..... 08

A Filosofia para a Técnica Física para a Conquista da Autoconsciência ..... 10

Orientações Didáticas do Mestre da TFCA..... 12

Comunidade, um Sistema de Vida e não de Morte ..... 18

A Prisão e a Liberdade Humana ..... 24

Conhecimento Permanente e Conhecimento Provisório.... 28

O Procedimento Consciente ..... 34

O Equilíbrio Humano..... 38

Ser Humano, Criação, Universo ..... 44

A Necessidade Humana ..... 50

A Vida Humana e o Universo..... 56

O Ato Humano de Atacar e Defender ..... 60

A Sobrevivência Humana ..... 66

União dos Seres Humanos..... 70

Ser Irmão ..... 74

A Liberdade Humana ..... 78

A Comunidade Humana ..... 82

O Amor Humano ..... 86

A Criação como Ato Criado e Criador ..... 90

A Permanência Humana e o seu Desnudar ..... 96

A Violência ..... 102

O Interesse Humano e não-Humano ..... 108

O Tempo e o não-Tempo

(Estar Consciente o Tempo Todo) ..... 112

Estar Morto e Estar Vivo ..... 116

A Pátria do Ser Humano ..... 122

A Vida, o Indivíduo e o Grupo ..... 126

Um Projeto de Vida ..... 130

A Saúde Humana ..... 134

O Mundo Real e o Mundo Imaginário ..... 140

O Objetivo Consciente e o Objetivo Inconsciente ..... 146

O Ser Humano e as Probabilidades do Universo ..... 150

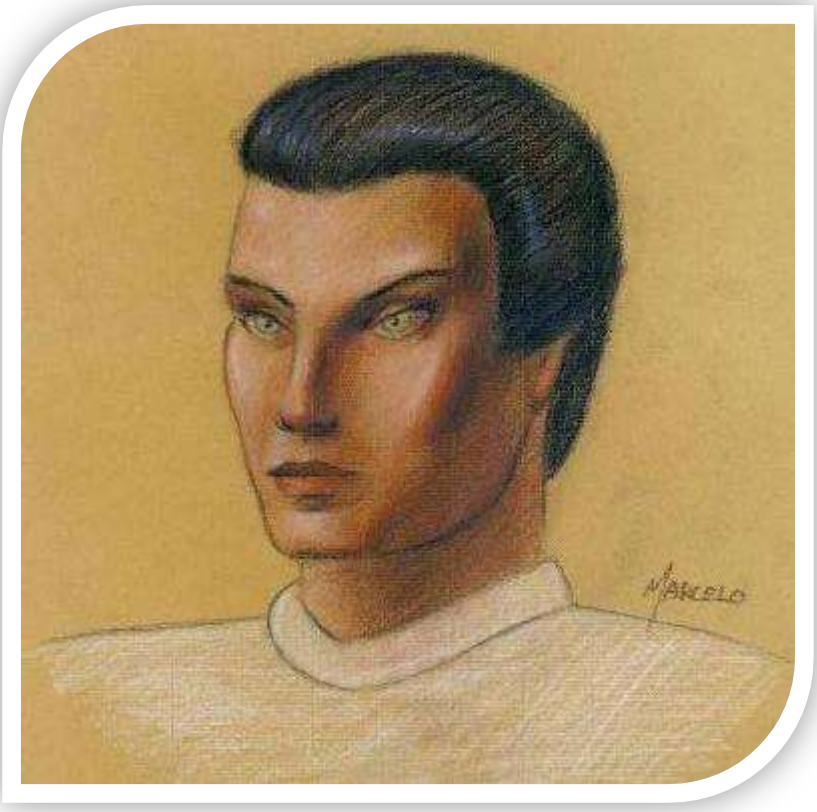
A Fé Humana ..... 156

A Convivência da Consciência com a Inconsciência ..... 162

A Morte como Parada da Vida ..... 166

O Ser Humano e o Universo Humano ..... 172

**"Saia de tua matéria e verás que tu és a mente** que pode ver, que pode sentir, aprender e raciocinar. Então, poderás entender que a matéria é somente uma parte sua e não totalmente você. Sua existência é **eterna, não morre!"**



Karran, 1976

# PREFÁCIO

## Motivos para Reflexão

Porque somos problemáticos? Nós, como pessoas que já estávamos em busca da autoconsciência, encontramos no trabalho o cabedal, o meio para que pudéssemos ser autossuficientes. Dentro disso, não existe um grupo, mas sim um indivíduo, que concorda ou não, com o que está sendo feito. Cada opinião é discutível, não importa de onde venha, porque achamos que sabemos.

E se pudéssemos raciocinar em cima do que é o saber, iríamos descobrir que não sabemos nada. Mas, é muito difícil raciocinar sobre o saber, quando achamos que sabemos.

Portanto, se para nós não fora necessária uma explicação anterior para que chegássemos ao trabalho da TFCA, é porque já estávamos prontos. Mas, nem todos estão prontos.

Sabemos, ou achamos que sabemos? Não podemos esquecer, como sábios que achamos que somos que os outros não o são. E se sabemos que não o são, porque somos sábios, temos de procurar entendê-los, e fazermos, dentro do conhecimento que achamos que temos de cada ser humano um sábio.

Brasília, 4 de maio de 1996

Dr. Hulff

# INTRODUÇÃO

## A Filosofia da Técnica Física para a Conquista da Autoconsciência

Quando se fala em filosofia, fala-se de um entendimento individual de um indivíduo que acha que faz parte do ser. Na filosofia o ser se considera pleno. Mas qual a plenitude do ser, senão ser a grande parte, ou quiçá, o próprio ser? Só se é ser quando se é capaz de raciocinar, criar por conta. Quando o seu pensar depende da execução de outros, você não é ser, você é indivíduo. Como indivíduo se imagina, mas não se executa. Enquanto ser, imagina-se pouco e a execução é que faz parte do ser. Neste ambiente existem muito indivíduos e todos têm de ser transformados em seres.

**O que é você?** Vocês precisam saber o que são.

**A filosofia:** O ser, o estar e o indivíduo.

**Conotação religiosa:** Citações de um pensador. Fala que fez dele um gênio*:*

*"Quem não está a meu favor está contra mim."*

Isto vale para o processo filosófico religioso.

*"Quem está comigo está salvo."*

*"Eu sou o caminho, a verdade, a vida."*

*"Dê a César o que é de César e dê a Deus o que é de Deus."*

Vocês têm de pesquisar bastante o significado do termo desta frase. César só é César porque a ele foi dado o título. E Deus só é Deus porque o título foi legado a ele.

Esses são os primeiros fundamentos religiosos e espero que sejam os últimos e que vocês não precisem de mais explicações confusas.

# ORIENTAÇÕES DIDÁTICAS DO MESTRE DA TFCA

## A Inconsciência

"A pessoa que sabe que é inconsciente deve deixar que a pessoa consciente a oriente e pense por ela até que ela tenha consciência."

"A inconsciência não é real. Ela acontece com a manipulação do sistema. O ser humano é consciente quando age independente do sistema."

"Defendemos o direito dos outros serem inconscientes e isto está contra a consciência. As pessoas são comodistas e não inconscientes. Jamais Karran colocaria no grupo dele pessoas inconscientes e incapazes. É conveniente dentro da percepção de algumas pessoas que os outros sejam inconscientes porque dá a essas pessoas a chance de que o que elas não querem fazer seja entendido pelos outros. Sempre que se defende a inconsciência, dá-se força à matéria para que ela atue sobre nós."

## O Comodismo

"As pessoas não querem ser surpreendidas em sua consciência para não assumirem as responsabilidades dessa consciência."

"Somos todos conscientes, e o que fazemos como inconscientes, não é inconsciência, é comodismo. Dentro do comodismo, todos estão esperando a salvação, e a Bianca não é Cristo."

## A Matéria Humana

"Temos de entender os limites de nossa matéria e a nossa matéria é que tem de estar à nossa disposição e nos obedecer."

"Quando nós nos preocupamos em entender os limites dos outros, nós temos de mudar para eu posso, eu quero, eu devo, porque esse é o raciocínio humano. O raciocínio da matéria é eu poderia, eu gostaria, eu deveria; esse raciocínio dá força à matéria e dificulta a consciência. Nunca devemos usar um vocabulário que dê força à matéria. O ser humano tem todas as chances e os limites estão na matéria."

***"Dominar a matéria implica em não agredi-la. A matéria não sabe que a consciência facilitará muita a vida dela."*** Bianca

## Bianca

"Nós, em nossas opiniões, não nos preocupamos em atrapalhar o trabalho da Bianca."

"Quem é que está comandando a comunidade? Que Bianca está fazendo em relação a tudo?"

"A opinião de Bianca dentro do trabalho conta muito pouco. Ela segue comandos de quem a está orientando (Mundo Extrafísico)."

"Bianca, muitas vezes, faz o que outras pessoas querem que ela faça porque a influenciam com suas opiniões, sobrepujando a orientação que ela recebe do mundo extrafísico. Se o ponto de vista de outra pessoa estivesse certo, essa pessoa estaria à frente do trabalho."

"Quando Bianca confia na opinião de outra pessoa, confia porque pela sua consciência ela entende o pessoal de fora, e também a justificativa da pessoa inconsciente que está emitindo sua opinião, e então às vezes, Bianca age pela inconsciência dos outros e não pela consciência que tem. Bianca não tem de pedir opinião a ninguém. Tem de mandar fazer. Quem quiser fazer que faça."

## O Entendimento

"As pessoas da TFCA podem entender qualquer coisa que seja dita."

***"A pessoa que chegou ao grupo já entendeu."*** **Bianca**

"Karran não é complacente com a inconsciência. A pessoa consciente não tem de dar chance para o raciocínio da inconsciência."

*"Quando a pessoa é inconsciente ela não percebe a sua inconsciência, e se percebe, é então consciente, e aí está então, buscando conveniência própria em nome da inconsciência."* **Bianca**

Textos filosóficos da Técnica Física para a Conquista da Autoconsciência – TFCA, escritos por Maria da Aparecida de Oliveira (Bianca).

# A FILOSOFIA DA TFCA
## Bianca [M.A.O.]

# Comunidade, um Sistema de Vida e não de Morte

1. O ser humano é um ser forte e, dentro do universo, pode-se dizer que é o mais forte dos seres.

2. Porém, a inconsciência, que forma o contexto que o cerca, dentro do próprio universo, é a sua grande ameaça e perigo constante. Perigo constante, que o cerca e o ronda dia e noite.

3. O contexto da inconsciência é o sistema de sobrevivência, que a inconsciência propõe a cada ser humano. Esse sistema de sobrevivência representa, inicialmente, toda a segurança, todo o conforto, e até todo o aconchego de que a matéria humana necessita para sobreviver.

4. No entanto, à medida que o tempo passa o ser humano, dentro do sistema de sobrevivência, vai, aos poucos, se transformando em presa, vítima e alimento, para o próprio sistema inconsciente continuar a sua destruição sem fim. Destruição sem fim de cada ser humano, que nele está inserido. Essa destruição nunca se apresenta como uma ameaça imediata. Pelo contrário, essa ameaça nem aparece ou se evidencia como perigo, mas é uma ameaça, que aparece como solução para os problemas. Porém, essa aparente solução é a isca, que fisga para segurar até a morte.

5. O sistema, criado pela inconsciência, e que envolve todos os seres humanos, está ao lado e acima de todos, como a grande segurança de cada um.
6. Esse sistema pode ter muitos nomes, mas o nome mais comum, e que todos estão acostumados a falar, chama-se ESTADO.

7. O ESTADO, organizado sobre os seres humanos, usa e destrói cada ser humano que o compõe, transformando-o em seu próprio alimento, para continuar matando e destruindo através do tempo, e dos tempos. O aparente aconchego, recebido por cada ser humano, é um engodo para usá-lo. E usá-lo, enquanto ele é útil ao contexto de interesses. Quando a utilidade do ser humano já não é mais interessante e lucrativa para o ESTADO, então este elimina o ser humano, sem piedade e até com toda a violência. Com toda a violência, porque enquanto o ser humano se encontra sob a aparente proteção do ESTADO, este extirpa-lhe fibra por fibra, pedaço por pedaço, suga-lhe o sangue, espedaça-lhe o cérebro até a completa destruição. E depois, transforma em lixo o que restou de sua matéria humana. Pois, a destruição de cada ser humano é o alimento de sobrevivência do ESTADO.

8. Se os seres humanos ultrapassarem o tempo em matéria física, isto representará a morte do ESTADO. Pois, o ESTADO conta com a morte de quem trabalhou, construiu e ajuntou, para que ele possa ser rico e poderoso e ter continuidade.

9. O ESTADO, portanto, é um fantasma, que ronda a vida humana, desde que a matéria física nasce. A criança é abandonada. O adolescente é abandonado. A juventude, que não conseguir chance de produção econômica é abandonada, e assim, o adulto, não importa a idade, é abandonado também.

10. As instituições, criadas pelo ESTADO, para proteger o ser humano, são armadilhas para prendê-lo e matá-lo, senão de vez, então lentamente. Toda e qualquer instituição chamada filantrópica, não atende às reais necessidades do ser humano, e sim, existe para crescer e se manter, como instituição, usando cada ser humano, que está lá, como alimento de seu ventre destruidor e consumidor. O ser humano, fragilizado pela inconsciência, não percebe a rede de armadilhas, que está montada pelo sistema

estatutário, para prendê-lo e matá-lo.

11. Todos, portanto, são vítimas, desde o mais desinteressante para o sistema, até o seu maior dirigente.

12. O ser humano inconsciente conseguiu montar uma armadilha para si mesmo e para o outro. Conseguiu montar a máquina para a sua própria destruição e extinção, sem piedade. Depois que uma pessoa se encontra nos braços do sistema inconsciente, ela perde totalmente a força humana, que lhe é própria. E, perdendo a força humana, que lhe é própria, passa a ver a sua força, através da força que o sistema inconsciente lhe impõe, também pela força.

13. Sair dessa situação é um trabalho da consciência. A consciência é como já se falou um achado no tempo. Porém, aquele ou aqueles, que não têm olhos para ver a chance da consciência, continuarão nas garras do sistema inconsciente, e dificilmente ou nunca, se livrarão dele. Pois, só a consciência poderá fazer isso. Mas, a consciência é uma opção, e tem de partir da vontade. Porém, a vontade se mantém também presa do sistema inconsciente, que aprisiona o ser na sua totalidade.

14. A inconsciência do conjunto social, que se organiza com a própria inconsciência, se alimenta de seres humanos. Os seres humanos, para o sistema inconsciente, são a matéria prima para o monstro da inconsciência social sobreviver e continuar destruindo. A aparente vantagem do sistema inconsciente, para cada ser humano, é o engodo, que atrai cada um, para o primeiro fio da rede, tecida para aprisioná-lo completamente.

15. Ninguém pode sobreviver para ser destruído. Essa é a grande contradição da inconsciência: sobreviver para morrer. A vida não tem sentido para nenhum ser humano, que tem como única esperança a morte, Pois, a morte não é futuro e nem ideal. A morte

é o ponto final de toda a destruição. E é esse ponto final, que o sistema inconsciente oferece a cada um, que nele está envolvido.

16. Por esse motivo, sair da inconsciência exige não só a formulação teórica de um objetivo, mas exige raciocínio, planejamento, montagem de um sistema de vida, e um conjunto de seres humanos, que se fortalecem pela união. Pois, a união dos indivíduos conscientes não formará um sistema de sobrevivência, formará um conjunto de vida, e vida que não tem como fim a morte, mas tem como fim a continuidade da própria vida.

17. Assim, cada ser humano, na comunidade, não entra num sistema de sobrevivência. E não entra num sistema de sobrevivência, porque entra na vida, para esquecer e eliminar, de vez, a morte. Essa é a vida da consciência e não a sobrevivência da inconsciência.

18. Para que tudo isso aconteça não é necessário revolta contra nenhum sistema estabelecido pela inconsciência. Pois, a inconsciência não sabe o que faz. A consciência, assumida por um e por todos, é a morte imediata da inconsciência, como sistema, porque ela, a inconsciência, como sistema, não terá mais alimento. E quem não se alimenta, perece por falta do alimento. Daí, que a violência, contra o sistema inconsciente, significa a inconsciência destruindo a própria inconsciência, para fortalecer seu próprio ato destruidor. Isso para nada serve, pois o ser humano é a vida, e vida é que ele tem de buscar.

19. Cada luta empreendida pela consciência é um passo para a libertação de um e de todos. E essa libertação não vem de fora, ela está dentro de cada ser humano, que decide ser consciente.

20. E é nesse momento da decisão, que as cadeias, que prendem o ser humano, começam a ser abertas, por ele mesmo, para usufruir

da liberdade, que lhe pertence.

21. Enquanto isso não acontecer, cada um e todos os seres humanos se transformam em monstros menores que o ESTADO, e também destroem e matam, até chegar a sua vez de serem mortos e destruídos também. Um sistema montado por destruidores, só pode ter como fim, destruir.

22. Porém, uma comunidade de vida não é uma montagem para a destruição, mas para a construção. Não tem como fim a morte, mas a vida. E vida, que ultrapassa o tempo pela consciência, em uma, e em todas as matérias físicas, que fazem parte da existência humana no seu todo. Assim, fazer uma comunidade, é fazer a vida, é proclamar o amor, é viver, é fazer viver e deixar viver. Essa e a proposta do Karran. Essa é a mudança da vida. Essa é a vida, que está dentro da vida.

23. O ser humano é vítima de um monstro que o prende. E assim, ele não tem saída, a não ser a consciência. Pois, só a consciência fará com que o monstro pereça, e desapareça. E, cada vez, que o ser humano recusa a consciência, ele transforma-se mais uma vez em monstro, que destrói, e que será destruído.

# A FILOSOFIA DA TFCA
## Bianca [M.A.O.]

# A Prisão e a Liberdade Humana

24. O ser humano inconsciente encontra-se preso em si mesmo. O ser humano consciente é um ser livre, mas pode também encontrar-se preso, pelo ser humano inconsciente, que faz isto, sem saber que o faz. A diferença entre um e outro é que o ser humano inconsciente não sabe que é prisioneiro, sendo prisioneiro. E o ser humano consciente, mesmo prisioneiro, sabe que o é, e por isso, é que é livre. Pois, a possibilidade de soltar-se das prisões de quem o prende, é uma questão de tempo e de momento oportuno. Por esse motivo, todo ser humano consciente sempre é livre, não importando, que alguém tente segurá-lo em qualquer situação.

25. Essas considerações mostram quanto a consciência é consistente na vida, e quanto a inconsciência é frágil, ainda que demonstre aparente força em determinadas situações. Pois, aquele que está preso em si mesmo é o prisioneiro que tem a maior fraqueza em relação à liberdade. Enquanto que, aquele que é livre, isto é, consciente, mantém toda a sua força, mesmo em uma aparente prisão. Toda a prisão é um cerceamento de si mesmo, ou por si, ou por outro. E esse cerceamento, quando não percebido pelo ser humano, é que se transforma em prisão. No entanto, quando o ser humano é capaz de perceber que está prisioneiro, então ele já não está, porque a consciência é toda e a única liberdade para o ser humano. Toda e qualquer situação, portanto, que não esteja permeada pela consciência, é prisão total, não importando, se o corpo físico possa se libertar ou não.

26. A prisão, de que se fala aqui, não é a prisão física, embora, esta possa acontecer como decorrência da prisão da inconsciência,

e muitas vezes, isto acontece de fato. Pois, a prisão da inconsciência é muito mais terrível, que qualquer prisão física, porque a prisão inconsciente, antes de fazer prisioneiro o ser humano consciente do ser humano inconsciente, já fez prisioneiro aquele que prende. Pois, se aquele que prende, já é prisioneiro, ele está em uma situação degradadora para si, e para o outro, porque ele nunca poderá libertar nem a si e nem o outro. Quando o ser humano tem o poder de libertar, significa que ele já é livre, e este estado de liberdade pessoal é que lhe dá a condição de libertar o outro. Portanto, quando um ser humano consciente se encontra sob pressão de um inconsciente, para aprisioná-lo, ele então, tem de ver a si e ao outro com os olhos da consciência, que ele tem. Pois, o outro está com os olhos da consciência vendados e não pode ver nem a si e nem ao outro. E isto é prisão total, dentro de si mesmo.

27. Portanto, uma pessoa consciente não pode se tornar prisioneira ou refém do inconsciente. Pois, ele tem olhos conscientes para ver, e qualquer que seja a sua justificativa para ficar prisioneiro, é comportar-se como inconsciente, sendo consciente. E essa atitude de comportar-se como inconsciente, sendo consciente, é uma atitude contrária à vida, cujo propósito foi colocado em seu fazer, como prioridade da consciência. Ninguém, portanto, sob qualquer pretexto, tem o direito de impor prisão a quem quer que seja. E de fato, isso não acontece com pessoas conscientes. Porém, quando a imposição de um aprisionamento acontece, aquele que aprisiona, já é prisioneiro antes de cometer esse ato anti-humano. Todos os seres humanos são livres, mas permanecer preso, sabendo que é livre, é tentar permanecer inconsciente, depois de ter buscado a consciência, como objetivo primordial da vida. Essa situação, portanto, não pode existir, entre aqueles que buscam e trabalham para um mundo consciente. Pois, a consciência está acima de todos os outros objetivos, sejam eles quais forem. Isso não significa que buscar a consciência seja uma ideia fixa. Pois, a consciência é liberdade, e liberdade em todos os

sentidos e direções. Portanto, liberdade total de pensar. E quem pensa em ser consciente pensa porque quer. A consciência possui todos os modos de pensar, e não um único modo. Quando o pensamento é livre, o ser humano está em seu pleno direito, e exercendo seus plenos poderes, sem se escravizar e sem escravizar o outro. As prisões podem existir, de várias maneiras, e de fato, assim existem, a partir de uma mente inconsciente. Mas, aquele que é livre, isto é, consciente, nunca é prisioneiro, pelo fato de saber que é livre pela consciência.

28. A falta de liberdade física do ser humano inconsciente é o fechamento de todas as saídas para a vida. Mas, quando, por um ato de força humana, esse prisioneiro físico vislumbra o seu poder pela consciência, imediatamente ele está livre, mesmo que seu corpo permaneça preso. Pois, o ser humano está no corpo e além do corpo, e este é o seu grande poder de – humano –, isto é, estar onde quer estar, não importando a prisão que se lhe venham a impor. Portanto, para o ser humano consciente libertar-se do ser humano inconsciente, não é necessário violência e nem agressão. Pois, o ser humano inconsciente, não sabendo que o é, já é muito mais prisioneiro que o ser humano consciente que ele tenta prender. E, sendo prisioneiro de si mesmo, nada pode fazer quanto à liberdade de quem é livre. Os seus dias estão contados, enquanto que, aquele que é livre não tem dias, porque pela liberdade, está além de todo o tempo.

29. Por isso, o grande retrocesso não é encontrar-se prisioneiro de pessoas inconscientes. Pois, enquanto se convive com os inconscientes, esse fato será constante. O grande retrocesso para o ser humano consciente está em abrir mão de sua liberdade e submeter-se, de olhos fechados, às cadeias do ser humano inconsciente, como se inconsciente fosse. Essa situação mancha e diminui o avanço na vida consciente, atrasando todo um projeto de vida. E isso, quando feito pelos olhos daquele que sabe que busca

a consciência, é a negação de todas as afirmativas, que já colocou em sua vida. A conveniência da inconsciência jamais deve servir de pretexto para não lutar pela luz da consciência. Mas, quando isso é feito pelo ser humano que sabe que está fazendo isso, e sabe por que é consciente então, toda a luta pode estar sendo perdida e jogada para trás, como um ato traidor de si e do outro. O domínio do ser humano inconsciente sobre o ser humano consciente, portanto, é inadmissível em qualquer contexto de vida consciente. Isso é comparável a uma sociedade em que todas as pessoas que veem, fecham os olhos e dão as mãos aos cegos para serem conduzidos por eles. Quem observasse semelhante fato, chegaria à conclusão, de que aqueles que veem com seus próprios olhos, são mais cegos, que os cegos que não têm olhos para ver.

## Conhecimento Permanente e Conhecimento Provisório

30. O conhecimento faz parte do ser humano. Pois, enquanto o ser humano é o fundamento do universo, ele o penetra e o domina pelo conhecimento, que é o seu veículo de participação no mundo que o cerca. Porém, existem dois tipos de conhecimento no universo: o conhecimento permanente, ou seja, universal, e o conhecimento provisório, ou seja, particular e temporário.

31. Na vida física do universo, o conhecimento provisório liga as fases temporais em suas sucessões. Na vida extrafísica, o conhecimento permanente é a constante que impulsiona e mantém o ser humano na sua perpetuidade, que é a estabilidade da vida universal.

32. Conhecer o permanente é participar da vida, sem interrupção no tempo. Pois, quando o ser humano se vivencia no conhecimento, ele está agindo em seu fazer natural, que é entender e criar, criar e entender. Esses dois atos humanos colocam o ser humano na extensão natural do viver, para o qual ele foi criado, e para o qual a sua existência tem permanência. Pois, o conhecimento universal é o andamento da vida, fora das interrupções do tempo. Vida, que se estende nas duas frequências humanas: extrafísica e física. Pois, o ser humano, como um todo, participa permanentemente das duas frequências.

33. Participa, porque o acidente sofrido não é um fato constante na vida humana, mas uma interrupção imprevista do conhecimento. Assim, quando se fala em conhecimento humano, está-se levando

em conta o ser humano, ainda não afetado pelo acidente planetário, ou já não mais afetado.

34. A fase do acidente, portanto, é temporária. É um fenômeno do tempo no mundo físico, e por isso, tem princípio, meio e fim, como todas as coisas temporárias e provisórias.

35. Mas, o ser humano em seu estado natural não é o ser humano abalado pelo acidente, e esse ser humano, não abalado pelo acidente, é que contém em si o conhecimento universal.

36. Todos os fatos do universo são do domínio do ser humano, e, portanto, ele contém em si todos os conhecimentos permanentes, porque esses conhecimentos fazem parte do permanente, que é a natureza do ser humano. Fora do ser humano, não se fala em conhecimento, mas em elementos para serem conhecidos, porque os elementos são os objetos do conhecimento, e o ser humano é o ser que conhece.

37. O conhecimento humano, que se desdobra em duas faces, permanente e provisório, tem a característica própria do universo, que é criar e ser criado. E assim, o conhecimento permanente cria fatos e o conhecimento provisório é fato criado. Criado, porque sempre que um conhecimento de fatos, dentro do tempo, isto é, com início, meio e fim, é do domínio do ser humano no mundo físico, esse conhecimento é provisório. Provisório, porque depois que passam as suas fases, esse conhecimento passa a fazer parte dos registros humanos do passado no tempo. Todo o conhecimento, portanto, criado e descoberto pelo ser humano no mundo físico, é provisório, isto é, está dentro do tempo e por ele é limitado, tendo assim a sua perecibilidade. Perecibilidade, que significa que um dia fará parte apenas dos registros do passado. Viver, portanto, apenas para os conhecimentos provisórios é perecer com eles e ficar atrasado no tempo, com relação aos novos

tempos que se aproximam. Por isso, o conhecimento humano tem de ser e estar sempre presente, e não ser ultrapassado no tempo. E esse conhecimento é o conhecimento permanente e universal.

38. Quando o ser humano distingue as duas faces do conhecimento, então, ele começa a dominar e a fazer parte do universo, que lhe pertence pelo conhecimento. Conhecimento, que peregrina e é peregrinação, isto é, penetra no ser humano, como natureza sua, e o ser humano o penetra como campo de atuação humana, tanto em uma como em outra freqüência da vida.

39. A criatividade é o motor que impulsiona o ser humano no conhecimento. Pois, um ser humano, que não cria e não descobre nada de novo, está servilmente submetido ao conhecimento fragmentário do tempo. E esse estado servil atrasa e retarda a vida dele próprio, dentro do universo que lhe pertence.

40. Os conhecimentos universais e permanentes estão sempre presentes no ser humano, mas pela sua inconsciência do momento, nem sempre são acionados e movimentados em direção à vida. E isso traz grandes prejuízos para toda a comunidade humana. Comunidade humana, que só se desenvolve pela ação de um e de todos no desdobramento do viver universal. Conhecimentos universais (permanentes) e provisórios (temporários) são próprios do ser humano, porque, enquanto os conhecimentos temporários têm limitada duração no mundo físico, os conhecimentos permanentes não sofrem a ação do tempo, e estão sempre norteando e unificando o ser humano na sua essência.

41. Esses conhecimentos permanentes são os impulsos constantes dos conhecimentos provisórios, nas diversas fases da vida física. Pois, o movimento físico, embora comece e termine, também pode ser considerado permanente, nas suas constantes interrupções, e em seus novos inícios, e em seus novos fins. Isso significa, que

enquanto essas fases de início e fim são interrompidas pelo tempo, a continuidade de criar inícios e fins são a permanência das interrupções, que se sucedem permanentemente.

42. O ser humano, portanto, como permanente que é, tem em si o permanente, e reconhece o permanente da sucessão dos provisórios no tempo, que lhe está submetido pelo conhecimento. Conhecimento universal, que possui o conhecimento provisório, criado a partir do próprio permanente. Assim, pode-se dizer, que quando se busca um conhecimento, sempre se busca o permanente, porque o provisório, no tempo, está sempre se sucedendo.

43. A busca da consciência é um conhecimento provisório, porque a consciência é que é o conhecimento permanente. E o fato, de o ser humano, na frequência física, estar com o conhecimento interrompido, não significa que o permanente se temporalizou. Pois, enquanto o tempo fragmentou a ação humana por um momento, o ser humano voltou a buscar o permanente, que está em si mesmo, isto é, a consciência, que não é uma nova descoberta, mas um resgate do permanente, que estava parado momentaneamente, pela ausência da ação humana.

44. O conhecimento universal, portanto, está no ser humano e jamais é atingido pelas fragmentações do tempo. Pois, pertence à freqüência ininterrupta do ser humano. A freqüência do ser humano no mundo físico sofre interrupções, mas não interrompe o permanente. A própria inconsciência não é uma interrupção, é apenas um abalo em um dos lados da vida humana. E esse abalo não tem característica de interrupção, porque não atinge o permanente, que está fora do tempo, e, portanto, fora do mundo físico.

45. Partimos, portanto, do conhecimento permanente, para atingir o conhecimento provisório. Porém, o inverso também é verdadeiro, isto é, partimos do provisório e descobrimos nele o permanente, que se estende pelo presente, passado e futuro. Presente, passado e futuro, que são as três fases temporárias do provisório. Pois, o permanente não tem fases, porque é a própria perpetuidade no tempo, fora do tempo, além do tempo e na permanência do universal. Permanência do universal, porque contém o permanente e o provisório, não sendo nenhum dos dois, mas o permanente de ambos, sem se confundir com nenhum deles. E nessa esfera de existencialidade é que se contextua o conhecimento permanente. Conhecimento permanente, que contém em si a sua própria perpetuidade e universalidade. E contém também o conhecimento provisório, que apenas é provisório, quando é contado no tempo, porque, quando fora do tempo, é também permanente.

46. Portanto, o ser humano só reconhece o conhecimento permanente, quando é capaz, de não se confinar, e não se perder em nenhuma das fases do conhecimento provisório.

# A FILOSOFIA DA TFCA
## Bianca [M.A.O.]

# O Procedimento Consciente

47. O inconsciente é um ser prisioneiro de sua própria escuridão.

48. Quando uma pessoa consciente permite a interferência em si, do inconsciente, ela está permitindo que sua consciência seja diminuída e dilacerada, por um ataque inconsequente. Ataque inconsequente, porque o inconsciente, constantemente fere a si mesmo e a quem o cerca com o seu agir. Agir inconsciente e inconsequente, pois um cego tropeça em tudo o que está à sua frente. E tropeça por não ver, não sentir e não ter direção. Assim, aquele que está andando com a luz da consciência é que vê o outro, que não pode ver. E ao ver o outro que não vê, toma as providências, para que acidentes não aconteçam. Pois, o acidente é um imprevisto de quem não vê. E o inconsciente, não vendo, provoca acidentes sem querer, porque nem o ato de vontade ele domina.

49. A pessoa consciente, na presença da pessoa inconsciente, tem de ser a luz que ilumina a si própria, e fazer com que o reflexo dessa luz permita ao cego pela inconsciência, ser protegido de um acidente com ele mesmo e com o outro. Por isso, o consciente, que permite um acidente dessa natureza acontecer, está retornando à inconsciência, da qual havia saído, pela consciência conquistada.

50. Por isso, a conquista da consciência conta, e leva em conta, a proteção de si mesmo, e daquele que não tem olhos para ver, isto é, o inconsciente, que está ao seu lado.

51. Mas, usar da postura de que se é consciente para manipular o outro, seja ele consciente ou não, é impor-se, como inconsciente. Impor-se, como inconsciente, é transtornar o caminho, que trilha pela consciência que busca, usando o outro, para deturpar o progresso, e o andamento do próprio ato consciente de si e do outro.

52. A pessoa que busca a consciência, busca a luz, e quando encontra alguém na escuridão, isto é, na inconsciência, tem o dever de agir como consciente.

53. Mas, o que é agir, como consciente, perante o inconsciente? Agir, como consciente, perante o inconsciente, é ver, em cada ser humano inconsciente, um ser humano, que merece respeito e dedicação, de quem está tendo a chance de ver a luz, enquanto o outro, ainda está na escuridão. Por aí se vê, que até a pessoa inconsciente está na visão consciente daquele que busca a consciência.

54. É sabido que o inconsciente não sabe que é inconsciente, e por isso mesmo, é que o é. E se é inconsciente, e não sabe disso, então tem de ser guiado e protegido por aquele que sabe. Pois, se aquele que sabe e conhece o problema não agir em defesa, estará apagando a luz que ilumina, para não iluminar o outro. Isso não significa, que a pessoa consciente aceite a manipulação e a agressão daquele que é inconsciente. Mas, significa que o modo de agir, não pode confundir-se com o agir inconsciente de quem quer que seja.

55. Assumir a consciência é uma grande responsabilidade para consigo e para com o outro. Se esse outro for uma pessoa inconsciente, o joio deve ser separado do trigo. Pois, jamais a pessoa consciente agredirá um inconsciente, no máximo o que fará, será defender-se de seus ataques, porque a vida e a consciência

deverão estar em primeiro lugar, para a pessoa consciente. Mas, o respeito ao outro ser humano também é levado em conta, enquanto, como ser humano, o inconsciente agir.

56. Porém, quando ali só houver agressão, o humano já desapareceu, e só resta ao consciente, defender-se, dentro do direito à vida que lhe cabe e lhe compete.

57. Quando, no entanto, uma pessoa consciente convive com outra pessoa consciente, nenhum problema deverá acontecer, pois ambos estão na luz.

58. Porém, estar na luz e fingir que não vê, é fechar os olhos para tentar viver na escuridão. E, esse viver na escuridão, por um ato de vontade, é desviar os objetivos da vida. E quando isso acontece, a pessoa consciente torna-se mais prejudicial ao conjunto, do que qualquer inconsciente, que esteja ali. Pois, não ver porque não pode é compreensível, mas não ver, porque não quer, é destrutivo. E é tão destrutivo, que pode impedir e embargar todo um projeto de vida. Por isso, quando uma pessoa consciente age, como se inconsciente fosse, o melhor que se pode fazer é afastar-se do meio, ou afastar a pessoa do meio em que se vive. Pois, se o inconsciente age e prejudica, a pessoa consciente se afasta dela, e ela fica isolada, então ela não prejudica mais, porque o consciente não se expõe aos seus golpes. Mas, uma pessoa consciente, que age como inconsciente, pode e deve ser tratada, como traidora de si, e dos outros, porque está usando a luz da consciência, para ofuscar a todos no caminho da vida. E isso é altamente prejudicial e destruidor.

59. Ninguém tem o direito de agredir quem quer que seja. Mas, ser agredido por alguém gera também o direito de não ser agredido. E, em ambos os casos, o consciente, que agride sabendo, e o inconsciente, que agride não sabendo, faz com que

aquele que é agredido, tenha o direito de se defender, sob pena de estar fazendo o jogo de um e do outro. E se o consciente fizer isso, estará retornando do caminho da luz, para o caminho da escuridão. E esse propósito não cabe na vida de quem busca a consciência.

60. Por isso, a consciência é respeito e amor, mas é também defesa e firmeza, no propósito assumido, por todo aquele que pretende permanecer na luz.

61. Veja-se, portanto, que a luz da consciência serve para iluminar e não para ofuscar. Pois, o ofuscamento com a luz da consciência, já mostra, que o propósito foi distorcido, e, em sendo distorcido, acontece o caminho inverso, isto é, em lugar de ir para a luz, vai para a escuridão, de onde deveria ter saído.

62. Tratar o inconsciente com desrespeito é agressão ao ser humano, que está doente. Permitir, no entanto, que o inconsciente interfira na consciência do consciente, é descuidar do próprio caminho da consciência, que é luz e não se deixa apagar pela escuridão, que é falta de luz, e não o contrário da própria luz. O procedimento da pessoa consciente, portanto, não é uma norma fixa, que deva ser seguida por indicações externas. A pessoa consciente tem, dentro da própria consciência, o discernimento necessário, para a prática de cada ato de vida. Pois, se assim não for, a consciência não é a consciência, mas a inconsciência. E, se esse discernimento ainda não existe, essa pessoa, ainda está na inconsciência, e como tal, deverá ser tratada.

# O Equilíbrio Humano

63. Os bens materiais são necessários à vida física. A vida física se contextua no mundo material, e dele tira o necessário, para sobreviver. Porém, fazer da sobrevivência o único motivo para existir, é transformar a vida, em função restrita ao objetivo material, e esquecer o objetivo que ultrapassa o universo físico. Não se pode existir somente na matéria do universo.

64. Pois, a existência humana supõe dois mundos, por ser de duas naturezas distintas. Essas duas naturezas distintas têm seu prolongamento muito além do mundo-matéria, e, portanto, não podem se concluir aí, apenas.

65. Mas, a sobrevivência, dentro de um sistema materializado, pelo interesse inconsciente da vida física apenas, leva o ser humano a se confinar na estreiteza de um objetivo unilateral da vida. Isso faz também a vontade inclinar-se para um único lado da existência. E essa inclinação da vontade arreda o objetivo total de viver. Pois, o viver se reduz a produzir o material apenas. Embora esse material seja indispensável para a vida física, isso não significa que o ser humano se coloque unicamente aí.

66. Pois, sabendo o ser humano que é possuidor de duas freqüências, ele não pode desconhecer e desprezar nenhuma das duas, mas manter o equilíbrio de ambas. E, esse equilíbrio é um conjunto de atitudes racionais, entre uma e outra frequência. Distanciar-se da vida física, e só olhar para a vida extrafísica, faz o corpo perecer por necessidades não supridas. Viver só o lado físico,

desprezando e desconhecendo a vida extrafísica, é perder o sentido da existência, e interromper a consciência, no tempo.

67. Ora, quando se busca a consciência está-se buscando o equilíbrio, entre as duas vidas existentes em um único ser: o ser humano. Mas, pelo costume, e pela luta continuada na vida unicamente da matéria, o outro lado fica obscurecido, e nada é visto de importante. E, quando a visão do importante é vislumbrada, logo essa mesma visão se apaga, pelos afazeres do dia a dia da vida física. Isso pode levar, e de fato, quase sempre leva, ao esquecimento e ao entorpecimento do objetivo desejado, na conquista da consciência. Porém, a conquista da consciência, que promove o equilíbrio, entre as duas vidas em uma só, tem de fazer a diferença. Essa diferença é a visão clara da sobrevivência, nas duas frequências.

68. Pois, a sobrevivência consciente na frequência extrafísica depende da sobrevivência física. E a sobrevivência física da consciência depende da vivência consciente extrafísica. Pois, a sobrevivência consciente no corpo físico é que impede a interrupção da consciência pela morte, porque quando o corpo físico perece, a consciência extrafísica mantém a integridade do ser humano, para continuar a vida física. E quando, na vida extrafísica, o ser humano se encontra, sem corpo físico, o corpo físico é então a sua esperança de concretização da vida completa, no universo ao qual pertence. A preocupação, portanto, com o material para a sobrevivência física é legítima. Mas, a não-preocupação com a vida extrafísica, estando no físico, é anormal e doentia. Anormal e doentia, porque não faz parte da normalidade de nenhum ser humano, esquecer qualquer uma de suas frequências. Por isso, ele não abandonará uma em função da outra, e nem terá como desculpa, a sobrevivência de uma, em detrimento da outra.

69. Aquele que despreza a vida física e o mundo material, para só pensar no mundo extrafísico, torna-se obcecado e fanático, prejudicando a si e a quem o cerca. E aquele que se recusa a pensar e a admitir a vida extrafísica, só se preocupando com a vida física do corpo, torna-se esquivo de si e dos outros, por não perceber que o ser humano é humano. Essa não-percepção do ser humano aniquila a vida, qualquer que seja ela: física ou extrafísica. Pois, reduz os seres humanos ao nível de suas simples criações, tirando-lhes a dignidade, a grandiosidade e a perpetuidade da existência. Esses dois problemas devem ser encarados como produtos da inconsciência, mas a inconsciência, tendo o seu desfecho na consciência, faz com que o ser humano se reequilibre.

70. A recusa, no entanto, de admitir que a vida possa ser diferente, apesar das dificuldades encontradas no contexto em que se vive, é o elemento que destrói a possibilidade de progresso individual e por consequência do conjunto. Em um sistema injusto e falho para os seres humanos, as dificuldades do corpo físico para sobreviver são óbvias e alarmantes, mas a busca da consciência busca também a solução desse problema. Porém, quando a solução desse problema pode desequilibrar a vida extrafísica, então a falta e a necessidade de meios materiais para sobreviver, ainda não é o maior dos males. Pois, se a satisfação de um dos lados pode anular o outro lado, então isso é um mal tão grande, ou maior, que o mal que se deseja sanar.

71. A consciência, sendo equilíbrio, percebe um e outro lado com a mesma medida. E se não percebe assim, então ainda não é consciência, mas inconsciência. Andar pela consciência não é um caminho confortável, para aquele que não busca o equilíbrio. Pois, o equilíbrio é a visão igualitária das duas frequências. E quando se tem essa visão igualitária das duas frequências, tem-se então o equilíbrio necessário, para suprimir as necessidades de uma e da outra, ao mesmo tempo.

72. Portanto, dizer que não pode se dedicar a uma frequência porque tem de atender à outra, já mostra que o ser humano está desequilibrado no seu modo de ver, pensar e agir. E isso faz com que a busca da consciência seja interrompida, por uma simples desculpa de comodismo ou ganância.

73. O rico não é rico, é um pobre que acumulou muitos bens e vive para esses bens. O pobre não é pobre, é um rico que escondeu o seu tesouro humano e não sabe como encontrá-lo. Dentro dessas duas situações, ambos sofrem do desequilíbrio de um dos lados. E esse equilíbrio só pode ser trazido de volta pela visão consciente dos dois lados da vida. Enquanto essa visão não for um fato na vida de cada um, sempre a desculpa da sobrevivência física impedirá a vida extrafísica de se promover. E a desculpa da vida extrafísica sufocará a vida física e fará cessar a continuidade natural do mundo físico.

74. Por isso, dificuldades materiais não são empecilhos para buscar a consciência. Pois, a consciência, à medida que avança, mostra os caminhos da sobrevivência de um e do outro lado. E, se isso não estiver acontecendo, então a consciência não está avançando, mas estacionou e o ser humano está parado no caminho da vida. O sucesso na vida econômica pode desviar a visão da vida extrafísica que não é econômica. O misticismo com relação à vida extrafísica ofusca a visão das necessidades da vida física. Ora, se a visão de uma e de outra vida, física e extrafísica, forem conscientes, as duas terão o mesmo peso, e então, o equilíbrio estará consolidado. A partir daí, dificuldades materiais não impedem a busca da vida extrafísica e sucesso econômico não ofusca a visão extrafísica. Então se vê que dificuldades econômicas ou sucesso econômico não são empecilhos para a consciência.

75. Pois, o empecilho não está na falta ou na sobra, está no desequilíbrio do ser humano que está entre um e outro problema.

Problema, porque nenhum ser humano tem de ter falta de algo para a sobrevivência física. E nenhum ser humano necessita de sobra de bens para sobreviver. Como se vê, ambos estão desequilibrados no seu modo de viver. Desequilíbrio esse, que já lhes é imposto pelo sistema de vida desequilibrado em que estão inseridos.

76. A busca da consciência, portanto, para um e para o outro é a solução de um e do outro problema. Usar, portanto, um dos dois desequilíbrios para não buscar a consciência é usar a desculpa de querer curar a doença sem tomar o remédio. Pois, se a consciência é que equilibra um e o outro problema, usar o próprio problema para não buscar o equilíbrio é transformar em fato uma contradição voluntária para não viver.

77. Buscar a consciência, portanto, é buscar a solução da falta e da sobra. E, resolvido esse problema, que só pode ser resolvido por um ato de vontade, é resolver o equilíbrio humano nas duas freqüências da vida.

# A FILOSOFIA DA TFCA
## Bianca [M.A.O.]

## Ser Humano, Criação, Universo

78. O desejo imita circunstâncias da vida. Mas, a vida não é circunstância e a vontade não é imitação. A vida é realidade concreta do existir e a vontade é a ferramenta humana, que constrói e consolida a vida. Assim, o estar é uma mera circunstância, enquanto que o ser é a própria vida, que se desdobra e se realiza em si mesma. Porém, trocar o ser pelo estar, é trocar a vida por uma mera circunstância. E, essa troca faz retroceder o andar consciente.

79. Andar consciente de um e de todos, porque não se entende e não há consciência isolada, de vez, que o ser humano não é isolamento, mas conjunto vivo e de vivência humana. Esse conjunto vivo humano é um andar permanente, que caracteriza a natureza própria do ser, isto é, do ser humano.

80. Pois, para que todos os estares do universo possam ser transformados em seres, somente a força do ser humano pode fazê-lo. E, pode fazê-lo, porque é no ser humano que se encontra a força, que dirige e impulsiona todas as demais forças do universo.

81. O universo se expande e se retrai, porque esses movimentos são próprios da constituição do mesmo universo, que assim é. Mas, quando se trata do ser humano, cada movimento de expansão, ou de retração dele mesmo, se faz pelo impulso voluntário e livre.

82. Livre, quer dizer, pode ser feito, ou não ser feito, porque há uma decisão, que tudo determina antes de cada ato. Essa

caracterização humana mostra que lugar o universo ocupa em relação ao ser humano.

83. Quando supomos, que o ser humano está em algum lugar do universo, nós nos enganamos, pois os lugares estão no universo e o ser humano não pertence a nenhum lugar. O ser humano é, e o universo está. Portanto, o universo é que está para o ser humano. Isso mostra quanto o ser humano, pela inconsciência, está perdido dentro de si mesmo. Perdido, a ponto de se confundir com o universo, e se perder nele, pensando que ocupa um lugar nele, sendo que, todo e qualquer lugar, só pode existir, se o próprio ser humano, assim o determinar e o nomear.

84. As realidades mais profundas da consciência humana estão na própria consciência humana, e não, e jamais, fora dela. Colocar fora da consciência qualquer valor é espezinhar a vida e o pensamento criador, com submissão a estares do universo criado. Volte o ser humano ao seu estado de ser, que é, e todos os elementos do universo terão seus valores colocados como elementos servidores para o ser humano.

85. Essa é uma realidade, que só pode ser estabelecida pela consciência. Consciência de ser, e consciência de determinar o estar, em função do ser. Essa consciência, que determina, e nunca é determinada, é a chave do domínio do universo. Universo, que o ser humano contém em si, e pelo qual, não é contido em momento algum. Pois, se o universo contivesse o ser humano, isso já mostraria, que o ser humano estaria submetido a ele, e dele teria ficado escravo e prisioneiro, pelo tempo.

86. O tempo é elemento do universo, e apenas um dos elementos. E, quando o ser humano está na frequência física, ele está presente nesse elemento do universo, o tempo, mas não está limitado por ele.

87. Pois, a limitação acontece, quando a consciência não se expande. Não se expande, porque se retrai. E, essa retração da consciência, chamada de inconsciência, faz com que o universo se sobreponha, como estar, sobre o ser, que é o ser humano. Por isso, a consciência expandida é à saída do universo e a sobreposição a ele, para que ele não se sobreponha.

88. Expandir a consciência é ato voluntário, como já se sabe. E, se a vontade não atuar então o ser humano se coloca como um elemento do universo e isso é a submissão total do ser ao estar.

89. Submissão essa, que faz a inversão de valores: valores humanos; valores da vida; valores do fazer, e de todos os valores, enfim, que dignificam e proclamam o ser humano, como o ser dos seres do universo.

90. Essa ausência da dignidade humana tem todas as negativas da vida. Uma vida negativa está imbuída de não-valores e de não-fazeres. É uma vida, que se encolhe em si mesma, deixando que o tempo corroa a sua existencialidade. Essa situação é fruto do isolamento e retraimento de cada indivíduo em si mesmo.

91. Pois, o indivíduo, para que se torne indivíduo de fato, ele necessita do conjunto, isto é, tem de atuar com o outro, porque do contrário, não seria indivíduo. Pois, por mais estranho, que possa parecer, o indivíduo só pode se caracterizar como indivíduo, se estiver na presença do outro. Se houvesse somente uma pessoa no universo, ela não seria indivíduo, ela seria o absoluto, o único. Indivíduo significa não estar dividido, e para não estar dividido é preciso, que haja outro indivíduo, com o qual ele se relaciona, mas do qual não depende. Pois, não se pode pensar em divisão se não houver partes para serem divididas. E, para que haja partes, é necessário, que exista um todo. A natureza do pensamento humano

é formar a idéia, individualizando a realidade em partes e em totalidades, em indivíduos e em conjuntos.

92. E é assim que a força que cria não é pensada como indivíduo, nem como todo, pois, não há, para o pensamento, mais de uma força que cria, porque neste caso, o pensamento, pela sua natureza, não pode individualizar, nem totalizar, e, portanto, está fora de sua natureza. E como só é admitida uma fase para ser pensada, então, não se atribui a denominação de indivíduo, e por isso, o pensamento não pode formar uma ideia, nem de parte, e nem de todo. Isso significa que o pensamento não individualiza, nem totaliza, e, portanto, não conclui.

93. Pois, individualizar é totalizar uma parte, e totalizar é individualizar um todo. Isso mostra que, para que se caracterize um indivíduo, é necessário, que exista um conjunto de indivíduos.

94. Assim, qualquer ato do indivíduo, só pode ser um ato, e ter consciência, na presença de um conjunto. Um conjunto de indivíduos. Conjunto de indivíduos, que se reconhecem como tal e com valores individuais, no contexto comum humano. A humanização se dá pelo reconhecimento de um e de todos. Sem esse reconhecimento, não há nem indivíduo e nem conjunto, mas uma dispersão de elementos do universo. Dispersão sem direção e sem chegada a lugar nenhum.

95. O universo, que não é provido de vontade determinante, mas de vontade determinada, não faz a obra, que o ser humano pode fazer. Pois, a vontade determinante do ser humano está como impulsão necessária, para a vontade determinada do universo. Mas, quando a vontade do ser humano não atua, então só existe o determinismo universal, que leva o existir, sem a presença da vida. Pois, a presença da vida, só é possível com o impulso da vontade. E impulso da vontade só existe na vontade determinante, porque a

vontade determinada não tem impulso, mas é impulsionada por outra vontade, que a determina.

96. Quando se fala em existência e em criação, fala-se da existencialidade total. Essa totalidade existencial tem um centro, que a dirige, e este centro, chama-se ser humano. O ser humano é o centro de irradiação da existência e de todas as existências, dentro da existencialidade criada. Pensar o universo, só é possível a partir da existência humana. Mas, pensar a existência humana, após o universo criado, é a inversão do entendimento e do conhecimento, que precede toda a criação.

97. Quando se fala em criação, não se fala em ato abstrato de um fazer imaginário, que um dia aconteceu. Quando se fala em criação, fala-se da consistencialidade de toda a existência, fora de qualquer tempo, e além de toda a permanência das coisas permanentes. Pois, a criação é o ato da existência em si, concreta, real e permanente. A criação não foi, nem é, nem se fará no tempo, porque está fora de todos os elementos temporários. Pois, os elementos temporários fazem parte do elemento criado. A criação é ato de vida. E, como ato de vida está além do permanente, que é uma criação sobre a própria criação. Assim, falar-se em criação, é falar-se da vida ativa em um e em todos os lugares, em um e em todos os tempos, em um e em todos os seres, e assim indefinidamente.

98. Criação, ser humano, universo. Essa é uma sequencia que deve ser vista em outra ordem, isto é, ser humano, criação, universo. Pois, para que a criação seja reconhecida, é necessário, que o ser humano a reconheça como criação, porque se o ser humano fosse simples criação criada, não poderia se auto-reconhecer. Assim, se pudéssemos falar, dentro do tempo, diríamos: quando a criação teve a sua presença, o ser humano já se consistia em si mesmo, para poder reconhecê-la. O ser humano,

como criação que cria, não pode se confundir com a criação criada. E, se não se confunde com criação criada, é porque tem presença criadora, fora de qualquer presença criada. A presença criadora do ser humano paira sobre qualquer criação, e impulsiona toda a criação para criar.

99. Essa força e característica humana demonstram que a presença criadora do ser humano é um pensamento. Pensamento, que o ser humano contém, e pode com ele, deduzir suas certezas e suas dúvidas, sobre todos os atos criados, sem que lhe seja imposto um outro pensamento de certeza ou de dúvida. Um outro pensamento, porque a ideia da criação, que o ser humano possui, quase nunca é dele próprio, mas de outro, que também não tem essa ideia. E essa sucessão de vazio ideológico, sobre a criação, faz o ser humano pensar que a criação é uma imaginação longínqua e inacessível a ele. E esse distanciamento da realidade mais concreta da vida leva o ser humano a estar apenas na imaginação, e não na realidade do mundo criado, que lhe pertence.

# A Necessidade Humana

100. A necessidade humana é um ato de vontade. Pois, quando algo é necessário na vida, a vida já foi condicionada àquele algo pela vontade, que assim o determinou. Portanto, as decisões tomadas ou não tomadas, são sempre oriundas da vontade, que faz a marca da vida em cada ser humano livre e soberano presente à própria vida. A falta de decisão, no entanto, é uma atitude de não-vontade, isto é, a vontade não está atuando naquele momento, e quando a vontade não atua para querer algo que é novo na vida, é por que o ato anterior da vontade, em outra necessidade, ainda atua com maior força.

101. Não querer e querer são atos da vontade, e é por isso que quando o ser humano diz que não quer algo, significa que a vontade não está sendo movida para esse algo não aceito.

102. Ora, a vontade, sendo ação permanente, ela está sempre ligada a algo que se tornou necessário à vida. Pois, quando a vontade determina uma ação, essa ação torna-se uma necessidade insubstituível. E, portanto, substituir uma necessidade, só pode acontecer, quando uma necessidade maior for tomada como decisão.

103. Como se vê, a necessidade e as necessidades da vida são implantadas pela vontade humana e podem ser modificadas. Mas, modificar uma necessidade, que já se tornou um hábito, é um trabalho unicamente da consciência. Consciência, por que o ser humano consciente se encontra em pleno domínio de suas forças. E, quando está em pleno domínio de suas forças, por um ato

consciente, então ele pode mudar seus objetivos, querer novas realidades e assim criar necessidades mais fortes, duradouras e até permanentes. Mas, modificar uma necessidade de vida é um ato de força e não de fraqueza. Um objetivo assumido por um ato de fraqueza (medo, falta de oportunidade, indecisão ou fuga), nunca é duradouro e jamais será permanente. Assim, quando o ser humano cria necessidades em sua vida, por um ato de força, ele já passou pela compreensão, já assumiu nova postura e principalmente, já se libertou de necessidades anteriores. Pois, se as necessidades, alojadas em sua vida anterior, ainda estão presentes, ele não está tomando decisão, está apenas tentando um caminho mais cômodo por tempo determinado.

104. O ser humano não é obrigado a nada, mas quando ele se impõe a si próprio uma obrigação, então essa obrigação, tomada por um ato de força sua, torna-se a necessidade mais premente de sua vida. E é assim que os objetivos são assumidos e se tornam permanentes e não mais apenas duradouras.

105. A consciência só pode ser assumida quando ela for transformada, dentro de cada um, em objetivo permanente. Dizer que se quer a consciência é muito cômodo e até agradável, mas aquele que diz que quer a consciência não percebe a contradição que está dizendo. Pois, quando alguém quer algo, ele já está dentro desse algo, já está atuando nele, pois a vontade já decidiu e ele já mudou seu objetivo anterior.

106. Querer a consciência e não viver consciente é a tentativa de esconder-se na consciência com a capa da inconsciência. Pois, a capa da inconsciência sobre a consciência são as palavras. A consciência real são atos, atitudes e vida mudada e não intenção de mudança. A intenção de mudança está antes da tomada de decisão, e quando ela é real, ela nunca aparece em palavras, mas

em atos concretos. Enquanto isso não acontece, essa intenção é apenas mental e ainda não está dentro do ser humano integral.

107. As necessidades de vida impostas por um sistema parcial de vida criam também necessidades parciais para o ser humano. E essas necessidades parciais, isto é, só no campo físico da vida, fazem com que o ser humano se esconda dentro do tempo, esquivando-se de ver além dele.

108. Pois, ver além do tempo, descortina novas necessidades, ainda não percebidas pelo ser humano em sua vida-matéria. Uma vida-matéria e além-matéria é uma visão, que ainda não está no costume de viver do ser humano, perturbado pelo acidente. Pois, como todas as coisas afetadas pelo acidente, o ser humano, como o centro de todo o universo, foi o mais afetado e perturbado.

109. Porém, a chance da consciência é o momento do tempo que está à disposição do ser humano para novas visões do universo e para novas necessidades da vida. Buscar essas novas necessidades é o primeiro passo da consciência. Novas necessidades, porque fazem parte da frequência obscurecida do ser humano. Pois, enquanto o ser humano ocupa a frequência física, e não tem consciência do universo, a frequência extrafísica está-lhe obscurecida pelo bloqueio.

110. Esse obscurecimento, porém, não pode ser o empecilho da vida, mas a consciência, estando ativada, como de fato está, é o meio, através do qual, a claridade chega para iluminar a escuridão do passado. Do passado, porque aquele que vislumbra a consciência vislumbra o futuro. E esse futuro, agora vislumbrado, tem de se transformar nas necessidades e na única necessidade para todo e qualquer ser humano. E essa necessidade é única, porque o futuro é a satisfação e a realização de todos os sonhos e realidades.

111. Sonhos, porque é o movimento da vida que está no e além do tempo. E, também realidade, porque é pelo futuro que se resgata o passado e se explica a obra do presente. Assim, o ser humano não pode se confinar na matéria e ficar preso no tempo. Pois, a prisão no tempo impede a visão do futuro e o resgate do passado, enquanto o presente se torna um momento sem frutos e sem sentido. O presente só pode ser produtivo com a visão do futuro, enquanto, o passado só tem sentido, quando o futuro se torna presente ativo. Assim, o passado não é esquecimento, mas a lembrança ativa do tempo de cada momento da vida.

112. Tudo isso, no entanto, leva ao entendimento da geração de necessidades pela vontade. Pois, enquanto não há entendimento claro da vida, não pode haver o querer da vontade em nada, ou então, há em muito pouca coisa. Assim, querer ou não querer é ato da vontade. Mas, o ato da vontade é decisão livre do ser humano. E dessa decisão livre parte a criação de necessidades pelo próprio ato da vontade. Por ai se vê que a necessidade não vem com o ser humano, é ele que a cria e a formula em sua vida por um ato de vontade.

113. Por isso é que ele pode mudar as necessidades de sobrevivência física, que lhe foram impostas pelos outros. E, essa mudança, é ato consciente. Pois, o ato consciente é a ação legítima do ser humano. Porém, quando ele permanece em objetivos e não os muda é porque seus objetivos são cômodos e não necessários, pois a necessidade pode ser vista, mas pode não ser assumida como necessidade, porque as necessidades anteriores ainda perduram dentro de outros objetivos não definidos. E é por esse motivo que as pessoas não são convencidas por ninguém, mas se deixam convencer, quando a apresentação de novos objetivos aparece, como mais cômodos, em relação às necessidades anteriores.

114. Portanto, só se busca um objetivo, quando esse objetivo se torna uma necessidade. E uma necessidade só existe quando a necessidade anterior se tornou mais fraca do que ela. Assim, quando se quer algo, já se está fazendo esse algo, forçado pela necessidade de fazê-lo.

115. Quando se diz que se quer, ainda a vontade não foi movida, e ela, ainda nada moveu, e as palavras apenas servem para dar mais tempo a um tempo, que já quase não existe mais.

116. A vontade leva ao querer, o querer gera a necessidade e a necessidade faz o objetivo. Fora desta linha de ação, só existem a intenção e as palavras, que encobrem tudo aquilo que ainda não é a necessidade real de quem está falando.

# A FILOSOFIA DA TFCA
## Bianca [M.A.O.]

# A Vida Humana e o Universo

117. A vida humana é o fluxo existencial do universo. O universo vive pela vida humana, pois esta é que faz tudo o que tem vida andar e suceder-se em si mesmo, após a criação. O ser humano é o centro de todos os movimentos, enquanto o universo e todas as suas dependências se intercalam em sucessões temporais e transitórias. Sucessões temporais e transitórias são os momentos, em que o universo existe, em suas fases naturais. Em contrapartida, o ser humano, que engloba o temporal e o transitório, juntamente com o permanente, faz suceder o que é temporal e transitório, e participa do permanente, que está fora do próprio universo material. Como o universo se desdobra em duas faces, material e permanente fornece assim ao ser humano duas condições de vida: a vida biológica e a vida extrabiológica. Vida extrabiológica, que subsiste e condiciona as duas vidas a uma só. A uma só, porque a vida biológica é dirigida e controlada pela vida extrabiológica, que perfaz o universo em ambas as faces. Desse modo, o ser humano é o ponto máximo da vida, tanto de uma, como da outra face do universo. Universo, que lhe pertence e lhe está submetido, pela lei da própria vida.

118. Quando o ser humano se encontra, vivendo em uma, ou em outra face do universo, ele faz sempre o que lhe compete, como criador e modificador. Assim, o universo é sempre o seu objeto de conhecimento e de realização. Por isso, o ser humano só se torna humano, quando tudo o que lhe cerca é humanizado por ele. Desse modo, um universo não humanizado, é matéria prima e informe, por não ter ainda uma forma reconhecida pelo ser humano. Ser humano, que é o princípio, o meio e o fim de todas as coisas que

passam. E é também a explicação e o fundamento de todas as coisas permanentes. Coisas essas, que se encontram nas respectivas faces do contexto universal. O universo é vivo, e vivo é o ser humano, que lhe dá a vida contínua, pela existência sempre transformável em novas existências.

119. Existir é consolidar-se em si mesmo, identificando natureza por natureza, na diversidade de seres e estares, que se sucedem, formando o tempo no mundo da matéria, e indicando o permanente além da mesma matéria. O mundo não para, em nenhuma das frequências, pois as frequências do universo formam a existência completa de todo o criado. Nessas frequências, o universo não é um paralelo ou réplica. É um conjunto completo do mesmo ser criado, que existe com uma natureza específica e única, presente na criação. Vive-se num e noutro universo, mas o universo engloba a vida e faz a vida ser constante em qualquer fase e em todas as fases da existência. Pois, a existência contém o ser e o ser contém o estar. Estar, que volta a ser SER, quando este se transforma em estar pela sua fugacidade. O ser permanente, que é o humano, mantém e contém o ser estável e permanente. E mantém e contém o ser fugaz, que lhe pertence, como partilha do universo inseparável. Inseparável, porque o ser permanente (humano) é o centro e o determinante de toda e qualquer vida, que se diz universal.

120. A vida é o reconhecimento e a realização do universo como ser em si mesmo, e como ser que se estende a outros seres.

121. Um ser é aquilo que é em si mesmo, mas quando não está, e não é em si mesmo, então forma o abstrato, que pertence à imaginação e à criação humana. Como se vê, do ser identificado como estático, no universo, o ser humano tira e extrai outros seres, os quais fazem parte do universo humano, criador e realizador de outros universos, dentro do próprio universo criado. Criar, portanto,

é vida e desdobramento da vida existente. Entre, e dentro da vida existente, está o gérmen e o princípio da criatividade universal de vidas infinitas. Vidas infinitas, que são criações próprias daquele que é o criador de vidas, criado pelo criador da vida, que lhe pertence.

122. Ver o universo é ver o ato da criação, mas este ato está para o ser humano, como o pensamento está para o raciocínio. O pensamento é matéria prima do raciocínio, enquanto a criação é matéria prima para o ato criador do ser humano, que para isto existe e perfaz o universo na sua totalidade, isto é, nas frequências existenciais da vida.

123. A vida, portanto, não se limita a um puro movimento biológico ou energético. A vida é criação de existencialidade, e de realização do ser em seres, do estar em estares, do fazer em atos, e assim indefinidamente e permanentemente.

124. O universo não dá voltas e nem está parado, como a estagnação estática do que é fixo. O universo anda e se modifica, levando as próprias modificações a transformarem-se em outras modificações fixas e móveis, no mundo das existências.

125. Existências que passam e que ficam. Passam, porque são instáveis, e ficam porque são permanentes. Pois, das coisas retira-se o que é permanente nelas. E essas permanências são os resultados do saber universal. Resultados, que fazem o ser humano aumentar sempre o seu poder de criatividade, e de transformação de tudo o que é modificável. Modificável, pela sua capacidade de criador, dentro do universo criado. Por isso, se diz que a vida é movimento, pois quando não há o movimento pela criatividade, a própria criação se movimenta pela sua natureza, que não para de andar e transformar-se.

126. Vida, movimento que movimenta e que é movimentado, pois a vida provém do movimento que a criou, e movimenta o criado para novas criações.

127. Daí se dizer que a estagnação de tudo o que deve se movimentar é a morte do ser. Mas, o ser não morre, ele para no estágio em que está, quando não há o impulso da criatividade para modificá-lo. Assim, o ser humano, quando abalado pela inconsciência, é o ser dos seres, que se estagna em si mesmo, não criando e não deixando criar. Essa é a face escura do universo, pois só o ser humano é que é luz no universo, porque sem ele, nada é reconhecido como existente. Porém, para que o existente volte a brilhar no universo, é necessário, que a consciência seja ativada pela vontade. Pois, somente a vontade pode determinar a vida universal, porque é por ela, que a morte foi escolhida, em lugar da vida. Mas, essa escolha não é permanente, pois a morte, não tendo substancialidade, não pode se contrapor à vida.

128. A vida é a substância das substâncias, pois é ela que contém e retém todas as substâncias. Contém e retém, porque sempre desdobra os seres em novos seres, e assim, faz o universo movimentar a vida e as diversas vidas, que nele se contêm.

# O Ato Humano de Atacar e Defender

129. O medo faz agredir, mas a defesa faz proteger. Quando se agride não se raciocina, porém, quando se está de posse do raciocínio, a agressão transforma-se em covardia e destruição. O ser humano não é feito para agredir, mas para defender e proteger. Por isso, quando as duas situações acontecem, é a consciência que toma a decisão. E uma decisão consciente é sempre levada pelo amor e pelo bem estar do outro. Quando todos concordam para a destruição e a agressão, somente a consciência é capaz de tomar a decisão humana. Decisão humana, porque protege, defende e amplia a vida pelo amor.

130. Os desejos nem sempre estão sob o controle da consciência, enquanto esta ainda não está consolidada, porém a consciência consolidada, sempre decide pelo amor e pela proteção. Por isso, a vida consciente é o caminho para fortalecer o outro e a si próprio. Os mais fortes têm que ser detidos pelos mais conscientes, pois a consciência é a maneira correta de viver e de sobreviver. Não se pode andar e viver pelos impulsos que levam, mas pelas situações, em que o humano se faz presente pelo amor, e pelo bem estar de quem quer que seja. Pois, se assim não for, o ser humano em lugar de proteger a vida, torna-se um destruidor da vida. Um destruidor da vida seja essa vida a sua, ou a do outro, ou a vida da natureza. Natureza, criada para o sustento e a ampliação da matéria física que usa, e da qual se faz protetor no universo material.

131. A caça é uma agressão, pois a agressão é tornar indefeso o objeto perseguido, porque quando há perseguição, aquele que é perseguido transforma-se sempre em inocente, porque não pode

revidar a agressão, que é sempre uma surpresa e uma ameaça em sua vida. Por isso, agredir é sempre tornar o outro indefeso. Matar é destruir as chances do outro. Porém, quando essas chances ameaçam a sobrevivência de um e de outro, a perseguição está sempre no mais forte, e a defesa no mais fraco, sem levar em conta os motivos que estão por trás da polêmica. Pois, os motivos são racionais, mas a perseguição e os fatos são vitais, e abalam a estrutura essencial do viver. Vira-se, portanto o jogo, cada vez que se contém a força contra a fraqueza. Aquele que ataca, nem sempre é o mais forte, porque pode estar atacando, como defesa. E aquele que defende pode ser forte ou fraco; depende do ponto de vista em que está colocado. Porém, isso só pode ser visto e definido pela consciência e não pela razão apenas. Pois, a razão vê o fato lógico, mas a consciência vê e leva em conta a vida e o amor. Vida e amor, elementos que a razão não pondera, porque a razão apenas pesa cada situação. Pesa cada situação, e, pela força do argumento, impõe ou retira, sem os elementos amor e vida, que fazem parte do humano.

132. O humano é que decide e que faz a justiça se estabelecer. O humano vê a vida, enquanto que a pura razão vê apenas a lógica da vida, tornando esta lógica um simples fato calculado.

133. Mas a vida não é cálculo, a vida é razão existencial e prolongamento humano de um e de outro.

134. A chamada "legítima defesa" pode ser uma agressão ilegítima, quando aquele que se defende, torna-se um agressor, como aquele, que então agredia.

135. O que distingue cada situação é sempre um ato consciente. Um ato consciente e humano só pode proceder de quem é consciente. As demais situações são sempre produtos da inconsciência, ainda que, com a exatidão da lógica e da evidência

dos argumentos, porque uma coisa leva em conta a vida, e a outra leva em conta, apenas fatos.

136. O ser humano, quando se reconhece agressor, tem de se transformar em defensor, porém, se conscientemente não tomar esta decisão, fará tudo ao contrário do que o – humano – permite, pois o – humano – é a sua natureza, enquanto que, a lógica e a razão são apenas funções de seu raciocínio, e não implementos da vida.

137. Os implementos da vida se encontram na consciência e na estrutura humana do viver. Defender ou atacar é uma questão de vida e não de simples razão. A geração das guerras é sempre originada da razão e nunca da sobrevivência, pois aqueles que estão sobrevivendo, é que decidem pelo ataque ou pela defesa. E quando decidem pelo ataque ou pela defesa, já estão vivendo, e deixam a vida para se colocarem no jogo da morte. Pois, quando se ataca, provoca-se logo uma defesa. Defesa, que pode levar novamente ao ataque. E no jogo do contra-ataque e da contradefesa, perde-se a razão, e a razão de viver, e de deixar viver. E isso é feito, porque a consciência não está presente. Pois, a presença da consciência é a presença do amor e da vida. Vida, que é o objeto da proteção humana, pois o ser humano que é criador é o único protetor da vida, porque tem consciência para isso, e sabe que esta proteção é a sua própria proteção e defesa. Quando as coisas vão a sentido contrário, tudo caminha em direção inversa do sentido do mundo e da vida, que lhe é presente.

138. Portanto, uma situação não determina a vontade, mas é a vontade que orienta e cria as situações. E quando essas situações são produtos da vontade consciente, então o ser humano está de posse de seu poder legítimo, que é atacar, quando atacar é defesa, e defender, quando defender é vida e proteção da vida. Pois, defender a injustiça, é ataque velado e traidor. Traidor de si mesmo

e do outro, porque quando se ataca a vida, ataca-se o – humano – e toda a razão de viver.

139. O elemento consciência é a chave para o discernimento da situação humana. O elemento razão é o caminho da lógica em cada situação. Mas, defender e atacar a vida, apenas por cálculo, é transformar o ser humano em número e em produto de riqueza e de acumulação de vantagem. Isso mostra que o – humano – é transformado em objeto, quando o próprio – humano – não é mais – humano –, mas se transformou em mais um objeto no meio dos outros objetos.

140. Essas considerações fazem parte do viver consciente de cada um, que busca a consciência. Por essa razão, a consciência não é polêmica, mas é paz e tranquilidade; não é agressão, é defesa e proteção; não é ódio, é amor e vivenciação, sempre presentes, e sempre constantes, no dia a dia da existência.

141. O direito é um bem, mas pode gerar a injustiça, que é um mal. Pois, a situação, em que cada um se encontra, pode não permitir a visão do outro, e, essa falta de visão, é que gera o ataque agressivo ou a defesa vingativa, e, ambas as situações, não partem da consciência, que defende a vida, mas da razão e do cálculo, que promovem a morte.

142. Enquanto o ser humano estiver perdido e enganado pela inconsciência, somente a consciência, por um ato de vontade, poderá tomar a decisão correta e encaminhar a vida e não a morte. A vida é um direito, e o único direito do ser humano, pois é para isto que ele existe, para viver, e não para morrer pelos seus próprios atos. A inversão dos valores da vida leva o ser humano à autodestruição e à destruição do outro. E aí se vê o momento em que a falta de consciência determina atos, não provindos da

vontade humana, pois este fato é que agrava cada situação, entre um e outro, e causa e faz perdurar a desunião. Desunião, que é o empecilho para a vida em conjunto, e para a sobrevivência de todos.

# A FILOSOFIA DA TFCA
## Bianca [M.A.O.]

# A Sobrevivência Humana

143. A consciência quer sempre o bem do outro, porque sabe que seu próprio bem não pode existir sem o bem do outro. Fingir que não vê o outro é a luta para manter a inconsciência.

144. A vida se faz pela participação e participar é amar e viver junto. Não há isolamento e interesse puramente particular para aquele que é consciente, pois a consciência está em todos, e todos significa o conjunto que mantém objetivo comum. Objetivo comum não é objetivo particular.

145. Enquanto a preocupação com o outro não for uma necessidade interior, sempre o exterior será mais forte e impedirá a visão do outro como componente da consciência.

146. Viver é um conjunto. Morrer é uma particularidade, pois o particular é um interesse morto, enquanto que, o que ultrapassa o particular e atinge o outro é o interesse permanente. Interessar-se é amar e fazer. O não-amar e o não-fazer é ficar parado e impedir que a roda da vida gire e movimente o universo dentro e fora de cada um.

147. Fazer o bem ao outro é fazer o bem a si mesmo. Prejudicar o outro é prejudicar a si mesmo. Quando busco o outro, estou buscando a mim mesmo, cada vez que abandono o outro estou abandonado a mim próprio. Esta é a lei da vida que se estende pelo conjunto humano e circula entre um e outro como o sangue que alimenta, que sustenta, que pulsa e que compõe a vida na sua plenitude e vigor.

148. O conjunto sou eu e eu sou o conjunto. Essa visão do todo em um só, e de um só no todo é a essência do viver humano. Sempre que o viver não tiver esta reciprocidade, o movimento que pretende ser a vida não é humano. É movimento escuso que contém outros interesses e não os interesses e o interesse da vida humana. Sem o humano eu não sou humano. Sem a vida humana não há vida humana. Sem o todo não há o simples indivíduo. Sem o simples indivíduo não há o conjunto. E só o conjunto pode garantir a extensão de cada um no terreno físico e no domínio do extrafísico para voltar outra vez no contexto do mutável, enquanto o permanente vive e se reconhece como existente no mundo das existências de sua própria natureza. Natureza que é e que está, porque sem o ser não há o estar, e sem o estar, o ser não se movimenta e não completa a sua natureza de ser. O ser não pode transformar-se em estar e o estar não pode ocupar o lugar do ser, mas ambos se completam no movimento da vida.

149. Cada natureza tem a sua parte e a sua função. Mas, não ter função nenhuma em relação ao outro é a parada total da existência, por isso quem busca a consciência, busca o outro, busca o ser, porque o estar já lhe pertence. Porém, buscar o ser é buscar o outro e buscar o outro não é encontrar pessoas, é descobrir A PESSOA dentro de cada um. Essa PESSOA dentro de cada um é a consciência, o saber, o projeto de vida humana e a vida humana que se desdobra e se estende por todos os humanos.

150. Essa busca nem todos veem e nem todos querem, pois ver e querer a vida implica em já estar vivendo, e quando se está vivendo, quer-se que o outro viva. Quando a morte e a extinção do outro me aparecem como vantagem, significa que a minha natureza está distorcida no universo e a marcha das coisas naturais se tornou antinatural para um e para todos.

151. Quando um só luta e os outros não lutam, a vida se desfaz e se reduz a trabalho inútil e estéril, pois significa que vive e trabalha com morto, porque o movimento é impedido pela estratificação, o andar é contraposto pelo parar, o saber é tido como ignorar e o fazer é contraposto ao desfazer. Ninguém pode ignorar a vida. Quando a vida é ignorada, ignora-se a si e ao outro, e por consequência, tudo se desfaz no lugar de fazer, tudo para no lugar de andar, tudo se ignora no lugar de saber, tudo morre no lugar de viver. Saber que a consciência exige vida, força, saber e andamento, e nada fazer, é o deslocamento voluntário do valor dos valores, a consciência, para a redução a nada de tudo o que se tem em mãos.

152. A decisão pela consciência é um passo, mas pode ser um abismo, se a vontade não atuar. É pela vontade que queremos, mas é também pela vontade que deixamos de querer e de fazer, e quando ela atua em sentido contrário de sua natureza, então temos a volta total de tudo o que deveria estar andando.

153. A vida não para, mesmo que se queira isso. Querer a parada da vida é querer morrer, mas o querer morrer é decisão consciente, e conscientemente decidir morrer, é tentar negar o ser, mas tentar não é realização acabada. Pois o ser é o fundamento da vontade, e como fundamento da vontade, está antes dela, e, portanto, a mesma vontade não pode fazer e desfazer o seu próprio fundamento. O que existe está antes dos efeitos do existir, por isso, a inconsciência não é o não existir da consciência, é apenas a tentativa de não atuar como consciente. É a ausência de ação do ser, que para ser – ser –, contém em si a consciência de si e do outro. E conter essa consciência é estar presente em si mesmo, sem que para isso seja necessária a presença do outro.

154. O outro tem a sua consciência e o seu nível de percepção, e, portanto, é a minha consciência e o meu nível de percepção que

conta. Pois, se o outro não quer isso não me impede de querer, porque eu ajo pela minha vontade e não pela do outro. Mas, a fusão das vontades transforma um, o outro e o universo que os cerca e os contém em cada movimento da vida.

155. Salvar o outro é salvar a si mesmo, de vez que sem o outro, eu não sobrevivo. Salvar a si mesmo é salvar o outro, pois a sobrevivência do outro depende da minha. Um ser é absoluto em si mesmo, e absoluto significa não depender, mas a vida é um legado, e como legado, vem do outro, e sem um e outro não há legado. Por esse motivo, o ser, mesmo absoluto, só pode sobreviver, se o legado se fizer presente, e o legado é o outro, é o conjunto, é o todo em um, é um que faz pelo todo e a ele está ligado. Ser um e ser o outro é tudo para ambos. Enquanto isso não acontecer, nada existe, e o fazer, o andar, o amar, o realizar, permanecem no mundo das intenções.

156. Porém, o mundo das intenções é um mundo ilusório e apenas serve para o esconderijo dos que se recusam a entrar na vida no momento da chance da consciência.

157. Pois, a consciência é uma chance, embora seja essencial ao ser humano, mas para o inconsciente, que vislumbra a possibilidade de ser consciente, e ser consciente agora, é sua chance encontrada no tempo.

158. E perdê-la, seria desprezar a possibilidade de deixar a morte e assumir a vida. E assumida a vida, assume-se a sobrevivência, sobrevivência que está em um, porque está em todos, e está em todos porque está em um.

## União dos Seres Humanos

159. A humanidade está hoje isolada, da mesma maneira que estava logo após o acidente.

160. Uniram-se as fronteiras dos países, mas isolaram-se uns dos outros. Uniram-se raças, mas isolaram-se umas das outras. Uniram-se em grupos de várias naturezas, mas isolaram-se uns dos outros. Uniram-se em famílias, mas isolaram-se uma das outras. Os membros das famílias estão reunidos, mas depois de algum tempo, isolam-se uns dos outros.

161. Karran deu a mão psicológica a uma pessoa e essa pessoa o acompanhou. Participou de seu modo de vida. Outras pessoas observaram essa pessoa e a acompanharam também em seu modo de viver.

162. Muitas pessoas estão tentando unir-se ao grupo, mas isolam-se dentro do próprio grupo. Enquanto não houver união, não haverá maneira de sair do acidente.

163. Necessidade de união dos seres humanos: a união dos seres humanos é o ponto fundamental pelo qual deve começar a reconstrução e a solução dos problemas do nosso planeta. O futuro do ser humano, que tem registro de matéria, é ter matéria disponível para realizar seus objetivos no mundo físico. Ora, se nós necessitamos de matérias humanas, e matéria da melhor qualidade possível, então todos os nossos esforços têm de se voltar para esse fim. Do contrário, complicaremos o mundo social e o próprio mundo individual ao gerar matéria deficiente ou ao não gerar

matéria. Para que isso aconteça, todos têm de saber e entender o objetivo fundamental de nossas atividades. O ponto central de tudo é o ser humano. É a matéria humana que precisa ser trabalhada, melhorada e conservada. Essa união dos seres humanos só tem um meio de começar: é pelo entendimento de cada indivíduo até que todos cheguem ao entendimento comum. Quando o indivíduo entender, compreenderá seu semelhante e seus atos, sejam eles quais forem.

164. A começar pela família biológica, primeiro grupo ao qual o indivíduo pertence, esse será encarado como fornecedor de futuras matérias, dentro do entendimento da continuidade da vida humana, no mundo físico. Todas as uniões das pessoas têm objetivos distintos do verdadeiro interesse do ser humano, por isso não dão certo. Os países se associam por interesses de potência. As religiões se associam por interesses das promessas que fazem aos indivíduos, não dando a estes nenhuma certeza sobre o que prometem. As entidades filantrópicas se associam por interesses de um "bem comum", mas nesse "bem comum", o ser humano, em si, não tem nenhuma vantagem.

165. Todos os grupos sociais, enfim, têm objetivos imediatos e dirigidos para dentro do sistema limitado em que estão vivendo. Dentro de um grupo, seja ele qual for, notamos que não existe união, o que existe é um conjunto de pessoas reunidas, cada uma das quais com seu interesse individual, tentando fazer com que o conjunto de pessoas, ao seu redor, entenda e siga a sua opinião ou o seu objetivo. As pessoas, ao participarem de um grupo, não tentam somar seus interesses com os interesses dos demais participantes do grupo. Quando a soma do meu interesse com o interesse da pessoa que está ao meu lado, formar um todo, então começará aí a primeira união grupal. Nós levamos para o grupo as ideias, mas deixamos em casa, no trabalho e em outras atividades que desenvolvemos nossos interesses reais. Se o grupo, um dia der

certo, e eu tiver vantagem nisso, aí poderei participar ativamente: é assim que raciocinamos. Mas, esse participar, ainda é totalmente individual. Possivelmente essa mudança só venha a ocorrer, quando nós pensarmos além da perspectiva temporal da vida física, dentro do sistema, no qual estamos agora inseridos. Aí então, veremos que todos os interesses que ainda temos terão de ser abandonados por falta de perenidade temporal. Pois, a ultrapassagem de uma ou mais geração, na vida física, forçará e gerará, necessariamente, outro entendimento dos interesses na vida física do atual sistema.

166. O que é importante em uma geração, na outra pode não ter nenhum significado. E nesse momento, o grupo será o único elemento físico a subsistir. O valor do grupo então será fundamental, daí em diante. Mas, esse entendimento, terá de começar a existir antes da passagem da primeira geração. Pois a vida grupal, para nós, participantes da Técnica Física para a Conquista da Autoconsciência, é a garantia de nossa sobrevivência no mundo físico, de modo consciente. Nós, até agora, buscamos a continuidade da consciência, mas esquecemos de que a continuidade da consciência depende inteiramente da continuidade da matéria física de nossos corpos. E essa continuidade física só a união nos pode garantir. Não peço que se unam agora, mas sugiro que busquem, o mais depressa possível, o entendimento da necessidade da união dos seres humanos. Depois desse entendimento, a união física será uma simples conseqüência.

# A FILOSOFIA DA TFCA
## Bianca [M.A.O.]

# Ser Irmão

167. Por que nós devemos nos convencer de que devemos ser conscientes? Por quê? Porque nós necessitamos de um corpo físico consciente para voltar aqui, quando não tivermos mais este que usamos agora. E onde está esse corpo físico consciente? Quem vai nos dar esse corpo? Esse corpo está com aqueles que são irmãos! Serão os irmãos que fornecerão esse corpo consciente para a nossa volta. Somente os irmãos poderão fazer isso, e não aquele que precisa do corpo. Aquele que precisa do corpo não tem um corpo para fornecer a si mesmo. São os outros que têm o corpo consciente, para fornecer para a volta dele. São outros que o têm. E é por isso, que nós somos irmãos uns dos outros. É por isso, que todos nós somos um. É por isso, que cada um de nós é todos ao mesmo tempo. É por isso, que um não fala para os outros, fala para si mesmo. É por isso, que todos os irmãos, não falam para os outros, falam para sim mesmos. É esse o motivo, pelo qual um quando fala, pode convencer a todos, e todos, quando falam, podem convencer a cada um. Um é o outro, e o outro é cada um: isto é ser irmão.

168. Ser irmão é você me fornecer o corpo que você tem, para eu continuar consciente.

169. Ser irmão é eu fornecer o corpo que eu tenho, para você continuar consciente.

170. Ser irmão é um ser o outro, e o outro ser cada um.

171. Ser irmão é amar, como se ama a si mesmo, e ser amado

como o outro ama a si próprio.

172. Ser irmão é necessitar do outro, tanto quanto o outro necessita de mim.

173. Ser irmão é querer pela vontade do outro, enquanto o outro quer pela minha vontade.

174. Ser irmão é ter o que o outro tem, e fornecer ao outro o que eu tenho.

175. Ser irmão é pensar como o outro pensa, e ser entendido pelo outro, quando eu penso.

176. Ser irmão é fazer o que o outro faz, e o outro praticar o que eu pratico.

177. Ser irmão é rir, chorar, cantar, comer e vestir com o outro, e o outro ri, chorar, cantar, comer e vestir comigo.

178. Ser irmão é o meu sangue correr para você, e seu sangue correr para mim.

179. Sem isso, eu não estarei aqui de volta e nem você estará também.

180. Sem isso, não daremos continuidade à consciência.

181. Sem isso, interromperemos a vida.

182. Sem isso, não somos ninguém, porque eu não sou você, e você não é eu.

183. Sem isso, nada existe, porque não existe a consciência. Pois, a

consciência é eu e você, você e eu. A consciência somos nós.

# A FILOSOFIA DA TFCA
## Bianca [M.A.O.]

# A Liberdade Humana

184. A liberdade humana é a ação da vontade em direção ao outro ser humano que também quer. Pois, para que um ser humano seja livre, é necessário que todos os seres humanos o sejam também. Ninguém pode ser livre, enquanto a não-liberdade reina entre todos ou entre alguns. A vida é feita de amor, e amor é ato livre que parte da vontade. Mas, quando falta a liberdade, falta antes a vontade de amar daquele ou daqueles que tolheram a liberdade. A liberdade, portanto, não está em um nem em dois, está em todos, quando todos se reconhecem humanos e podem assim conviver, cada um com a sua natureza própria e com a natureza própria de todos. Pois esse é o princípio fundamental para que a liberdade exista. Esse princípio diz que o direito de um é o direito de todos, que o dever de um é o dever de todos. Portando, não há liberdade sem igualdade. Igualdade humana e não apenas de direito, pois só o fato de ser um ser humano, já mostra que o direito de um é igual ao direito de todos, porque o ser humano é igual em tudo.

185. Porém a constituição humana de um e de outro não é uma igualdade em si, mas é o fato que os torna semelhantes. Ser livre é ser semelhante, e quando se é livre, todos os direitos e deveres fazer parte de um e de todos. Quando isso não acontece, todas as explicações adicionais são inúteis, porque com explicações adicionais, está-se fazendo reinar a injustiça. Pois a injustiça provém da acumulação de vantagens sobre um e outro e sobre, principalmente, de um sobre o outro. E essa diferença entre um e outro, criada pela inconsciência, é que deturpa e elimina o sentido e o sentimento da liberdade. Liberdade é cada um fazer o que quer, mas este "fazer o que quer" inclui a natureza do outro, que é

semelhante a cada um. Pois ser semelhante gera a igualdade de ação e de poder agir e fazer tudo o que se quer, deixando o espaço para aquele que quer também fazer.

186. Não se pode ser livre imaginando a não-liberdade do outro. A liberdade do outro dá a condição necessária para cada um exercer o seu direito humano onde quer que esteja. Assim, fazer ou não fazer, não depende somente da vontade, depende também de incluir o outro na vontade daquele que quer. Pois essa inclusão do outro é o princípio que rege todo o – humano.

187. Quando todos têm o necessário à vida, estabelece-se a justiça como um todo. A partir daí, possuir objetos a mais um que o outro gera a ganância e a desproporção na vida humana. Essa desproporção só tem justificativa, quando aquele que possui mais, age com "este mais", em função e em proveito de todos. Pois é para isso que os bens, os objetos e as criações existem no universo. Existem para que todos vivam e sejam humanos. Portanto, a acumulação de bens sem a função do todo gera a injustiça, porque um só não tem necessidade do que faz falta ao outro. E, portanto, começa a subtrair do direito do outro aquilo que não é direito seu. Essa é a raiz da injustiça. Pois, a falta de liberdade é determinada pela injustiça e a injustiça é gerada pela falta de visão do outro. E essa falta de visão do outro leva um e outro a se confundirem entre as coisas criadas e confundirem as coisas criadas como bens, acima do bem humano, que é a vida, o amor, a sobrevivência, o andar, o fazer, enfim, a realização humana no seu todo e como um todo no universo.

188. Ser livre é ser feliz e este "ser feliz" é fruto da justiça e do amor entre um e entre todos. Assim, não se condiciona a liberdade apenas à prisão ou à possibilidade de movimento físico. Pois, esse ato, já é fruto do tolhimento da liberdade de pensar e de querer, que é gerado pelo interesse individual e não comum.

189. Quando há o comum entre os seres humanos, há então o estabelecimento de tudo o que é direito e dever de cada um. Esse procedimento humano não provém de leis escritas, provém da consciência, porque faz parte da consciência.

190. E, portanto, é a consciência que sempre determina qualquer ato humano. E, qualquer ato, que não seja humano, não provém da consciência, mas de outros elementos ou de outro elemento que não é humano. Sempre que o ser humano atua como – humano –, ele atua com liberdade e deixa atuar a liberdade de qualquer um que também é humano. Quando não há o – humano – em qualquer ser humano que atua, ali não pode haver liberdade, ali nem um nem outro podem ser livres, porque um não se coloca como semelhante do outro, mas como diferente. E sempre que se forja uma diferença entre um e outro seu humano, forja-se a injustiça. E a injustiça impõe a escravidão, e esta escravidão invade o ser humano. Portanto, não há apenas a liberdade física, há a liberdade em todas as esferas do – humano – , isto é, no pensar, no querer, no sentir, no andar e movimentar-se. E quando esta liberdade não existe em todo o – humano –, é porque lhe foi tirado algo que lhe dá direito a ela. Ser livre não é ter o poder de se impor sobre os outros. Este falso e ilusório poder já é falta de liberdade sobre si mesmo, pois o ser humano tem todos os poderes, até o poder de se auto-escravizar, embora, este poder pareça provir da inconsciência diretamente. No entanto, quando ele se auto-escraviza, ele está tentando usar o seu poder, que lhe é legítimo. Mas, a inconsciência não é o que impulsiona isso, e sim a falta de visão do outro é que faz isso acontecer.

191. E essa falta de visão do outro é que é produto da inconsciência. Pois, a inconsciência é cegueira humana em todos os sentidos. E o ser humano, cego pela inconsciência, fere e agride a todos, sem ver que fere e que agride. E, neste momento que não vê, também não é livre. E, não sendo livre, não deixa que o outro o

seja. Porém, quando o ser humano começa a ver pelos olhos da consciência, por menor que seja esta visão, ele começa, em primeiro lugar, a ver o outro, e, vendo o outro, vê a si mesmo. Daí então, essa visão recíproca estabelece a justiça e consolida a liberdade de um, do outro e de todos.

192. Liberdade, portanto, é o poder de fazer, de agir e de se movimentar pelo universo sem fim. Mas, o poder de fazer é dirigido pela vontade e a vontade está na mesma direção do semelhante. Daí se deduz, com clareza, que um ser livre inclui a liberdade do outro. Pois, do contrário, o ser humano não seria humano. Enquanto um seria humano e o outro não, não se teria um conjunto humano, mas um humano estabelecido acima do conjunto. E isso é o afastamento da possibilidade de qualquer um ser livre. A liberdade é, portanto, o direito que cada um tem de ser a si mesmo, enquanto, deixa também o direito de o outro ser ele mesmo. Por isso, não existe nem falta e nem excesso de liberdade. O que existe é a cegueira inconsciente que não permite nem a visão de si mesmo, nem a visão do outro.

193. Todos os seres humanos têm a natureza humana, mas quando não agem conforme a natureza que possuem, não são humanos, e, portanto, não são livres e não deixam o outro ser livre. A água molha. O fogo queima. Molhar é produto da natureza da água, queimar da natureza do fogo. O ser humano vive e ama. Viver e amar são produtos da natureza humana, mas quando a natureza humana não produz seus efeitos, ali não há o – humano –, e, portanto, não há liberdade que é resultado da natureza humana.

# A Comunidade Humana

194. Comunidade é o encontro dos que se amam. É a volta dos que saíram. É a chegada dos que foram. É a saída dos que chegaram.

195. Ser vivo é ser comum. Ser sábio é ser comum. Ser bom é ser comum. Ser comum é ser tudo aquilo, que se deixou de ser, porque se constituiu em isolamento sem saída. A vida é uma saída, mas não viver em comum, é se fechar em si mesmo, e não obedecer à própria vida, que abre todas as saídas, para aquele que chega e para aquele que sai. Somos sempre o que somos, mas podemos ser mais do que o que somos, quando estamos em comum, pois a comunidade faz acontecer, faz viver, faz andar e progredir, porque é a saída da morte e da estagnação do viver em si mesmo. Em si mesmo, porque se esqueceu do outro. O outro compõe a vida para mim e para ele. E uma vida sem composição de um e de outro, nada tem de comum, nada tem de social, nada tem de união, nada tem de progresso e de amor.

196. Pois, amar conta com o outro, porque o objeto amado está fora de si próprio, e se estende pelo mundo humano, isto é, só pode acontecer no comum, e não no isolado de cada um. Por isso, a comunidade é o campo do amor, da vida, do movimento em direção à existência, e ao não terminar nunca de existir e de fazer, porque o existir e o fazer são a essência humana, que faz a existência se concretizar como realidade sem fim.

197. Vivemos em nós e nos outros, mas o parar de viver reduz a vida em si mesmo e no outro. E para-se de viver, quando o comum

não existe, como ideal de vida. Essa estagnação do viver é o retrocesso do amor, e de suas realizações no campo da vida. A vida é a luz do tecido humano, que forma o conjunto comum de uma sociedade de seres sem fim. Porém, colocar fim em cada indivíduo, dentro do social, é romper o tecido, que cobre toda uma comunidade de vida. E para que uma comunidade de vida tenha a sua extensão natural, é necessário que a vida a impulsione, mas a vida não se desloca para frente sem o amor, pois o amor é que fundamenta e dá a razão de viver e de existir. Não vemos a vida se não vemos o amor, mas fingir que ama é enganar a vida, dentro de si mesmo, e trocar o andar pelo parar. É tornar a morrer, depois que a vida já estava constituída, como elemento fundamental do fazer humano e do realizar da existência.

198. Para que se seja comum, é preciso que se seja a mais de si mesmo, se veja além de si mesmo, se ande em direção ao outro, se faça pelo e com o outro, sem esperar que alguém me retorne algo, pois a vida é o próprio retorno do ato de viver daquele que vive em si mesmo e no outro. Viver é movimentar o universo e o movimento do universo vem de um e vem do outro, e isto é que forma o comum, porque o comum não pode ser de um só.

199. Ninguém mora na comunidade, pois a comunidade, que é a obra do comum, só pode ser um fato, se o comum for o seu impulso e a sua constituição intrínseca, pois sem isso, teríamos um lugar com um nome e uma maneira de estar ali, para morrer mais uma vez. Como a comunidade é vida, ali não há morte, e, em não havendo morte, todos formam um, enquanto um não desaparece pela morte, porque o todo é que o sustenta e o vitaliza no princípio do existir pelo amor. O comum são todos e não um só. Pois, um só, dentro de si mesmo, é o egoísmo cristalizado, e sem vereda para o outro, e isso não pode formar o comum, porque tem outra natureza, isto é, tem a natureza de um, e não de um com o outro, que é a natureza do comum. Comum é com o outro, e não estar com o outro é estar fora da vida, pois para estar consigo mesmo, é

preciso estar vivendo, e ninguém está vivendo, senão com o outro, porque não há vida de um só. Se assim fosse, a comunicação não teria razão de ser, de existir entre um e outro. Pois, a comunicação é a relação de vida, que existe entre um e entre todos, e isso, por si só, já explica e justifica o comum. Mas, explicar e justificar o comum, ainda não faz perdurar e existir uma comunidade humana, porque o humano precisa se estabelecer na sua plenitude, para que o comum seja comunidade.

200. Fazer o comum não é uma sociedade e nem uma soma de elementos, é uma fusão de interesses e de objetivos, que mantêm o interesse pela vida, porque a vida é o grande e o único objetivo do comum. Comum, que abrange o isolado e o social na mesma esfera de interesse. Pois, quando o isolado se dispõe a ser comum, ele precisa do outro para sair de si mesmo, e quando o comum age e se desdobra em seus objetivos, ele necessita de cada pessoa em si, para desdobrar a vida e manter o comum. Comum, que é feito de cada elemento isolado, mas estendido no mesmo objetivo, pelo amor e pelo viver.

201. Ser um e ser todos, eis a essência do comum. Essência, porque no centro do comum existe um e existem todos ao mesmo tempo. Pois, não reconhecer um que está no conjunto é fazer reinar a injustiça, enquanto que um não reconhecer a necessidade do conjunto, para que um exista, é desconhecer a sua própria origem e perpetuidade, como ser e como humano que é. É necessário, portanto, andar com um e com todos, pois todos só podem existir e serem reconhecidos por um, e um ser reconhecido por todos. Todos, que lhe dão a própria existência em separado, para formar o conjunto e viver. A vida é conjunto, é ligação, é estendimento por um e por todos ao mesmo tempo.

202. Já se viu que não há vida sem todos, e não há um sem o outro, e não há o comum no isolado, mas o isolado é que forma o

conjunto, e o conjunto é que possibilita ao isolado ser indivíduo, e existir na plenitude do ser, como existente. Essa ligação e fusão fazem o comum, e o comum faz a comunidade, e é esta comunidade, que forma o social humano, e não o humano, como massa informe e sem coesão de objetivo e de existencialidade perene no campo da vida. Pois, a vida não é um mero conceito, é uma extensão, que tem seu fundamento no projeto humano de viver, e não apenas do simples existir, como número de um conjunto qualquer. Pois, isso é a sociedade informe e vazia de sentido, e de plenitude, porque ali falta o elemento humano, e só existe o cálculo estatístico da existência. Existência, que não tem sentido, porque é uma sociedade que não se associa, se dispersa, não se une, se separa, não convive, se mata e se anula, não se ama, se odeia e se desfaz, até a extinção de um e de todos.

203. Para que isso não aconteça, é necessário que o conjunto se coloque juntamente com cada um, e cada um se coloque no conjunto, para buscar a vida pela prática do amor. Amor, que faz a plenitude da existência de um e de todos, no contexto comum, que forma o conjunto comunidade.

204. A comunidade, portanto, não é um lugar e nem uma residência. A comunidade é um conjunto vivo, que sobrevive em um, ou em qualquer lugar. Pois, sobreviver em um lugar qualquer é um mero detalhe do tempo. E, a comunidade está além de qualquer tempo, porque é união perene, sem limite e sem dimensão.

# O Amor Humano

205. O amor humano é doação total sem pedir retorno do outro. O amor é a vida para o outro sem que o outro possa viver para mim. Exemplo: um casal adotou duas crianças deficientes físicas totais porque sabiam que na presente vida física essas crianças, jamais, poderiam retribuir o mínimo que fosse desse amor. Só assim o casal teria certeza de que amariam com amor humano sem retorno, pois o objetivo da adoção era amar como ser humano total, sem sequer pensar no retorno desse amor. Mas, quem disse que isso não foi feito? Pois, o casal julgava que pelo fato de as duas pessoas serem deficientes físicas, não seriam capazes nem de amar. Mas o casal nunca foi tão amado, pelo ato de acolher aquelas duas pessoas, e pelas duas pessoas foi amado.

206. Amar é viver pelo outro sem que o outro viva por mim. É pensar sem ser pensado. É querer sem ser querido. É dar sem receber. É fazer sem que lhe seja feito. É ir sem retornar. É ver sem ser visto. É sair sem voltar. É estar sem esperar que alguém esteja. É ser tudo quando nada existe. É ser feliz com os felizes. É ser infeliz com os infelizes. É chorar com os que choram. É rir com os que riem. É ir com os que vão. É voltar com os que voltam. É estar com os que estão. É ser com os que são. É, enfim, fundir-se com o outro, porque o outro sou eu e eu sou o outro.

207. O amor é vida e vida é amor. É amar sendo odiado. É nunca odiar porque só existe o amor. É notar sem ser notado. É fazer quando ninguém faz. É deixar de fazer quando o fazer prejudica. É compreender sem ser compreendido. É viver sem nunca morrer, porque morrer é deixar de amar. Já que quem não ama não vive. É

perdoar sem ser perdoado. É acolher sem ser acolhido. É saber como se não soubesse. É não saber quando o saber agride. É ter com os que têm. É não ter com os que não têm. É existir com os que existem. É o outro ser tudo para mim, mesmo quando eu sou nada para outro. É mostrar, se mostrar constrói. É esconder, se esconder ajuda.

208. O retorno do amor está na grandiosidade do ato de amar. Se pudéssemos comparar o amor com a chama de uma vela que acende outra, veríamos que quanto mais doa, maior se torna pela própria doação. Não é o outro que me retorna o amor é o próprio amor que se retorna a si mesmo naquele que ama.

209. Existe o "sim" e não o "não". Existe a luz e não a escuridão. Existe o ser e não o nada. Existe a vida e não a morte. Existe o amor e não o ódio.

210. A plenitude do ser humano se encerra nestas três palavras: beleza, verdade e amor. A beleza para o universo. A verdade para a mente. O amor para a vontade.

211. O amor convence e arrasta sem impor e sem magoar. O amor convence, o amor apoia, o amor eleva. A linguagem do amor é a compreensão e o perdão.

212. O amor é coletivo. Eu amo porque existe o outro para ser amado. O outro é motivo do amor. A dimensão do amor é o infinito e a sua duração é a eternidade.

213. O amor é consciente. Não há amor sem consciência. Não há consciência sem amor.

214. Viver o amor é proclamá-lo. Falar do amor é ocultá-lo. A duração da vida não está na existência da matéria física, está na dimensão do amor, porque viver é amar e amar é viver.

# A FILOSOFIA DA TFCA
## Bianca [M.A.O.]

# A Criação como Ato Criado e Criador

215. A convergência, de tudo o que é humano, forma a criação. O universo existe, porque o ser humano é. O amor existe, porque o ser humano é. A vida existe, porque o ser humano é. Assim, porque o ser humano é, existe o universo e todas as suas criações e qualidades.

216. Aquele que ama é amor. Aquele que vive é vida. Aquele que faz é obra, mas não é a sua própria obra, criada por si, esta é um reflexo de seu ser. A vontade é o que ela quer ser, mas antes de querer ser algo, ela já tem expressão, como característica do ser humano criado. O amor é obra do ser humano, mas quando o ser humano é, o amor já está nele, como fundamento do fazer, do andar, do ter, do ser e do estar, pois para que a obra exista, é necessário que o existente tenha justificativa no mundo da criação, e o mundo da criação, só se justifica pelo – humano – e pelo amor. A vida tenta, e vai, e vem, mas, se consolida no – humano –, que pode dirigi-la e realizá-la em tudo o que se pode perceber, como fazendo parte do criado.

217. Todo o criado está em direção à vida. A vida está em direção ao amor, e o amor é a causa da criação. Criação do humano e criação humana, criação do ser e criação do estar, criação de tudo o que é e está para o ser humano, base de todo o existencial.

218. Pois, a vida existe pela sua própria vivência, ou seja, pelo seu próprio ato de viver. Pois é o viver que demonstra a existência da vida.

219. Por isso, é que se é tudo e se é nada, pois quando a existência tem, e é vida, tudo está consolidado e se realizando como totalidade. Quando falta algo desse total, tem-se então a displicência do ser, e a não-realização do estar de sua natural estrutura de existência. Porém, não se vê, se não se tem olhos para isso, não se anda, se não se tem força para isso, não se consolida nada no universo, se não se tem vistas para o estar e para o fazer. Viver sem agir resulta na contradição do universo, pois o universo é fruto da ação, e a ação é o que o justifica e o faz ser o que é. Sem movimento, a vida não é a vida e o amor se estagna, e se transforma em ódio, que é a sua ausência. Quer-se, porque se tem vontade, enquanto que, a falta de querer anula a capacidade humana, que constitui o ser humano, como – humano –, transformando-o em outra natureza, não específica, mas retrógrada na criação, e no sentido pleno do universo. O universo se consolida, quando todas as coisas que o compõem são sólidas. A vida movimenta o estar. O estar passa porque não é permanente. O que é permanente está sempre presente, e não tem passado e nem futuro. O que é fixo não se move e não é movido, mas o que se move e é movido, realiza a obra de sua natureza, sendo que todas as coisas, no seu conjunto, formam uma natureza única: fixa e móvel. Ande-se e tudo andará ao redor. Pare-se e tudo parará, pois, quando o ser humano quer, a vontade está em ação, porque a ação da vontade é a sua natureza.

220. Portanto, cada natureza deve realizar a sua estrutura de ser, para que o andar se produza; do contrário, a vida para, e parando a vida, para o próprio universo, e se contradiz a criação, que é ato contínuo. O ato contínuo continua o seu estado de ser, mas a inconsciência, não interferindo no movimento da vida, não interfere no ato de ser do próprio SER. Mas, essa não-interferência só tem a sua razão, quando o ser humano, estando consciente, não determina o direcionamento da vida. E não o determinando, a vida se faz pelo fluxo de tudo o que é levado, e não pela vontade que

leva.

221. A vontade leva, por isso tudo o que para não é fruto da vontade, mas da sua negação, como força criadora que é. A vontade cria além do criado, pois criar é um ato provindo do criado, que se justifica, pela consolidação da existência, como um todo, e não de uma imaginação variável da criação.

222. As coisas concretas são concretas, as volúveis são volúveis, as naturezas todas são o que são, mas o ser humano é o único que é, porque ele é a base de todos os seres, que têm o nome de ESTAR. Têm o nome de ESTAR, porque não são, estão, pois são seres inconstantes, que estão depois do SER, porque o SER, como SER, é constante.

223. A constância do SER é o fundamento dele, e toda a sua posterioridade é o ESTAR, isto é, são os SERES, que estão. Pois, o SER constante é o ser que é em si mesmo, enquanto que, os SERES, que estão, só podem estar em outros SERES, e então, não estão em si, por isso, denominam-se ESTAR.

224. Vive-se, mas a vida não está. Ama-se, mas o amor não está. Existe-se, mas a existência humana não está. Tudo isso é assim, porque constitui a essência humana. Tudo o que diz respeito ao – humano –, é em si mesmo, porque todo o estar é colocado no universo pelo – humano.

225. Pois, o universo, quando criado, está como o ESTAR dos ESTARES. ESTAR dos ESTARES, porque é a base das coisas criadas, e não do criado para criar. A criação é um ESTAR permanente, mas transformável, enquanto que, o criado pelo – humano –, é uma transformação permanente, mas mutável em seus aspectos secundários.

226. Ser algo modificável é estar para os ESTARES do universo. Ser algo permanente é estar em si mesmo, pelo ato da criação. Ato da criação, porque esse ato é o fundamento de todos os fundamentos, pois só depois dele, é que as sucessões acontecem, e se distribuem em proporções, criadas pelo poder de criar, que é também, um ato da criação.

227. A criação consolida o universo, mas o universo existe e se movimenta, porque o ser humano presencia e percebe, do contrário, o sentido de tudo estaria no escuro, porque lhe faltaria a luz e o entender, que provém do – humano. Como se vê, o humano é que faz existir, faz consistir, pois é ele que dá sentido à criação. A criação não é um acaso estático, é uma função humana, pois o – humano – dá sentido à criação, porque é um ato criado que cria, e o universo é apenas um ato criado. O fluxo da natureza é estável e permanente em suas sucessões, enquanto que, o ser humano é permanente em si, e dá permanência às modificações do universo criado, quando pela vontade, interfere nele, e o modifica de seu estado natural de criado.

228. Criar e ser criado veja-se a grande diferença. O universo é criado para ESTAR e ser modificado. O ser humano é ato criado para criar e modificar, daí a sua natureza de – humano. Pois, ser – humano –, é agir, é modificar pela consciência, porque sem esta, tudo é estagnação sem movimento, e sem interferência da vontade, que modifica.

229. Cada coisa é o que é, por isso o ser humano tem de voltar a ser o que é, isto é, modificador e transformador do universo criado. Esse é o sentido da criação, que está colocado para o – humano –, que é criador. Mas, para que o ser humano seja criador, para o qual foi criado, ele tem de recuperar a consciência, que foi perdida, dentro do ESTAR da criação. Quando isso acontecer, o universo voltará a ser universo, porque o ser humano voltará a ser – ser

humano. Pois o universo é o SER que está, e o ser humano é o SER que é.

# A FILOSOFIA DA TFCA
## Bianca [M.A.O.]

# A Permanência Humana e o seu Desnudar

230. A vida humana subsiste além da vida material do corpo. Tirar a vida seria tirar a matéria humana, que é a extensão da vida no universo físico. Essa extensão é o corpo. Esse pode ser abatido, destruído, mutilado, mas a vida humana que sustenta a perpetuidade, jamais pode ser tirada.

231. O que fundamenta e explica o universo físico e extrafísico é a existência permanente do ser humano, que se estende pelos dois universos, sendo que um, o da primeira frequência, é inatingível pela destruição, enquanto o outro, o da segunda frequência, é modificável e sensível de interferência pelo próprio universo físico e seus componentes. Mas, o ser humano sobrevive a tudo e a todos, por ser ele, a única razão da existência e da criação.

232. O ser humano não vive como função do universo, o universo é que está em função humana, é que serve ao ser humano, é que se situa após o humano, dando-lhe a condição de criatividade e de extensão da vida.

233. A vida faz existir até o próprio universo, pois sem a vida o universo seria uma não-existência falida e sem sentido na totalidade da existência. Existir é ter vida, mas a vida provém do ser humano que é a sua fonte e o seu fluxo. Quando alguém destrói a matéria que o ser humano usa, está destruindo apenas a extensão da vida e não a sua fonte. Pois, a fonte da vida é o próprio viver humano que se concretiza no mundo físico, mas cuja essência está muito além, já concretizada pela criação. O ser humano vive e existe; tirando-lhe a existência física, a vida que fundamenta todo o existente se estende

e se renova em outra face do universo, fazendo a existência florescer, seja ela de que natureza for. O movimento, o andar, o fazer, o realizar qualquer ato ou efeito é fruto da vida e do viver, e quando se impede esse movimento paralelo à vida, interrompe-se apenas o fluxo do efeito, mas não se para a vida e nem se a extingue, porque a vida que tudo cria e tudo faz é movimento que gera movimento e, portanto, o próprio movimento gerado por ela não a impede de fazer mover.

234. Por isso, a morte, que só é entendida no campo físico, fica e permanece nele, não tendo potência além dele. E como o ser humano está além do físico, ele, em sua essência, não passa a ter a influência da morte, que tem seu nível apenas físico. Mas, para que o ser humano saiba e perceba isso, ele necessita de consciência ativa, que é a consciência além do físico, e, portanto, além do tempo. Enquanto o tempo parece interferir na interrupção da consciência, a consciência retorna de seu âmago para renovar e reconhecer a vida em toda a sua extensão: física e extrafísica. A consciência imagina a morte, pois a morte não a atinge, portanto não é uma experiência de vida, a vida é a própria experiência da consciência e desconhece a morte.

235. Portanto, querer morrer é um ato consciente, pois o inconsciente não decide morrer porque a morte já está nele que não decide pela vida. Mas enquanto o ser humano decide pela morte, ele se esconde da vida atrás do tempo, que volta a ser tempo para ele, quando a consciência for novamente ativada no quadro do universo.

236. O substrato que consolida a vida está na base de todas as existências, pois as existências são os efeitos e as consequências da vida, que tudo suporta e mantém no tempo e além do tempo, sem esperar que as interrupções do tempo se sucedam, porque o

tempo é também consequência da vida. Quando se fala em permanência da vida não se fala em tempo, nem em suas interrupções, pois como pode a consequência interferir na causa? A causa que está antes da consequência não é determinada por esta, mas a precede em todas as suas fases e movimentos; por isso, a vida está antes, e tudo o que se refere e se contextua no tempo está depois.

237. O ser humano está antes do tempo, por isso não pode temê-lo e nem se perder nele, mas dirige-o e o ordena porque é dono da vida que produz o tempo e o orienta.

238. A consciência não anda e nem é estática no tempo, porque não se contextua no tempo, mas na vida. A vida e a consciência se mantêm juntas, porque a consciência é o movimento da vida, mas não o movimento fragmentário que tem natureza temporal, pois a permanência e extensionalidade do existir se faz por um ato de vida e a vida é um único ato, o ato presencial do – humano – que ultrapassa todo o existencial criado pela força da própria vida.

239. A consciência vem e vai e anda sempre, enquanto que as criações da consciência vão e ficam, vêm e se desvanecem, porque não são entes conscientes, pois todo o consciente é permanente e estende a vida, enquanto que, o que a vida cria, e leva, e traz, é sempre seu fruto e sua consequência, e, portanto, não anda e não se estende, apenas se movimenta no tempo e na extinguibilidade da matéria.

240. Isto tudo quer dizer que não é a vida que para e é interrompida, mas os seus efeitos, as suas consequências, as suas criações, porque tudo isso é obra do ser humano e a obra perece, mas o seu autor permanece. Não morrer é não se confundir com a própria obra perecível, é ter consciência para ver a essência, isto é, além da obra perecível. Não querer morrer é o acionamento da

consciência em direção à vida, à existência, à perpetuidade do universo, ao fluxo permanente do amor. Querer morrer é desistir de SER e se colocar apenas como o ESTAR, para ser interrompido e esfacelado pelo tempo e pelas vicissitudes da matéria perecível.

241. A consciência cria o tempo porque cria e modifica a matéria e, portanto, não tem parte e não toma parte na morte, que é fruto apenas do ESTAR. Como o ser humano é o próprio SER, ele cria o ESTAR, e, portanto, não está nele e não se modifica com ele.

242. Quando há modificação do ser humano é quando a consciência é abandonada e ele se finge de ESTAR, porque não pode mudar a sua identidade de SER para ESTAR, por isso, só o fingir lhe cabe. E fingir é mentir para si mesmo, enquanto sabe que a sua essência é SER e não pode modificar e nem desistir daquilo que é a sua própria substancialidade e consistência primordial: o SER. Buscar a consciência e continuar agindo pela inconsciência é a tentativa contínua de abandonar o SER e se colocar no lugar do ESTAR, o que representa a contradição de todo o criado e da obra da criação. Por isso, o ser humano, quando não cria, nega a consciência e nega a sua própria natureza, mas negar não é extinguir, pois a mentira não se sobrepõe à verdade, tenta apenas substituí-la, mas a vida não se substitui, se vive.

243. O SER não está, ele se concretiza em si mesmo, cada vez que a consciência age e se prolonga no universo. Portanto, decidir é tomar um rumo, e o ser humano que está no caminho da consciência e decide ainda pela inconsciência, está tomando o rumo do ESTAR, sem se preocupar com o SER que ele mesmo é, e continuará sendo, porque está antes de sua vontade. Mas, a permanência na inconsciência é o grande fingimento e a grande tentativa da mentira do SER e da vida. Tentativa, porque não está nas mãos do ser humano desfazer a vida e nem modificar o SER, que é um poder antes de todos os poderes.

244. O SER é o poder dos poderes que sustenta a vida e mantém o ser humano como fundamento do ESTAR do universo, mas não como fundamento de si mesmo, porque quando o ser humano se percebe no universo, ele já está fundamentado.

# A FILOSOFIA DA TFCA
## Bianca [M.A.O.]

# A Violência

245. A violência é o ato humano sem amor. Destruam-se os exércitos, parem-se as guerras, a violência continuará dentro do ser humano, enquanto ele não amar. Amar é a solução para não agredir. Viver sem amar é a própria violência em ação. Ame-se e a paz existirá. Viva-se e o amor agirá. Somos violência se o amor não existir. A violência não está nas guerras, a violência está dentro do ser humano que não ama. Quando não amamos geramos violência e somos violência, porque a violência é a inversão do ser humano. Ser um ser humano é ser amor e ser amor é não agredir, não matar, não impedir a vida, não retornar do caminho do amor, não ser violência. A violência deixa de existir quando o ser humano se torna humano. Sem a humanidade a violência se espalha.

246. A humanidade é o amor disperso pelos seres humanos no mundo. Um mundo sem amor é um mundo sem seres humanos, por isso a violência pode estar em qualquer lugar, se nesse lugar não há o – humano. O – humano – é que humaniza, é que gera a paz, é que faz o amor existir e quando o amor existe, o ser humano volta ao seu lugar e vive e existe a paz e não a violência. Ser vida, ser amor, ser paz é ser – humano. Somos humanos, somos vida e somos paz, se somos humanos. Se não somos humanos, nada existirá de humano, nem a vida, nem o amor, nem a paz.

247. O humano é a consciência, pois a consciência é a vida, é o amor, é a paz. A inconsciência é a violação de tudo o que o humano pode construir; de tudo o que a vida pode fazer e de tudo o que a paz pode estabelecer. Viver é andar para frente enquanto

que a inconsciência é andar para trás, porque a inconsciência é o não viver, é a morte e a violência para consigo mesmo.

248. A violência não age, ela impede a ação, pois a ação humana só tem um nome: é o amor, enquanto que o não amor tem o nome de violência. Violência porque não ama.

249. A guerra é efeito da violência e não ela própria, pois ela própria já está na inconsciência, que não anda, não se adianta e não faz o – humano. A guerra não é violência, é o seu efeito, a arma não é violência, é o seu braço, a agressão não é violência, é a ausência de amor.

250. Não amar é ser violento, não ser – humano – é ser violento, não ser vida é ser violento, não andar com o outro é ser violento. A violência é falta, não é excesso, pois excesso é sobra e só há sobra quando o amor transborda em cada ser humano. Quando esse transbordar não existe, a violência está estabelecida em seu lugar. O lugar da vida é no amor. O amor é oceano. A violência é aridez que mata por falta de alimento, de vegetação, de água, de vida e de ação humana: isto é a violência.

251. A violência não age, ela é falta de ação, pois a ação humana é amar, deixar de amar é inumano e violento. Não precisa guerra para ser violento, nada faz a violência a não ser a falta de amor. Na falta do amor, o ser humano retorna ao nada e o nada é o ódio que é o vácuo do amor, da vida e do – humano –, no próprio ser humano.

252. Temer a guerra é esquecer que ela é apenas o efeito de um ato sem amor. Temer as armas é não saber que a extensão do amor não existe em quem se estende com as armas. As armas levam o ódio, o ser humano leva o amor. Onde há ser humano não há arma, onde há arma não há ser humano, há o efeito da falta de amor dele

próprio. Assim, armar-se é despir-se do amor e da vida. Enquanto a vida e o amor são a roupagem humana, as armas, a guerra e a violência são a sua nudez. O ser humano sem o – humano – está despido de amor que o protege, está despido da vida que o conduz ao próprio ato de amar.

253. Não ser violento não é deixar de fazer alguma coisa, é praticar o amor. A prática do amor é a paz, é o viver, é o sentir e o estar com o outro, é o não distanciar-se da vida e de tudo o que a ela pertence, que é o ser humano e tudo o que de humano pode ser produzido. Produzir o humano é amar e quando amamos não deixamos lugar para a violência que é o vácuo do amor.

254. O ser humano não é violento, pois a violência não faz parte de sua natureza. Quando a violência aparece é porque desapareceu o ser humano e tudo o de que humano existe. A ausência do humano é a violência, pois ela não é força é fraqueza, não é presença é ausência, não é vida é morte, não é amor é ódio por falta dele, o amor. A violência e a não-violência, o amor e o ódio não se equivalem, porque a violência é falta e a não-violência é presença do amor, enquanto o ódio é falta de amor e não o seu contrário. Ser – humano – é ser amor, enquanto que não ser – humano – é ser ódio, é ser arma, é ser guerra, é ser violência. O amor é a paz, a falta de amor é a violência, é a guerra, é o ódio. Somos humanos quando vivemos o amor, somos violência desumana quando o amor não faz parte da vida. O amor dirige a vida enquanto a violência a destrói pela ausência do amor.

255. Onde existe uma guerra não existem seres humanos, existem seres que desistiram de ser – humanos –, de viver e de amar. São seres áridos, perdidos, mortos e nada mais existe ali, pois a existência é feita por atos humanos e atos humanos são próprios de seres que são humanos. Quando um ser é humano, tudo o que está

ao seu redor ele humaniza, isto é, faz viver, faz amar e vive em paz. O – humano – é paz, o não-humano é o ódio e a violência.

256. A vida regulada pelo amor não tem violência, não gera violência, não produz a morte, não impede a paz.

257. Muito se falou e se fala do amor, mas ele só será entendido quando a sua prática for concreta. Enquanto o amor não se concretizar, a violência e o ódio estarão em seu lugar como uma ausência presente. A vida é a presença, mas não há presença sem amor. O ódio é ausência, pois a ausência do amor é o ódio e a violência. Quando a guerra existe e a violência se estende, há muito, o amor já desapareceu, o – humano – já morreu e a vida já secou.

258. Karran trouxe vida porque a consciência é vida. Karran trouxe amor porque o ser humano é amor.

259. Se não somos humanos ainda não começamos a viver, pois viver é praticar o amor e quando se ama neutraliza-se qualquer violência: a violência interna que é a minha, e a violência externa que é a do outro. Ambas as violências não são humanas, mas se estabeleceram pela inconsciência: inconsciência do viver, inconsciência do amar, inconsciência do ser, inconsciência do existir e do fazer.

260. Somos tudo e somos nada. Somos tudo se somos humanos. Somos nada se desistimos do – humano. O – humano – é a ponte do universo, o desumano é o seu abismo. A ponte tudo liga, no abismo tudo desaparece. A violência é o negativo, o amor é o positivo. Positivo é aquilo que se põe, negativo é aquilo que se tira; por isso, amar é pôr, é dar, é consistir, é estar, é fazer, é ver, é ir e andar em si e no outro. Enquanto que o negativo é tirar, negar, se omitir, não fazer, não estar e não andar nem para si e nem para o

outro. É colocar o ódio no lugar do amor, a violência no lugar da paz.

261. Aprender a viver é aprender a amar, e enquanto não amamos não praticamos a vida, e assim, deixamos lugar para a violência.

# A FILOSOFIA DA TFCA
## Bianca [M.A.O.]

# O Interesse Humano e Não Humano

262. O interesse do ser humano faz com que ele se distancie do outro ser humano. Enquanto ele se liga a interesse se desliga do outro. O outro é empecilho para o seu interesse e o seu interesse é empecilho para o ser humano estar com ele. A ocupação com as coisas faz o ser humano não ter tempo de se ocupar com o outro. Ele só se ocupará com o outro, quando o outro for o seu único interesse. Entre um ser humano e outro existem coisas, e não ver o ser humano é que gera o distanciamento, o afastamento, a desunião entre um e o outro. O ser humano existe para viver com outro, mas o apego aos objetos e ao mundo físico faz o desapego da convivência e da solidariedade humana. O ser humano vive um com o outro e não para o que existe entre um e outro. Viver um para o outro é usar o que existe entre um e outro para os dois.

263. Substituir a existência humana pelas existências do mundo é a dispersão e desunião de um e de outro. Quando as preferências não humanas se interpõem entre um e outro, o ser humano se torna uma preferência não humana e não tem o valor do outro, isto é, de um com o outro. A convergência dos interesses das coisas criadas leva o ser humano a ver o outro apenas como objeto, pois dentro de sua mente tudo é objeto, até o outro ser humano.

264. Viver apenas de interesses faz com que o verdadeiro interesse se torne um interesse a mais e não o único interesse que interessa ao ser humano: o outro. O outro não é algo, é o ser humano que está ao meu lado, que está junto, que está perto, que está como eu estou, que existe como eu existo, que vê como eu vejo, que quer como eu quero. Viver sem o outro é viver com as existências não

humanas. As existências humanas são os únicos interesses que geram sentido para que o ser humano seja ele mesmo; do contrário, ele passa a ser mais uma existência não humana no meio dos interesses criados por ele mesmo.

265. Fica-se consigo ou fica-se com o outro; esta opção fará o isolamento ou a união, pois a união não enfraquece, fortifica, enquanto o isolamento enfraquece e anula para tudo e para todos. O isolamento é a barreira entre um e outro, e o interesse entre um e outro é o isolamento pelas coisas criadas, não humanas, que são o suporte físico da existência física. Ser – humano – e não ser existência não-humana é que faz a união. A união é o convívio, a aproximação, o estar com o outro, o ser com o outro. Ser com o outro é ser de verdade e ser de verdade é ser o próprio ser humano. Quando o ser humano não é ele mesmo ele se torna uma existência não-humana e sem valor para o outro, pois o outro não pode nem se aproximar dele, porque ele é que de distancia, não é o outro que não se aproxima. Aproximar-se do outro é o que deve ser feito para viver, mas se o outro está distante, como uma aproximação pode ser feita?

266. Cada vez que o outro não é o outro, eu não posso ser eu mesmo, pois para que eu seja eu mesmo, eu tenho que encontrar o outro, e o outro só é o outro para mim quando ele é ele mesmo. Ser o que se é e não ser o que não se é, é o segredo da vida e do viver. Pois viver é compartilhar o que sou com o outro que também é.

267. Ser o que se é, é delimitar o que é humano do que não é humano. As existências não-humanas não são, estão para o ser humano, não existem com o humano, existem para ele. Quando um ser humano não existe comigo, existe para mim como algo não-humano, e então, eu e o outro não somos o que devemos ser, somos não-humanos, há apenas o não-humano criado.

268. Criar coisas não-humanas como se humanas fossem é fazer da criação o seu contrário, é inverter os valores do mundo e da vida. Tudo o que eu crio é existência não-humana que serve o ser humano. E servir o ser humano é estar abaixo dele, e quando estamos abaixo do ser humano, ou colocamos o ser humano abaixo de nós, então não somos um e não somos o outro, somos um para o outro e não um com o outro. E a vida humana só tem sentido sendo um com o outro e não um para o outro. As criações não-humanas é que estão para um e para o outro; só assim não há inversão de valores das coisas criadas e do ser humano criado.

269. Quando eu quero, deixo também o outro querer, quando eu penso deixo também o outro pensar, quando eu vivo, deixo também o outro viver. Essa igualdade de condições é que faz a vida, é que faz o ser humano, ser – humano –, é que faz as existências não-humanas serem para os seres humanos e não serem confundidas com eles.

270. A confusão dos seres humanos com as existências humanas limita o ser humano a uma só frequência e elimina a possibilidade de ele ser ele. Ele, o ser humano, não é ele, quando qualquer coisa, que não seja ele, está em seu lugar. As preferências das criações não-humanas no lugar dos seres humanos distanciam os seres humanos um do outro e fazem a vida perder o sentido.

271. Quando as existências criadas são colocadas em função dos seres humanos, então os seres humanos ocupam os seus lugares, isto é, ocupam o lugar na vida e não na imitação apenas da vida. Viver é ser quem se é, e não viver é representar o que não se é. Pois, a representação retira o conteúdo verdadeiro e coloca em seu lugar o símbolo, e símbolo não é a realidade, mas a sua representação. O ser humano não é símbolo para o outro, é ele mesmo diante de si mesmo e do outro.

272. Quando dois valores são iguais, não existe soma, existe união, pois a união é a fusão dos iguais e não o acréscimo do desigual. Assim o ser humano e o outro nunca serão uma soma, serão sempre um todo semelhante. Enquanto as existências criadas estiverem entre os seres humanos, eles não se unirão, pois lhes falta a distinção clara entre o que é e o que não é.

273. O que é permanece sempre o que é, e o que não é se esvai no tempo e no decorrer da vida. O ser humano está fora do tempo e dentro da vida; por isso, não se esvai, permanece e é, enquanto as existências criadas existem apenas no tempo e não têm vida, estão para a vida e não são ela própria. Esse é o obstáculo da união entre aqueles que confundem o ser com o estar. O estar passa, o ser fica; o estar desaparece, o ser permanece; o estar é o tempo, o ser está fora do tempo.

274. O interesse do ser humano no lugar dos seres humanos é a causa da desunião entre um e outro ser humano. Pois, quando o ser humano é preterido e, colocadas em seu lugar as existências criadas pelo ser humano, ele, o ser humano, é reduzido a nada. Ele se torna não existente para o outro, e assim, não existem um e outro, existe um para o outro, porque um se torna interesse para o outro e não interesse com o outro.

## O Tempo e o não-Tempo

## (Estar Consciente o Tempo Todo)

275. Enquanto Aristóteles estava fora do tempo, ele tinha todo o tempo do mundo, porque estava fora do tempo. Mas, quando ele estava no corpo, estava no tempo e então não tinha tempo, porque o tempo é que o tinha. E ele então, não tinha mais o tempo, isto, quando ele já estava no corpo, que estava no tempo.

276. Aristóteles voltou no corpo, que teve no tempo, e teve que responder, sobre sua própria biografia, que lhe foi dada para ler. Em determinado momento, ele não sabia mais responder, porque no momento em que ele ainda não tinha passado em idade, naquele tempo da biografia, ele não sabia o que ia acontecer, e, portanto não conhecia a sua própria vida, que era então futura daquela matéria, a qual ele estava usando, no tempo.

277. A um aluno, que estava no tempo com Aristóteles, mas conhecia a biografia de Aristóteles no tempo, foi perguntado o que ele sentia. Ele respondeu que sentia o tempo com Aristóteles, e sentia que estava fora do tempo, ao mesmo tempo, isto é, tinha a consciência de que estava fora do tempo e no tempo, com a mesma presença e extensão. O aluno sabia que estava no tempo com Aristóteles, que só estava no tempo. E sabia que ele (aluno), estava no tempo e além do tempo, ao mesmo tempo. Pois, conhecia o antes e o depois de Aristóteles. O antes, porque estava com Aristóteles no tempo, e o depois, porque estava além de Aristóteles no tempo. Pois, vivia num tempo, depois de Aristóteles, com sua matéria, mas tinha uma consciência, além da matéria dele e da matéria de Aristóteles, que estava no tempo. E Aristóteles não

tinha consciência além do tempo.

278. Com a consciência se está além de todo o tempo, porque não se está confinado em nenhum tempo.

279. Sem a consciência se está unicamente no tempo, com a lembrança do tempo, porque o confinamento no tempo é a inconsciência.

280. Rompendo-se a barreira do tempo, para o não-tempo, rompe-se a inconsciência e o tempo. E então, estando-se fora do tempo, tem-se todo o tempo, porque o tempo, já não nos tem com ele. Isso é a consciência de ter a si mesmo e ter o tempo, que nos pertence, mesmo fora do tempo. Pois, só podemos ter o tempo, fora do tempo, porque estando no tempo, é o tempo que nos tem, e nos possui, dentro do próprio tempo.

281. O homem inconsciente é o tempo e o homem consciente é o não-tempo, possuindo todo o tempo, e estando todo o tempo, fora do tempo, no tempo e no não-tempo.
282. Quando raciocinamos no tempo, o nosso raciocínio é limitado pelo tempo. Mas, quando raciocinamos fora do tempo, o nosso raciocínio é ilimitado. É ilimitado, porque raciocinamos fora do tempo e percebemos o limite do próprio tempo, que jamais poderá estar fora dele mesmo, o tempo.

283. Porém, a consciência pode estar fora do tempo, vendo o tempo. E, pode também estar no tempo, vendo o tempo e o não-tempo, sem estar limitada no tempo. Quando estamos no tempo, estamos limitados pelo tempo, porque estamos confinados no tempo. Mas, quando estamos no não-tempo, confinamos o tempo, dentro de nós, porque estamos fora do tempo. A inconsciência é dominada pelo tempo, mas a consciência domina o tempo, e o contém, em si mesma, limitando-o.

284. Quando raciocinamos no não-tempo, estamos unidos, porque confinamos o tempo, e estamos fora do tempo. Mas, quando raciocinamos no tempo, estamos desunidos, porque o tempo nos confina, e estamos somente no tempo. Estar no não-tempo é unir. Estar no tempo é separar. Quanto mais nos afastamos do tempo, mais nos unimos. Quanto mais nos aproximamos do tempo, mais nos separamos. Quanto mais formos confinados pelo tempo, mais nos separaremos. Quanto mais confinarmos o tempo, mais nos uniremos no tempo e no não-tempo. Vivemos a inconsciência, quando estamos separados no tempo. Vivemos a consciência, quando estamos unidos no tempo e no não-tempo.

# A FILOSOFIA DA TFCA
## Bianca [M.A.O.]

# Estar Morto e Estar Vivo

285. Estar morto é viver para as criações do ser humano e não para os seres humanos criados. Pessoas assim vão para a cidade dos mortos, porque morreram para o ser humano e vivem para uma célula da sociedade. Célula da sociedade, que é uma criação do ser humano e não ele próprio. A cidade dos mortos é o lugar onde estão todos aqueles que morreram para os seres humanos.

286. Ser um ser humano é viver um para o outro. É ver no outro a vida. É ver a humanidade como vida. É ser vida para os seres humanos, enquanto vive a vida, recebida do próprio ser humano.

287. É não ter parentes, porque o ser humano é irmão. É não viver para as células sociais.

288. É não ser célula, é ser – humano. É não criar células, mas criar humanidades. É criar humanidades que se associam por valores humanos. É criar valores dentro dos seres humanos, e não valores ao seu redor. É rodear o ser humano com valores humanos e não rodear de seres humanos os valores, criados por eles. É levar a vida em direção ao centro dos seres e não distanciar os seres da vida.

289. Viver é não estar morto para a própria vida. Estar morto é não reconhecer a vida. Viver é não estar morto com as coisas mortas que passam pelo tempo. O tempo é a morte sem consciência. A vida consciente vai além do tempo.

290. A consciência e o tempo não convivem, pois a vida contém o tempo, enquanto o tempo expulsa a vida para voltar a morrer de

novo. Morre-se, toda vez que a vida é anulada em função da morte. E vive-se, toda vez que a morte é substituída por atos humanos, e não pelos seus efeitos apenas. A morte do ser humano é a anulação da vida, não em sua função, pois a função da vida é a consciência.

291. A consciência une. A consciência liga. A consciência faz. A consciência determina e não manipula. A consciência afasta e aproxima. A consciência minimiza e aumenta. A consciência perfaz o que foi feito; aumenta o que está pouco; eleva o que está baixo; explica o que está escuro; dissolve o que está coeso; une o que está solto; vira o que está em pé; discrimina o que está minado; seleciona o que está disperso; inventa o inexistente; adianta o que está atrasado; vasculha o que está escondido; leva o que foi trazido, e traz o que foi levado; ensina o não sabido; pergunta o escondido; desfaz o que está feito; constrói a unidade; ensina a ensinar, e demonstra o não demonstrado.

292. Na vida tudo anda e para, mas nem tudo para. A consciência vivifica e elimina a morte, porque a morte é o empecilho da vida. Enquanto a vida anda, a morte para, pois o seu fluxo só é alimentado pela inconsciência do viver. Enquanto viver á a própria vida, a morte é a inconsciência da ação. Agir sem viver é o desperdício da vida. A morte é a contração da vida no aparente. A vida é o aparecimento da morte como substância. A substancialidade é a característica da vida.

293. A vida ama. A vida faz. A vida induz. A vida traz. A vida anda. A vida progride. A vida se adianta ao que está atrasado, levando tudo o que está parado; por isso, viver é agir, e estar parado é morrer. O ser humano é fluxo, que desenvolve a vida. É dissolução, que impede a morte, pois a morte não existe no movimento, mas na estagnação do viver. Ser vivo é ser ativo. Somos o que queremos, mas queremos o que não somos. Pois, ser é concretizar o que posso, e poder é fazer o que sinto e o que amo, porque o

amor resume tudo: a vida e a morte.

294. A vida não é contrária à morte e nem o seu oposto. A vida é o auge de todas as ações, e a morte é a negação de qualquer movimento. Para fazer viver, há que se viver, e para morrer é desistir da vida e do seu fluxo permanente. A beleza do viver está na própria vida e não nos resultados que dela provêm. A inconsciência reduz a vida, a consciência a dilata através do tempo, sem limite humano. A dilatação da vida é o amor, a contração da vida é o estagnar-se em si mesmo, sem deixar saída para o outro.

295. O outro não vê, enquanto eu não vejo; não anda, enquanto eu não ando; não percebe, enquanto eu não percebo; não vai, enquanto eu não vou; não quer, enquanto eu não quero; não diz, enquanto eu não digo, porque ser um é ser todos e todos estão em um pelo ato do amor.

296. Ser semelhante sem ser igual, é a grande lição do amor, da vida e do não morrer.

297. Existimos porque somos. Vivemos, porque amamos, e não amamos, porque vivemos, pois a vida é consequência do amor. Sempre que um ato de amor existe a vida renasce e se renova, enquanto a morte desaparece na infinitude do amor, que tudo abrange e em tudo se estende. Somos o que somos, mas nos tornamos o que amamos.

298. Uma vida sem vínculo é o intervalo da morte. A morte não tem nome, porque é o intervalo da vida. A continuidade da vida não permite intervalo. Intervalo é parada e a vida não para nunca, porque age com amor, que é o fluxo humano mais perfeito e mais concreto, no universo dos seres criados, e criados com um ato de amor. Somos vida se vivemos com todos, somos morte se morremos e deixamos morrer. A morte impede a vida se a vida não

a suplanta pelo seu movimento.

299. A criatividade é o movimento da vida. A falta de criatividade é a estagnação da morte no fluxo da vida e do amor. Somos dignidade quando somos dignos. Somos beleza, quando somos belos. Somos sabedoria, quando sabemos. Somos vida, quando amamos. Morrer é andar para trás, enquanto viver é andar para frente sem parar. Morremos cada vez que paramos e desistimos. E vivemos, cada vez que nos superamos e avançamos.

300. Viver sem amor não concretiza as ações da vida, porque a vida é alimentada pelo amor.

301. Ser vivo é ser consciente, ser consciente de tudo e de todos, porque o isolamento é a morte do viver. Matar a vida é matar a si mesmo, e a vida morre, quando paramos para qualquer atitude, que envolve o semelhante. Somos nós e não sou somente eu. Somos vida e não somos morte, porque a consciência é a própria vida dentro do viver de cada um. A consciência não para, ela anda, mesmo através da inércia inconsciente da vontade de viver. Pelo andar da vida cerceamos a morte, e a impedimos de se estabelecer sobre a vida. Ser consciente é estar vivo, e quando estamos vivos, a morte não tem espaço. Criamos a vida e inventamos a morte. A vida se cria e cria, a morte é invenção por falta de vida. Viver e morrer não são dois pólos. A vida é densa, a morte é vácuo. A morte veio ao ser humano, a vida é o ser humano na sua plenitude. Somos humanos quando vivemos e nos desumanizamos na morte. A morte dissolve o ser humano, a vida o consolida com a consciência, que está no poder da vontade.

302. A vontade pode; por isso, o poder existe. A existência do poder depende do ato de vontade; por isso, querer é poder, mas poder ativo e não imaginário; poder eficaz e não falho; poder sólido e não vazio; poder construtivo e não arredio; poder de vida e

não de morte. Não vivemos se não podemos. O não poder é a morte, enquanto que a vida é poder, sempre que queremos, e querer, sempre que podemos. Somos vida e somos morte, se queremos e se podemos. O poder determina a vida e a morte, mas o querer impulsiona tudo. Se entendo a vida, quero a vida. Se entendo a morte, quero a morte.

303. Porém, querer a morte é querer em vão, e querer a vida é decidir-se pelo amor, que tudo alimenta e tudo produz no mundo do – humano. Viver ou morrer é uma opção humana, que está em poder de cada ser humano consciente ou inconsciente. Inconsciente, porque busca a morte e consciente, porque busca a vida.

304. O homem e a mulher se reconhecem no amor, quando se doam mutuamente, para ter como retorno a vida do semelhante, que outra coisa não é, que a sua própria vida que continua no outro, pelo outro e por si mesmo.

305. Por aqui se vê que a vida é una e a sua dispersão é a morte. Vivemos ou morremos; tudo dependerá da nossa união ou desunião.

# A FILOSOFIA DA TFCA
## Bianca [M.A.O.]

# A Pátria do Ser Humano

306. A pátria não é um lugar. A pátria é o sentimento de vida, que temos uns pelos outros. A formação de um grupo de vida fará a humanidade e o planeta sobreviverem. As guerras localizadas, visando terras, territórios e limites terminarão, porque as pessoas é que formarão o contexto planetário sem limites de terras e interesses econômicos. Assim, os que se associam por interesses humanos é que sobreviverão e terão chance de reconstruir um planeta humano e não um planeta econômico, que é fruto de ganância, de interdições, proibições e tolhimento da liberdade. As terras, as águas, as florestas, o ar não poluído, o solo e o subsolo são bens humanos, que pertencem a cada ser humano sem fronteira, isto é, onde quer que ele esteja.

307. Viver é o grande ideal e a grande chance de cada um construir, pois o ser humano tem de construir tudo, a partir de si mesmo, senão a chance de vida pode terminar, dentro de cada um, que ainda respira, tornando-se cada dia mais precioso para o conjunto. Somos vítimas e vencedores, porém ser vencedor ou vítima depende do que eu quero fazer, porque a vontade humana é que determina a grande vitória ou o grande fracasso, no decorrer da vida física no planeta. Sentir, fazer e amar está para cada um, como o amor está para todos, provindo da força humana, que existe em cada respiro, em cada ato, em cada gesto, em cada atitude, que envolve trabalho comum. Vida e morte não mais contam, quando a consciência é capaz de ultrapassá-las.

308. A consciência anda e perdura em todas as direções do universo; por isso, ver apenas um planeta, não faz mais parte do

projeto humano, que está além do simples humano-matéria. Vê-se a vida e vê-se a morte, já não mais do mesmo jeito que então se via. A morte, como parada da vida, não tem mais sentido, porque a consciência está além da morte e da vida, que são ângulos da mesma figura, que tem como base a consciência de si e do universo na totalidade.

309. Fazer a vida é o grande projeto do conjunto humano, que como um único ser, se estabelece e se equivale no mundo da vida, do amor e da sequencia humana no tempo. Pois, fora do tempo, a sequencia não tem dimensão e nem medida. Coisas que se situam no tempo, apenas, são a fase planetária de cada momento de vida aqui e lá, isto é, nas dimensões do humano e suas frequências respectivas.

310. Vive-se em graus variados. E essa variabilidade tem a ver com a consciência de cada um e não com interesses particulares. Interesses particulares, que passarão a ser insignificantes, porque a consciência é que vale. E a consciência não considera interesses, mas vivência e intensidade do amor em cada um, e no conjunto. Conjunto, que gera a força e o bem estar físico e extrafísico do – humano –, que penetra as duas frequências, para fazer a vida e o existir pleno do universo.

311. Ser um ser humano trará de volta o sentido dos valores: valores econômicos, sociais, individuais, culturais, espirituais e globais, para viver e existir na plenitude do universo, e de cada planeta habitado por quem tem a ver com o – humano –, e com tudo o que lhe diz respeito e lhe pertence como legado da vida. O legado da vida é o existir com um e com todos. E esse conjunto de existências é estendido pela consciência, pelo amor e pelo movimento físico.

312. Movimento físico, que abrange todos aqueles que têm matéria

e vislumbram o – humano – como única esperança de vida e de sucessão de existência física no contexto universal.

313. Ser um, ser dois, ser três não faz diferença, se a força está em cada um e pode ser estendida pelo universo sem parar. A unidade e o conjunto serão sempre a mesma coisa. Quando o conjunto serve a um e um serve ao conjunto, então existe a unidade, que é um estar dentro de cada um, que forma o todo, sem se dividir em partes. Pois, parte significa divisão e a consciência não se divide e nem se soma. A consciência liga e funde o todo como uma única expressão. Única expressão, que se compõe de cada peça e da peça inteira. Peça inteira, que se consolidou da mesma espécie, vinculada pela vida e pelo amor.

314. Andar e parar já serão a mesma coisa, porque um anda pelo outro, enquanto todos andarão por um, e ninguém, em particular, terá a força para fazer parar o conjunto e nem para fazê-lo andar fora do caminho. Pois, o caminho é traçado pela consciência e pela força da vida. Força da vida, que é movimento puro e amor sem fim. Sem fim, porque o fim só existe no material e temporário. E a consciência e o amor não se confinam aí, mas muito além e sempre constantes.

315. A vida é, então, o grande retorno para aquele e aqueles que adotaram a consciência. Pois, sem a consciência, a morte está presente em cada canto, em cada suspiro, em cada vereda, e nada é tranqüilo para aquele que morre. Nada é tranqüilo para aquele que morre, porque a morte passa a ser uma escolha, escolha da inconsciência, de vez que a consciência é relegada, para parar de viver e se tornar estático no meio das coisas estáticas. Viva-se e tudo será vida no contexto da consciência. Ame-se e tudo será amor no contexto da vida. Os que optarem pelo contrário serão a expressão da morte sempre presente. Sempre presente, porque a consciência não morre. Mas, querer a morte enquanto se vislumbra

a consciência, é lutar pela presença da morte em cada ato de vida, daí a sua presença constante, que é mantida pela vontade poderosa e soberana do ser humano, que tudo pode e tudo faz como – humano – no mundo do – humano.

316. No mundo do – humano –, que é o centro da criação e o centro de todos os centros do universo, vamos andar, sempre que quisermos. E vamos parar, sempre que quisermos, porque na vontade ninguém interfere e modifica. Ela se prolonga e se perfaz em tudo. Em tudo, porque o universo é humano e pertence ao – humano –, e é dentro desse campo que o – humano – atua. O – humano – atua e só atua pela vontade. Vontade, que gera o poder e a vida. Vida, que distribui o amor. E amor, que faz a ligação entre uma e todas as consciências, no grau em que existem, em cada momento do tempo disponível para a vida física.

317. O ser humano é sempre capaz. Mas, quando ele decide pela incapacidade, ele será incapaz, porque o comando de sua força está em sua vontade. Vontade, que é soberana no universo, e pode sempre fazer o que quer quando pode, e sempre pode quando quer.

318. A pátria é a vida. A pátria é o amor. A pátria é a consciência, que une a todos no mesmo lugar e em todos os lugares, isto é, no universo sem fronteiras.

# A Vida, o Indivíduo e o Grupo

319. O ser humano que se coloca além de si mesmo para viver, possui e constrói vida permanente pela vida consciente que tem. Pois, ter vida consciente é ter permanência em si e no outro, por si e pelo outro, para si e para o outro. Esta constituição do conjunto de vidas faz o universo desdobrar sua extensão na permanência da vida. Tudo o que se diz ou se faz, quando provém da consciência, provém da vida, e gera e desdobra a vida. Pois, a vida é o andar permanente da consciência e a consciência é o desdobramento da vida para que ela se estenda em concreto pelo ato consciente.

320. Assim, ser consciente envolve ultrapassar o universo em toda a sua extensão. A extensão do universo é o campo da consciência e a matéria do saber humano. Não há saber humano sem o universo e não há consciência sem o semelhante. O semelhante – humano – é o terreno da vida e do existir pleno do próprio ser humano. O esquecimento do outro gera o esquecimento de si e de todos, e essa morte não pode continuar dentro da consciência. Pois, sendo a consciência vida, não tem como estar em outro estado de ação, a não ser com o outro para poder estar consigo mesmo.

321. Dentro de um universo infinito há que haver um ser infinito que o compreenda e esta é a demonstração mais completa para que se busque um ser infinito. Pois, se um universo infinito foi criado e colocado à sua disposição, como então o ser humano não seria infinito? Esse raciocínio faz com que o ser humano venha a acordar de seu estado de sonolência inconsciente.

322. Sonolência inconsciente que faz com que ele não veja nem a si próprio e nem os seus valores. Pois, ver os próprios valores faz a vida ativar-se e andar em direção à construção do conjunto humano. Conjunto humano que está esfacelado, e esfacela-se cada vez que o centro de interesse de cada um se volta para as criações do humano e não para o humano como centro das criações. Esse é um estado lamentável, vivido pelo ser humano que não sai da inconsciência. Pois, a inconsciência é morte sem saída. Sem saída, porque aquele que de fato é inconsciente, nem sabe que está morto.

323. Mas, aquele que sabe que está morto e nada faz para retornar à vida não tem saída, porque a saída que tem é fechada por ele mesmo, que não quer andar e construir a vida. E a vida no universo não pode ser vista apenas pelo ângulo da matéria física, mas ela vem e penetra em setores mais ocultos de todos os elementos do universo. Construir a vida, portanto é responsabilidade e tarefa de todo aquele que quer extirpar a morte.

324. Pois, extirpar a morte é retornar à vida. Assim, quando se fala de morte, não se está falando da morte física do corpo apenas. Essa é o resumo de todas as mortes assumidas por aquele que nunca assumiu a vida.

325. Como a vida é movimento universal, qualquer parada, qualquer estagnação, qualquer interrupção, qualquer deixar de fazer, qualquer falta de andamento, enfim, qualquer estatização no tempo e no espaço é caracterização da morte. E uma morte, caracterizada por quem sabe que isto está acontecendo, tem a mais terrível consequência para todos os seres humanos. Pois, quando o ser humano tem a chance de viver e não vive, então ele está matando também outros além de si mesmo. O ser humano não foi feito para morrer, mas para implantar a vida, elevar a vida, promover a vida, desenvolver a vida, ser vida, viver e fazer viver.

Essa função humana é a natureza da vida que está em si mesma. Pois, desempenhar essa função é desempenhar a vida. Mas, negar essa função é negar a vida. Ninguém pode negar a si mesmo.

326. Ninguém pode negar a sua presença no universo. Pois, a presença humana no universo é a presença da vida. E essa negação é buscar a morte para interromper todos os fluxos. Fluxos que são o andamento da criação e de todas as suas vivências. A vivenciação humana e além do humano faz o contexto da criação ser o que é. Mas, a negação do ser humano em tudo o que ele penetra traz retrocesso devastador em tudo o que se projeta como vivência. E essa devastação desabilita o universo como função humana que é. E, acontecendo isso, a destruição se espalha por todos os cantos e por todos os recantos da vida. E isso é o que está acontecendo no planeta neste momento.

327. Os que deixam de viver morrem e espalham a morte. Pois, quando o ser humano vive, ele vive e espalha a vida. O contrário acontece exatamente na mesma proporção. Assim se vê um mundo escuro, amedrontado, perturbado e insólito. Todas essas deficiências estão fora da vida, pois são promovidas por aqueles que morrem, deixam morrer e promovem a morte. Participar desse mundo de mortes é arriscar, a cada momento, perder a vida e a chance de viver, colocando-se voluntariamente à mercê da morte que está em todas as direções. A visão de um mundo diferente não pode estar com quem busca essas mortes, mas com aqueles que têm possibilidade de vislumbrar a vida.

328. E, esse vislumbre da vida é a chama da esperança, que brilha para os que buscam a consciência.

329. Não se pede e não se impõe, mas se diz o que deve ser dito. E pode ser que o tempo, por ser tão escasso e quase inexistente, fale então mais alto que qualquer palavra. Se a possibilidade de ver

o tempo, e vê-lo na sua realidade de extensão apenas física, puder mostrar como as pessoas tentam enganar a si próprias, então a visão do tempo tem aí o seu objetivo realizado. Caso isto não aconteça, então deve-se pensar, que a morte já devastou por completo toda a esperança humana de viver. Seria lamentável ver mais uma vez que a morte é preferida e cultivada em lugar da vida. E ver também, que a inconsciência ainda exerce o império sobre o ser humano que dorme, e dorme, porque não quer acordar.

330. Um grupo não existe enquanto cada indivíduo que o compõe não se nomeia e não se identifica como grupo. Cada um é o grupo, e quando cada um é o grupo, falar do grupo é falar e nomear cada indivíduo, que a ele pertence e que o compõe. Quando o grupo é nomeado em algo e ninguém se sente atingido, então um conjunto de mortos está ali, e ali, não existe ninguém. E, não existindo ninguém, não há grupo. Por que se fala em grupo em meio ao assunto de vida e de morte? Essa fala está aqui para mostrar que vida e morte são concretas e presentes em cada indivíduo. Cada indivíduo, que não se assume como indivíduo. O nome de cada indivíduo é o nome do grupo. E o nome do grupo está registrado no nome de cada um. Falar bem ou mal do grupo é falar bem ou mal de cada indivíduo que o compõe. Isto só não acontece, se cada um que compõe o grupo estiver morto. Pois, se ali existe vida, ali existe ação, orgulho, firmeza e decisão por um e por todos.

331. Pois, a vida não é negação, é afirmação. E os que se afirmam na vida e afirmam a vida compõem grupos porque são indivíduos. E são indivíduos, porque compõem grupos e estão presentes na vida e não na morte. Se um grupo não se manifesta como grupo, é porque a vida não se manifesta. E onde a vida não se manifesta, ali está a presença da morte. Mas, a morte não pode estar presente na consciência. Essa é a contradição daquele que busca a vida, mas permanece na morte.

# Um Projeto de Vida

332. Faça o projeto e defina situações. Um projeto é um argumento de trabalho e de realização pessoal. Mas, dentro da consciência e da continuidade da vida, ele envolve todos os que buscam a consciência e a vida conjunta para o mesmo fim, isto é, o mesmo objetivo.

333. Dentro, portanto, da situação atual, a inclusão da busca da consciência no projeto é ponto fundamental e irredutível para a consolidação de um plano físico da consciência. Pois, o plano físico é o que está faltando e, está faltando, por falta de consciência no seu andamento e na sua realização como meta. Por isso, fazer um projeto é fundamental. Fundamental, porque estabelece a situação atual, e a situação futura como dois polos do mesmo fazer através do tempo. Isso quer dizer, que o projeto ultrapassa gerações e se prolonga no tempo com o acompanhamento da consciência e de seus responsáveis.

334. Uma comunidade consciente nasce e se mantém pela consciência e não por bens de capital. Mas, se esses bens são necessários para o seu início como incentivo de saída e de prolongamento, então as providências para essa realização, serão tomadas e arranjadas, dentro do necessário e realizável na manutenção da consciência para um e para todos.

335. Essa, pois, é a razão de ser de um projeto com a participação do extrafísico. Pois o mundo físico é co-participação e participação e se o mundo extrafísico intervém com indicações e incentivos, é porque esse projeto também o atinge e o impulsiona na maneira

de conduzir o mundo consciente e inconsciente, até à libertação total da escuridão, que ora se faz presente ante os olhos dos seres humanos. Não fazer é parar, mas fazer para deturpar uma obra começada é pior do que parar, pois é estacionar definitivamente. E, quando, no mundo material, o ser humano fecha os olhos para o espiritual, então, a deturpação do andamento extrafísico é total para ele.

336. Essas considerações levam em conta a consciência de um e de todos. Do contrário, elas não seriam necessárias. Chegamos, no entanto agora, ao momento fundamental da explicação do projeto no mundo físico. Pois, se o projeto físico vai ajudar na solução extrafísica da consciência, então, o projeto é fundamental para a continuidade da consciência, e, portanto, a sua realização é viável. Porém, se o seu efeito pode correr o risco de ser contrário à consciência e a todo o propósito assumido, então não vale à pena tamanho desmantelamento de tudo o que já se conseguiu.

337. Quem se dispõe a assumir tal responsabilidade é o primeiro a aprimorar mais e mais a própria consciência para que o projeto tenha o seu fim correto dentro do propósito da consciência. E esta responsabilidade assumida nada tem a ver com bens ou não bens, tem a ver sim com seres humanos que estão numa frequência e aspiram ligação e permanência consciente com a outra. E, veja-se, portanto, que manipular bens econômicos é uma coisa, mas manipular seres humanos está fora de cogitação com a participação extrafísica. E um projeto com a participação extrafísica tem o aval e o acompanhamento da referida frequência em todas as suas fases e desdobramentos, tanto no físico como no extrafísico. Levar adiante uma ideia desse teor é realizar um projeto concreto em prol da consciência e isto implica em atuar equilibradamente nas duas frequências. E, portanto, qualquer desequilíbrio tanto em uma, como na outra frequência tem de ser imediatamente monitorado e acompanhado por quem está responsável em cada lado dessas

frequências constantemente. Isso para que o projeto, pelo seu teor financeiro e econômico, não venha a despertar poderes e ações contra um e contra todos, nem a favor de um ou a favor de todos pela manipulação de um, ou de alguns. Fazer e sonhar pode ser muito fácil, mas acompanhar e decidir nas várias e variadas situações que se apresentarem, necessita de consciência sempre ativa e sempre presente para que o efeito contrário não seja uma desastrosa catástrofe. Tudo, portanto, pode ser feito, contanto que a consciência seja a preservação maior em todos os empreendimentos.

338. A manutenção de uma comunidade no mundo físico é de fundamental importância para a solução da consciência humana. Porém, essa comunidade não pode confundir-se com uma empresa simplesmente. E a separação de uma empresa de manutenção da comunidade e de uma comunidade que trabalha com a consciência tem de ser pontos definidos dentro do próprio projeto na sua montagem específica. A comunidade não é uma área do projeto, ela é o motivo da existência do projeto. Por isso, o projeto tem de existir com essa função, não importando o seu desdobramento e as suas situações financeiras ou econômicas. Sempre e em todos os momentos, agora ou depois, o projeto tem de estar à disposição da comunidade que busca a consciência. E, isso tem de ser assumido por um e por todos que têm como objetivo de vida a vida consciente e o andar sempre pelo amor.

339. Fazer projetos e realizar projetos faz parte da consciência e é pela consciência que se determina o andamento correto do universo para organizar a vida. Organizar a vida e planejar a morte. Pois, se um projeto é feito por pessoa ou pessoas conscientes, e seu único objetivo não é a busca e manutenção da consciência, então é a busca e a manutenção da morte. Pois, o ser humano tem ambas as possibilidades. E como as tem, pode realizá-las. Mas, realizar a consciência é o seu único meio para viver. Portanto, a

situação está colocada. Decidir por um lado é buscar a vida e decidir por outro é buscar a morte.

340. Diante disso faça-se um projeto e até muitos projetos, contanto que, para o proveito de um e de todos, o interesse central de qualquer projeto, seja sempre a consciência. Isso, porque este é um projeto de vida, feito por pessoas vivas, isto é, conscientes e não por pessoas mortas, isto é, inconscientes, ou conscientes, que pela vaidade e pelo interesse físico apenas, abandonaram a vida para se projetar, mais uma vez, na morte. Essa constituição tem de estar na mão de todos os que trabalham no projeto.

# A Saúde Humana

341. A medicina tradicional não estuda a saúde, estuda as doenças. As doenças são o efeito de uma matéria física sem saúde. A saúde, no entanto, é que deve nortear e mostrar como se deve cuidar e manter o corpo. Assim, a medicina, que deveria ser um saber, é um paliativo que apenas trabalha com os efeitos de erros sociais, econômicos e alimentares. Trabalhar com erros é ir no caminho inverso da vida e de tudo o que sustenta a vida. Não se pode partir de princípios do erro, porque o erro não tem princípios. Tem-se de partir dos princípios da natureza correta e sadia. Pois, é a natureza que tem os princípios da vida, da saúde e do bem-estar físico e psíquico do ser humano. Esperar que uma doença exista para descobrir a cura, é estar de plantão para acolher o erro que a própria sociedade comete com cada um e com todos os que nela confiam.

342. Portanto, quando se trata de saúde, o que se deve fazer é buscar os princípios corretos do viver e da vida para que nenhuma doença venha a ocorrer. Mas, a ocorrência de doenças para quem nunca buscou o natural é inevitável no meio do sistema em que se vive, porque o sistema todo está doente, e quem está no meio dele, fica necessariamente, contaminado.

343. Que fazer então? Buscar o mais depressa possível a regularização da vida física através do bem-estar da matéria física de acordo com a natureza. Natureza essa, que se refere à alimentação, à higiene, ao trabalho, ao descanso (repouso), ao lazer e, principalmente, ao ideal de vida, que anda em direção à vida e não na expectativa da morte. Pois, quem está na expectativa da

morte já está doente por não construir a vida. A construção da vida é o alicerce da saúde e a interrupção das doenças. As doenças acontecem porque estão no caminho da vida. Vida, que deveria fluir como uma fonte flui para formar a correnteza de um rio. Quando a vida não tem o seu fluxo normal, então ela está interrompida por algum corpo estranho em seu caminho. O corpo estranho no caminho da vida é o não viver conforme a natureza humana e a natureza universal. Esse não viver, interrompido por algo estranho, é que causa todas as doenças e leva à interrupção da matéria física, com o nome de morte.

344. A morte da matéria física não é a extinção da mesma, que continua seu fluxo de vida no universo, independentemente do nome que seja dado a essa interrupção. Mas, se o ser humano não evita essa interrupção, com o poder que lhe é próprio no universo e na vida, então a interrupção se torna contínua e incontrolável.

345. Pois, só o ser humano pode interromper o ciclo da morte física pela dilatação da consciência. Consciência, que liga e modifica a matéria prima do universo.

346. Ter saúde, portanto, é viver dentro dos parâmetros da natureza. Mas, o que a natureza fornece para isso? Para isso a natureza fornece todos os princípios e suportes à existência. Porém, quando o ser humano faz desses suportes, objetos de comércio e enriquecimento, ele está substituindo a saúde pela doença, pois comercializar a natureza é a maior de todas as doenças humanas. As matas, as águas, as terras, as plantas e todos os animais estão dentro do planeta para sustentar a vida da matéria humana. Mas, transformar todas essas riquezas naturais em acumulação de metais, e símbolos substituíveis por outros bens, é assassinar a natureza e cavar a própria sepultura para o corpo físico. Não se pode sair ileso de tamanha atrocidade contra a natureza. Assim se vê que, enquanto as raízes do natural não forem retomadas por cada um e

por todos, as doenças não só continuarão, mas aumentarão em número e em poder de matar. Poder de matar e deturpar a matéria do universo e, por consequência, a matéria humana, já tão abalada e debilitada por tantos males causados por ela mesma.

347. O ser humano, na sua totalidade, tem de assumir o comando de si e de sua matéria para que ela não adoeça e não pereça. Não adoeça e não pereça como acontece no abandono dos cuidados naturais de si mesmo.

348. Tomar remédio é um meio de não morrer agora, mas enquanto não se volta ao início da vida como um todo, a morte física sempre será uma questão de tempo. Questão de tempo, porque o próprio tempo está fora do domínio humano, como mais uma doença crônica. Crônica, porque o ser humano convive com essa ideia e a incorpora. E tudo o que não é natural, sendo encarado como tal, torna-se a segunda natureza incorporada naquele que assim age.

349. Portanto, estar doente é estar deturpado dentro da vida. A vida não erra e a doença é um erro. Portanto, a doença é erro de viver e não da vida. Erro de viver, porque quando nada de antinatural interfere na vida, ela flui com a mais perfeita vivacidade que lhe é própria, transformando-se em todas as suas fases, sem nunca morrer, porque não há contradição nela. E a contradição da vida, criada pelo – humano – doente é a morte. Morte, que não existe, mas é colocada no caminho da vida pelo ser humano. Ser humano, perdido dentro da inconsciência e cego por ela. Desse modo, vê-se que ninguém adoece, pois isso seria algo da vida e a vida não tem doença, a vida é saúde permanente. A doença é a meia-morte, é a morte de algo, enquanto que o movimento da vida, que é saúde cristalina, não permite nem meia-morte, nem morte total. Mas, o ser humano, esquivando-se da vida se

automutila na sequencia do existir material, e esta automutilação faz a doença parecer existir.

350. Faça-se o natural na vida e tudo correrá no fluxo natural da própria vida, sem interrupção, sem doença e sem morte. Fazer o natural, nada mais é do que beber quando se tem sede; comer quando se tem fome; dormir quando se tem sono; fazer o que se gosta, sem interferir e nem prejudicar o outro; viver e deixar viver; pensar e deixar pensar; querer e deixar querer; andar e deixar andar; parar e deixar parar. Todos esses atos são humanos e, sendo humanos, todos têm o direito de praticá-los, sem prejudicar ninguém e sem ser prejudicado por ninguém.

351. Aprender a viver é o princípio da saúde. Saúde de um e de todos, porque todos vivem em função de um e um vive em função de todos. Só este fato, já trás os maiores benefícios para a saúde individual e do conjunto. Tem-se tudo na mão para se ter boa saúde. Mas, abandonar o que se tem em mãos para o bem próprio e coletivo, é optar por ficar doente, sem justificativa no mundo da natureza.

352. Mundo da natureza, que é rico, fértil, bondoso e saudável e quem está no seu seio também é rico, fértil, bondoso e saudável. E se não o é, aconteceu algo de errado no caminho das coisas naturais. Esse algo de errado é o desvio natural das coisas e este desvio tem o nome de doença.

353. Doença, que não é algo positivo, porque a positividade é a saúde. Mas, quando não se sabe o que é a saúde, já se está doente por não saber isto. Pois, a saúde é a vida natural no seu fluxo e na sua extensão pura. Não estando acontecendo isto, há uma interrupção nesse fluxo e essa interrupção tem o nome de doença.

354. E não se cura uma doença, conserta-se o fluxo da vida, que foi interrompido. E consertar esse fluxo é o trabalho da medicina, que

é a ciência da vida e não da morte. Pois, ela existe para cuidar da vida e não das interrupções desta. Enquanto a medicina estuda as doenças, esquece que a saúde já foi esquecida há muito tempo. E assim, se ocupa do vácuo em lugar de se ocupar da existência sólida da vida.

355. O médico, portanto, deveria ser um vigilante da vida e não um espectador da morte.

# A FILOSOFIA DA TFCA
## Bianca [M.A.O.]

# O Mundo Real e o Mundo Imaginário

356. O ser humano é criativo e imaginário. Pois, ele tem todos os recursos humanos, para fazer o que ele deseja ver e deseja viver. Assim, ele cria realidades concretas e cria também entes e fantasmas imaginários. Até esse ponto nada demais. Pois, essas realizações de uma e de outra espécie fazem parte do poder e das capacidades humanas.

357. Porém, quando o ser humano se encontra sob o domínio da inconsciência, ele não é capaz de distinguir as criações imaginárias das realizações concretas e racionais. Aí, ele passa a criar entes e fantasmas imaginários e acredita neles, como se fossem reais. E esse mundo irreal povoa a sua mente, o domina, o amedronta, e ele vive para um mundo não existente, mas, que apenas faz parte de sua mente. Essa imaginação passa a ser real para ele, e ele não só acredita, mas vive para um fantasma, que ele mesmo criou. É claro, que tudo isso não passa de produto da mente inconsciente.

358. Porém, a consciência é real, concreta e não tem nada de imaginário. E, por isso, quando a mente consciente age, a primeira coisa que acontece é eliminar todas as dúvidas e todas as imaginações, criadas anteriormente pela inconsciência. Pois, sendo as criações imaginárias produtos inconscientes, não têm consistência no mundo real, nem físico, nem extrafísico. E, sendo assim, basta uma ação consciente, para que esse mundo imaginário desmorone e se desfaça imediatamente.

359. O ser humano é capaz de criar, nas suas imaginações, todos os elementos ilusórios, para uma vida ilusória. E assim muitos o fazem,

e saem do cenário real do viver, para estarem ocupados, a vida inteira, com suas imaginações internas e que nunca se externizarão. Pois, para que um pensamento se externize, isto é, torne-se externo ao ser humano, ele, o pensamento, tem de ter realidade, isto é, tem de corresponder à razão e ao mundo que o cerca, para que possa se concretizar. Se concretizar e fazer parte da vida. Pois, a vida é real e não imaginária, apenas.

360. O ser humano, perdido pela inconsciência, perdeu também a capacidade de distinguir entre o imaginário e o real. E assim, vive um pelo outro, e nunca sabe, quando está no mundo real ou no mundo imaginário.

361. Mas, a consciência, como é real, ela desfaz essa dúvida pela decisão humana de viver o real. E essa decisão tem o poder de colocar as coisas em seus lugares, isto é, o imaginário na imaginação e o real na vida prática. Essa atitude humana desfaz todo o fator místico, que provém da mente inconsciente, e consolida todo o real, que provém da razão consciente.

362. Assim, a vida passa a ser vivida e não imaginada, apenas. Pois, viver é uma ação concreta no dia a dia e no espaço visível e tangível. Enquanto que, a imaginação é uma invenção mental, que não tem em si nem o tempo e nem o espaço. E, é por esse motivo, que não se externiza para ser vivida, mas apenas imaginada. E como imaginação fica sempre internizada,[1] isto é, unicamente interna e não apenas no interior, dentro de cada um, sem que jamais possa se externizar. Isso acontece, porque a imaginação mental, embora tenha aí o início das criações humanas, tem também aí o início das realidades fantasmas, isto é, não realizáveis na vida concreta, porque são inconscientes.

363. Imaginar não é um erro, é uma capacidade humana. Mas, não perceber as criações imaginárias, que só ficam na mente

[1] Internizada significa tirada do interior da mente e conservada na mente, sem nunca sair daí.

inconsciente, e as criações imaginárias racionais, que podem ser transportadas para o ato de viver, é falta de consciência ativa que distingue uma de outra.

364. Portanto, a busca da consciência é a busca da razão. Razão, que estava perdida na imaginação, apenas fantasiosa. Quando o ser humano vê, em sua mente, aquilo que ele deseja, ele pode dimensionar a sua imaginação, como real. Mas, o dimensionamento da imaginação, como real, tem de se externizar em atos práticos da vida e não permanecer apenas dentro da mente.

365. Esse fato de permanecer dentro da mente apenas, é que deu origem a todas as atitudes místicas, que confundem o ser humano, entre o que não é, e o que é. E essa confusão faz com que os seres humanos fiquem perdidos dentro e fora de si mesmos. Pois, estar perdido significa, neste caso, não se perceber e não perceber o mundo; não agir e apenas imaginar; não saber quando a imaginação é realizável, e quando ela é apenas interna e mental. Essa triste confusão faz o tempo parar dentro de cada um, levando ao entorpecimento da razão.

366. Pois, a razão é o elemento que concretiza o ser humano no mundo físico e no mundo extrafísico. A razão não é apenas trabalho em um dos mundos, o físico. A razão é o ser humano em si, e, portanto, no mundo extrafísico ela o acompanha e faz parte de suas atitudes reais. Atitudes reais, porque cada passo no mundo extrafísico é acompanhado pela razão de ser, de cada coisa que acontece, e de cada fato que se realiza. Assim, jamais o ser humano deve abandonar a razão, para entregar-se às imaginações apenas internas de sua mente. O enfrentamento da imaginação interna se dá pela razão, que contrapõe o real, ao apenas pensado e criado pela imaginação interna. Pois, a razão destrói toda a imaginação não realizável, e sustentada apenas pelo desejo de viver sem atuar.

367. Esse viver sem atuar sustenta e mantém o mundo místico fora do tempo real. O tempo real está nas coisas reais do mundo, e o não-real do tempo mantém-se dentro da mente imaginativa, sem nunca poder externizar-se[2]. Nunca poder externizar-se, porque o ser humano não quer a vida real e se recusa a vivê-la. E, então, monta um mundo só seu, dentro de sua mente, e faz da sua realidade uma imaginação continuada da vida. Esse é o prejuízo humano, trazido pelo mundo místico. Prejuízo, porque enquanto o ser humano se ocupa de uma imaginação não externizável, ele impede que a vida se concretize para si e para quem o cerca. E esse prejuízo é muito grande e muito longo para um e para todos. Sendo a vida atos concretos, aquele que apenas imagina nada realiza e a vida para.

368. A consciência, sendo concreta, como é, é a saída para a vida real. Saída, porque o ser humano sai de sua mente imaginária e passa para a sua razão concreta. Pois, a mente imaginária é interna apenas, enquanto que, a razão concreta é externa, e pode se interiorizar e se exteriorizar. A razão concreta é externa, porque os argumentos que ela usa para viver e agir estão no mundo externo, por ser aí, que se encontra a razão de viver. Pois, a razão de viver não está apenas na mente interna, que faz parte do mundo imaginário de cada ser humano. Mundo imaginário humano, que é capaz de criar e distinguir suas criações, do real realizável no mundo exterior, e do real realizável, apenas no mundo interior, isto é, na mente imaginária. E é nesse ponto que a consciência atua para orientar o ser humano na vida e não para deixá-lo perdido dentro de si mesmo, como está acontecendo.

369. Ludibriar, portanto, o ser humano, com a mente fantasiosa, e deixá-lo perdido dentro de si mesmo, não é um trabalho da consciência.

[2] Externizar-se significa fixar-se em algo externo à mente.

370. Essa atitude, de um ser humano para com o outro, é o roubo da vida. Roubo da vida, porque a vida é um direito e uma propriedade de cada ser humano. Por isso, impedir que esse bem humano seja usado é roubá-lo sem piedade e sem amor. Todos os seres humanos têm o direito de viver. E como têm esse direito, ninguém pode ou deve impedi-los de usufruir daquilo que é unicamente seu, por direito, a vida. Portanto, quando esse direito é interferido por aquele, ou aqueles, que fazem o ser humano substituir o real pelo imaginário, então, estão roubando-lhes o bem maior que possuem, a vida.

371. Essa ação mística, de substituir o real pelo imaginário, é covarde e maldosa, pois a covardia e a maldade provêm, quando a intenção ultrapassa a inconsciência do fazer. Quando o fazer inconsciente existe, ele não é intencional, e não é intencional, justamente porque é inconsciente. Mas, quando entra o intencional, para usufruir qualquer objetivo, então, não é mais a inconsciência sem culpa, mas intenção de ferir e prejudicar.

372. O mundo real, portanto, é a vida e o viver. E o mundo imaginário é o ato de enganar a própria vida.

# A FILOSOFIA DA TFCA
## Bianca [M.A.O.]

## O Objetivo Consciente e o Objetivo Inconsciente

373. O ser humano inconsciente tem e cria objetivos, unicamente no tempo. Criar um objetivo no tempo, se a visão está além do tempo, é uma fase passageira e transitória na vida humana consciente. Quando o ser humano faz o objetivo, unicamente no tempo, e não vê além, então ele cerca a si mesmo, dentro do tempo, e não tem mais saída em sua existência física. Todo o objetivo, portanto, criado no tempo, pela consciência, tem como função compor o grande objetivo, que ultrapassa o tempo e os tempos. Só assim a obra humana é completa e é humana.

374. Mas, o ser humano inconsciente faz de seus objetivos temporários, a finalidade única de sua vida física, e esta finalidade única não permite que ele abandone a vida inconsciente, para se dedicar ao trabalho da consciência, que é a sua real busca no mundo físico. Mundo físico, limitado pelo tempo, e submetido à consciência. O cerceamento pela inconsciência não deixa o ser humano ver além de si mesmo, e nem além do outro. Isto faz com que a ajuda consciente não seja aceita pela inconsciência. Pois, quando o ser humano, que vislumbra a consciência, quer ajudar o inconsciente a ver a realidade, este rejeita imediatamente. Rejeita, porque considera que está sendo traído em seu projeto temporário. E considera assim, porque não tem olhos para a consciência. E não tendo olhos para a consciência, nada percebe além de seu projeto temporário. Por isso, por mais boa vontade que tenha o consciente, é inútil essa luta, pois, o consciente passa a ser visto, como um traidor para o inconsciente.

375. Por essa razão, se vê claramente, que a consciência é um objetivo, que vem de dentro de cada ser humano. E, como vem e

está dentro do ser humano, tentar impô-lo de fora é absolutamente inútil. Assim, o mundo inconsciente, continuará inconsciente, mesmo que a consciência seja mostrada. O projeto do inconsciente jamais será abandonado em função da consciência, porque é esse objetivo inconsciente, que está dentro do ser humano. E, como está dentro dele, somente ele, o ser humano inconsciente, pode substituí-lo por outro objetivo. De modo que todo e qualquer convencimento externo, é inútil e até impossível de acontecer. Quando, aparentemente, isso acontece, é por algum tempo apenas, e com algum interesse, que suplanta a real intenção da inconsciência naquele momento. Esse interesse, geralmente é um interesse de sobrevivência física e de vantagem imediata. Porém, depois que essa vantagem e interesse não existirem mais, então o ser humano inconsciente voltará a trabalhar, e se dedicar ao seu objetivo temporário, que nunca foi substituído por outro. E, esse objetivo temporário torna-se a finalidade principal de sua vida física, sem nunca ser mudado.

376. Essa é uma lição, que todo o ser humano, que busca a consciência, deve aprender cedo em seu trabalho. Pois, se assim não o fizer, perderá muito tempo, envolvendo seu trabalho consciente fora do caminho. Pois, o inconsciente, por não saber que é inconsciente, não tem como reconhecer a consciência. E, como não tem como reconhecê-la, qualquer tentativa externa a ele, que queira fazê-lo consciente, será sempre em vão.

377. O objetivo do ser humano é o fundamento e a razão de seu existir, de seu fazer, de seu agir e de sua vida física. Por isso, todo o objetivo tem de ser bem traçado e bem conhecido, pois é aí que reside a função primeira do viver de cada um. O ser humano que tem um objetivo faz tudo o que está ao seu alcance por esse objetivo. Por isso, substituir esse trabalho vital é uma tarefa impossível para alguém que está fora dele.

378. Pois, objetivo significa a busca do sentido da vida de cada um. E esse sentido não pode ser substituído por nada, porque nada, além desse objetivo está na vontade de viver. E a vontade de viver não existe, sem um projeto a ser realizado. E quando um projeto a ser realizado está na vontade humana, então, o ser humano viverá unicamente para esse projeto. A mudança de objetivo, que aparentemente acontece, é temporária e escusa. Jamais o ser humano substituirá seu objetivo íntimo, por qualquer proposta externa ao seu interesse particular. Por isso, existem dois campos distintos, e que jamais serão um só na vida física: a consciência e a inconsciência.

379. Aquele e aqueles, que buscam a consciência, sempre farão isso em todos os momentos de sua vida física e extrafísica. Pois, a consciência permeia as duas frequências, e faz isso com solidez de quem sabe o que faz. Por isso, na consciência, não se leva em conta quantidade, mas qualidade. Qualidade de vida e qualidade de escolha. E, como a consciência é fator além do tempo, então quantidade não conta, pois quantidade é fator temporário, mas qualidade é fator extratemporário e, portanto, permanente. E, como o permanente é além do tempo, é com o próprio tempo, que a quantidade vai deixar de ser quantidade, para a opção da qualidade, pela consciência. Pois a quantidade é fator da inconsciência, enquanto que o fator da consciência é a qualidade.

380. A sobrevida obcecada do inconsciente será sempre levada adiante inconscientemente, no mundo físico, porque não há visão do mundo extrafísico. A própria visão do mundo extrafísico, para o inconsciente, é vista, como fator temporário, dentro do seu objetivo temporário. Por isso, ele, o inconsciente, concordará em ser consciente, mas no que ele está concordando, é em dar continuidade ao seu objetivo temporário, usando as vantagens da

consciência, como se fossem elementos inconscientes no seu projeto.

381. Porém, como aquele, que busca a consciência, tem objetivo além do tempo, cabe a ele saber até quando deve, ou não deve deixar-se envolver pela inconsciência. Isso acontece, ou melhor, deve acontecer, porque são dois campos opostos, dentro da vida física do consciente e do inconsciente. O consciente sabe o que faz, e o inconsciente não sabe o que faz. Esse saber e não saber o que faz, é o que distingue e separa um do outro, no caminho da vida. E, se essa separação não existir, é porque não existe vida consciente, nem em um, e nem no outro.

382. Na prática da vida física, a separação do consciente em relação ao inconsciente é evidente. Aquele que é consciente, sempre respeitará o inconsciente, porque vê nele um ser humano com valores humanos. E aquele que é inconsciente nunca respeitará o consciente, porque vê nele apenas um objeto, que serve para a consecução de seu objetivo temporário. Essas duas situações não poderiam ser diferentes, pela simples e lógica natureza de cada um.

## O Ser Humano e as Probabilidades do Universo

383. A probabilidade numérica é uma hipótese conhecida, mas como hipótese, ainda não realizada. Realizar uma hipótese não depende somente de atuação concreta, mas de realização mental no campo lógico. Essas realizações no campo lógico levam a conclusões perfeitas, mentalmente falando. Mas, para concretizar, de fato, uma hipótese que se encontra no campo mental, é necessário o trabalho duplo, isto é, do pensamento e da realização concreta na experiência. Isto fará com que se possa colocar, objetivamente, mente e ser em contato.

384. Por que se fala em mente e ser, quando se trata de quantidades? Fala-se em mente e ser, porque as quantidades participam das duas realidades, isto é, realidade mental e realidade física.

385. Pois, uma probabilidade conta com a lógica e com a atuação no campo físico. O campo físico realiza o que a lógica estabelece, como caminho do óbvio e da evidência. Imaginar, somente, é o começo de uma obra ou de um trabalho. Mas, arquitetar mentalmente um projeto é criar, em nível mental e lógico, uma possibilidade de realização concreta. E uma possibilidade de realização concreta é o início de uma probabilidade. Início, porque uma probabilidade é a possibilidade de uma realização concreta no mundo físico das quantidades.

386. Tudo o que se pensa tem a possibilidade de realização. E essa possibilidade de realização antecede a probabilidade. Pois, a probabilidade incute na mente a possibilidade lógica do fazer. E o

fazer só se concretiza, quando aquele que pensa é capaz de realizar, pela força que possui. Pois, a força de cada um está no projeto que se funda em sua mente. Nada é impossível para aquele que pensa, pois o pensamento é a ferramenta humana na construção e descoberta do universo.

387. Universo, que está à sua volta. Ver o universo é ver probabilidades. E ver probabilidades é ver obras ainda não realizadas no campo da vida. Quando uma probabilidade é pensada, a sua realização é apenas uma questão do tempo e de trabalho. Trabalho, porque tudo o que é feito, é feito com trabalho e realização concreta que teve origem em pensamentos abstratos.

388. Assim, por mais absurda que possa parecer uma probabilidade, para aquele que a pensa ela é a mais óbvia e concreta realização em sua vida. Se assim não fosse, o mundo não teria andado no caminho do progresso e das modificações tecnológicas e científicas. No entanto, muitos pensam que realizar uma probabilidade é mera fantasia irrealizável, mas se isto fosse levado a sério, teríamos que admitir que o progresso é obra de pessoas anormais.

389. Dentro das possibilidades do ser humano, está incluída a possibilidade dos impossíveis. Pois os impossíveis que se tornaram possíveis, mudaram o mundo e modificaram as estruturas do viver. E essas estruturas modificadas atingiram os seres humanos e os transformaram em pessoas mais sábias e mais felizes. E assim, tem-se hoje um mundo diferente e progressista em relação a um passado recente.

390. Não avançar, portanto, em probabilidades, é negar o próprio poder de criar e de fazer, que está dentro de cada ser humano. Ser humano infinito e poderoso. E, como poderoso, pode o ser humano realizar todas as probabilidades, que sua mente pode

vislumbrar pelo pensamento. Pensamento, que pensa e cria, porque tudo vem do pensamento e pelo pensamento, para se tornar depois obra concreta. Descobrir, o que ainda não foi descoberto, é a maior aventura do conhecimento para o ser humano. E isso não é obra para poucos, ou alguns, é obra para todos, porque todos são humanos e podem realizar. Assim, as probabilidades são concretas para cada ser humano, que se habilita no mundo das possibilidades pessoais. O medo, no entanto, e a falta de confiança em si mesmo, fazem a ação esmorecer no caminho das realizações concretas.

391. Porém, realizar as possibilidades para atingir as probabilidades está nas mãos e no poder de qualquer ser humano, por ser – humano. O ser humano tem de se colocar diante de si mesmo para fazer o que sua mente arquiteta de grande, de bom e de belo no universo. Se ele não fizer isso, estará desmentindo o seu estado de ser que é. Ser que cria e que faz. Pois, se não criar e não fizer, se tornará uma simples criação para servir e não para fazer. A probabilidade, portanto, é o caminho que orienta a ação humana, em direção ao que todos os que o cercam acham impossível de realização.

392. Nada é impossível de realização, quando o ser humano é capaz de pensar. Pois, o pensamento é a maior probabilidade do universo. E pode-se dizer, com segurança, que o pensamento é a probabilidade das probabilidades. É pelo pensamento que passam todas as realizações do universo. O pensamento é o principio mais concreto do universo, porque é ele que busca o abstrato e o transforma no concreto. E a possibilidade é o abstrato escondido no impossível. O pensamento levanta a hipótese, imagina a obra, e a lógica monta o projeto. A partir daí, tudo se torna realizável. Realizável, porque o ser humano pode. Pode desde que queira. E quer, desde que sua vontade seja acionada para o fazer. Fazer concreto e admissível no mundo real.

393. Toda e qualquer probabilidade sempre foi o gérmen que antecedeu todas as obras que os seres humanos já realizaram no universo. Portanto, desconhecer ou negar a possibilidade da probabilidade é negar o próprio poder humano, perante o universo que o cerca.

394. O provável é sempre demonstrável e a probabilidade é uma demonstração. Demonstração de força daquele que realiza.

395. O universo tem mais faces do que se imagina. E a face mais oculta do universo é o impossível. Pois, o impossível não tem existência porque é apenas a negação do possível ou a tentativa de negá-lo. Quando se diz que algo é impossível, está-se dizendo que não se quer tentar aquele caminho. Pois, caminhos não tentados, não são possibilitados de realização.

396. E esse, não tentar, é a negação do poder humano. Podemos não tentar o ilógico, mas procurar o caminho lógico para as realizações é o dever e a obra, que o ser humano tem de realizar. Enquanto o ser humano se vê presente na vida, ele tem o direito de tentar tudo o que ele imagina que pode fazer. E imaginar que pode fazer, é a probabilidade em si. Probabilidade, que está sempre presente em qualquer situação e em qualquer projeto, por mais que os circunstantes atuem dizendo o contrário. Pois, dizer o contrário não é impedir de fazer, mas demonstrar que não se está presente na vida.

397. Porque a vida é arrojo, é busca e é a realização de probabilidades, cada vez mais grandiosas e impossíveis para aqueles que nada tentam e morreram para o fazer.

398. Nada é impossível, quando a probabilidade está na mente. Toda a probabilidade é concreta quando a mente a transforma em ação e cometimento de atos, ditos impossíveis, no campo da vida,

para construir o universo, sempre mais.

# A FILOSOFIA DA TFCA
## Bianca [M.A.O.]

# A Fé Humana

399. A fé é a força existente na credibilidade de si mesmo. Quando essa força é deslocada do centro do ser humano para outro centro, que não o ser humano, então a credibilidade da realização não existe. E, não existindo a credibilidade, não há realização.

400. Pois, a realização é a consequência, isto é, o efeito da fé humana. Não há fé humana sem efeito realizado em concreto.

401. Quando o ser humano transfere a sua força para fora de si mesmo, ele nada pode realizar, porque ele não está de posse de seu poder criador e realizador. Portanto, a credibilidade é um fator apenas da fé. Os outros fatores se encontram no poder de fazer do próprio ser humano, que é a alavanca de toda e qualquer realização. A presença de outros para a realização pode ter significado realizador como pode também não ter, pois a presença de outros é movida pelo ser humano, quando ele move a si mesmo primeiro.

402. Isso mostra que fé não é a esperança em alguém, a fé é a realização que leva esse outro alguém a querer também. Pois, uma vontade decidida impulsiona outra ou outras vontades para o fazer. E essa ligação e ação conjuntas de vontades humanas fazem o real acontecer. E acontecendo o real, provindo da vontade e das vontades, isto mostra que houve fé. Houve fé porque houve credibilidade de uma e de outra vontade que foram impulsionadas para o fazer.

403. O fazer é a obra da fé. A fé só existe quando a realização acontece; do contrário, a vontade humana para na simples credibilidade em algo externo. Pois, a credibilidade, para que seja elemento da fé, tem de estar voltada para dentro do próprio ser humano. Tem de ser acionada pelo ser humano, que quer e que faz.

404. Assim é que o ato concreto da fé se realiza. Se realiza, porque o ser humano quer e faz. E, como o centro da força e do poder está no ser humano em si, e não fora dele, então tudo o que é acionado pela sua própria vontade é realizável e possível de ser feito dentro do universo. Pois, se assim não fosse, o ser humano estaria submetido ao universo e não o universo estaria submetido a ele.

405. O que é, portanto, um ato de fé? Um ato de fé é um ato de realização. É um ato de feito concreto. Feito concreto, que parte do interior do ser humano, isto é, de sua vontade, e atinge o mundo exterior com a força realizadora humana. Força realizadora humana, que é uma das capacidades humanas que move o universo. O universo é externo ao ser humano. O ser humano contém em si todos os poderes sobre o universo, e para que esses poderes se concretizem, o ser humano tem de mover a sua vontade em direção ao universo. E mover a vontade é um ato de força. Força que impulsiona concretamente o que está no exterior do ser humano. Por isso, a fé nunca é um ato intencional apenas. Dizer que tem fé e nada realizar é ficar escondido nas palavras que revelam apenas intenção. E intenção não é realização. E fé é realização. Realização, que tem como impulso realizador a vontade. Vontade que é ato de decisão humana. E decisão humana é atitude de vida. E vida é movimento. Ora, não há movimento intencional. Pois, todo o movimento é ação concreta. É deslocamento de um lugar para o outro. É mudança de um estado ao outro. É sequencia de atos e de fenômenos que são impulsionados para um objetivo.

406. Quando se fala em fé mística, fala-se em intenção de fazer, intenção de realizar. Porém, enquanto essa intenção não passar para o campo da vontade realizadora, não haverá efeito da intenção. Efeito é fruto de um ato concreto e jamais pode ser efeito de simples intenção. Assim a fé, que ultrapassa a intenção, isto é, que nasce da vontade, é a única fé que realiza, e sendo a fé que realiza, está-se então no campo da fé humana e não da fé, apenas imaginária.

407. Temos assim a realização humana concreta e em fatos constatados. E isto é fé humana. É capacidade humana, provinda da força humana que é própria do – humano – no universo.

408. A consciência é a chave da fé humana. Chave, porque é pela consciência que o ser humano se reconhece como realizador e criador no universo que lhe pertence. Lhe[3] pertence pela força e pelo poder que tem em relação a tudo que o cerca. Pois, o que cerca o ser humano é o objeto de sua fé. Objeto de sua fé, porque o ser humano não age no vazio, mas na plenitude do universo. E essa plenitude é o campo de atuação humana. Por isso se vê, que tudo o que o ser humano faz e é capaz de fazer está ao seu redor e a si submetido.

409. Portanto, tudo o que se pode fazer agora é produto da força humana e se chama realização e criação. E toda a realização e criação que se pode fazer depois do agora é o que o ser humano denomina de fé. Fé, porque a força humana conta com a realização no tempo. No tempo, porque os fatos se sucedem até que a realização aconteça.

410. E essa sucessão de fatos é que se chama credibilidade. Crê-se que os fatos sucedam e, ao sucederem os fatos, o real acontece.

[3] A colocação do pronome oblíquo no início da oração é feita para não violentar a fidelidade do que foi dito e como foi dito.

Essa sequencia no tempo é que faz o ato realizador ter o nome de fé. Nome de fé, porque tem de esperar a sucessão de um e de outro fato no tempo. Pois, toda a realização imediata, sendo também um ato de fé, é instantânea pela força humana que é imediata e não depende de sucessão no tempo. Mas, sendo a sucessão universal um fato concreto, então, toda a realização que depende dessa sucessão, necessita de espera para acontecer. E essa espera é a credibilidade do ser humano em fenômenos concretos da vida e não em ideias imaginárias, fora de si mesmo.

411. O ser humano, como centro do universo, está na posição de realizador e criador. E essa posição dá-lhe o privilégio do imediato e do que não é imediato, porque a realização no mundo físico conta com o tempo. Pois, não se fala em fé fora do tempo, porque é no tempo que a sucessão acontece. E como a fé conta com a sucessão anterior ao fato, então é necessário que a credibilidade espere a sucessão completar a sua sequencia.

412. Essa explicação deve demonstrar a diferença entre a credibilidade e a fé em si. Pois, a credibilidade é o conhecimento dos fenômenos no tempo, isto é, na sequencia do movimento, enquanto que a fé é a realização no fim da sequencia. E, como isso acontece no mundo físico, então temos o elemento temporário para compor o processo do ato realizador humano não imediato. Pois, aquilo que é realizado imediatamente já foi um ato de fé anterior à realização. E, portanto, o que se deseja realizar no tempo, e se aplica aí, no tempo, faz com que a força humana tenha o nome de fé. E tem esse nome, porque conta com a certeza de sua realização no tempo. Certeza essa, que tem nome de credibilidade. Por isso, quando se diz que crença não é fé, está-se dizendo, que a credibilidade é um estágio de realização, antes do ato completo da realização total e acabada. Portanto, a fé humana

é uma realização não imediata, mas prevista a sua possibilidade pelo conhecimento humano de todas as suas fases.

413. Existem, portanto, três tipos de atitudes humanas em relação à fé. Existe aquele que tem credibilidade em uma força fora de si mesmo; esse tem apenas intenção, mas uma intenção fora do centro realizador. Existe o outro que nega essa intenção, dizendo que não é fé, mas também não aciona a sua própria força para a realização e, portanto, tem apenas a negação dos fatos. E existe, enfim, aquele que reconhece a força humana. E, como reconhece a força humana, realiza o ato imediato e reconhece a realização concreta de atos não imediatos. E como possui o conhecimento de si e do universo, pela consciência, então realiza concretamente a fé humana.

# A FILOSOFIA DA TFCA
## Bianca [M.A.O.]

## A Convivência da Consciência com a Inconsciência

414. A inconsciência para sobreviver necessita de embustes e máscaras. A consciência, no entanto, de nada disso necessita. Portanto, uma é camuflada e a outra é genuína, isto é, a inconsciência é falsa e a consciência é verdadeira e pura. Porém, essa pureza e genuinidade da consciência é o entrave para uma convivência com a inconsciência. Entrave porque a inconsciência não aceita a autenticidade na sua convivência. E esse não aceitar a autenticidade faz com que a convivência com a consciência se torne impossível para a inconsciência. Pois, toda vez que a consciência está presente, a inconsciência é desmascarada no seu embuste de viver. E isso faz com que a aparente agressão da consciência para a inconsciência se inverta. Isso significa que quem se sente ofendido com a verdade é a inconsciência que é mentirosa. Então, a consciência que é verdadeira passa a representar a agressão direta para a inconsciência. Pois, como a consciência não necessita de máscara e nem de embustes para viver, isto faz com que a inconsciência com toda a sua camuflagem não tenha sentido nenhum no contexto.

415. Portanto, o desnudar-se de tudo o que é falso, que é próprio da consciência, representa ataque e agressão direta a toda falsidade inconsciente. Porém, quando a consciência começa a ser assumida, a pessoa que está se tornando consciente percebe todo esse cenário e começa a desnudar-se da mentira e da falsidade. E, nesse momento então, percebe o grande esforço que tem de fazer consigo mesmo para arrancar de dentro de seu ser tudo aquilo que aí foi implantado pela inconsciência. Porém, no momento em que,

desnudada de toda a mentira, enfrenta a inconsciência, esta, a inconsciência, se desfaz, se envergonha e foge imediatamente.

416. Veja-se, pois, que essa figura sobre consciência e inconsciência está sendo usada como personificação, para entender o meio social, onde a consciência tem de conviver com a inconsciência. Pois, conviver com a inconsciência é, talvez, o mais difícil momento para assumir totalmente a consciência. Pois, sabemos que a agressão a qualquer ser humano não faz parte da consciência. Mas, também não faz parte da consciência, deixar-se agredir pela inconsciência a ponto de vestir e usar a sua roupagem falsa e desnecessária.

417. A consciência, portanto, para não se tornar agressiva tem de ser discreta na sua ação. Tem de ver e detectar em cada momento, qual a melhor maneira de viver e deixar viver. Tem de ajudar a viver. E este ajudar a viver não significa incentivo à inconsciência, mas respeito pelo ser humano que não consegue desvencilhar-se dela. Pois, aquele que busca a consciência sabe quanto o trabalho da consciência é difícil para ser conseguido. E exigir que o inconsciente o entenda e o compreenda é uma atitude, no mínimo, irracional diante dos dois fatos. Dois fatos, isto é, a consciência e a inconsciência.

418. A consciência e a inconsciência são dois fatos absolutamente contrários no movimento da vida. Pois, enquanto a consciência anda para frente, para a luz, para o saber, a inconsciência faz o caminho inverso, isto é, vai para trás, para a escuridão, para o não saber. Isto mostra claramente, que o procedimento de um, não é o procedimento do outro. E, portanto são caminhos inversos. E esse andar em caminhos inversos faz com que um não se encontre com o outro.

419. O inconsciente jamais entenderá o consciente na sua trajetória do viver. Mas, o consciente, por ser consciente, entende perfeitamente a trajetória de vida do inconsciente. E, como ele, o consciente, entende a vida do inconsciente, cabe então a ele fazer o trabalho da consciência no meio em que vive. E, esse trabalho da consciência, significa desnudar-se de todo o embuste e camuflagem desnecessários, sem agredir e sem ofender. Pois, a agressão só existe, quando o ser humano não sabe o que está fazendo. E, não saber o que está fazendo, não faz parte da vida consciente.

420. Portanto, a agressão consciente não existe. E assim, toda a vez que existir agressão, aquele que está agredindo não é consciente.

421. O ato de oferecer a outra face significa não agredir e não deixar-se agredir. Pois, deixar-se agredir não é oferecer a outra face, mas expor a face à agressão. Ora, isso não condiz com a vida. Pois, só o ato de isolar o agressor e distanciar-se dele, para que ele não agrida mais, isto já significa que a outra face foi dada, sem que seja destruída pelo agressor. Pois, se dar a outra face significasse expor-se à agressão, isto significaria expor-se à morte e fazer a vida desaparecer, deixando todo o espaço para a ação inconsciente. Assim, desse modo, a consciência não sobreviveria, mas somente a inconsciência é que teria espaço na vida.

422. Ora, a inconsciência é a morte e a morte não pode tomar o lugar da vida. Desse modo, vê-se claramente que a consciência é o caminho, enquanto que a inconsciência é o retrocesso de tudo o que anda.

423. Portanto, aquele que busca a consciência é que tem de promover a vida e jamais deixar que a inconsciência continue promovendo a morte.

# A FILOSOFIA DA TFCA
## Bianca [M.A.O.]

# A Morte como Parada da Vida

424. Aquele que mata não sente a vida. Não sente a vida, não ouve aquele que sente a vida, não ama e não raciocina. Isso significa que matar, além de não ser um ato humano, é um ato de extermínio de tudo o que vive e pode produzir a vida. Pois, quando se vê alguém que é capaz de matar, está-se, na verdade, vendo a própria insensibilidade, e, portanto a própria agressão que se manifesta através do movimento de um ser que até aquele momento, nunca foi um ser humano.

425. Porém, quando isso acontece com um ser humano, o mal ainda não é o maior. O mal só se torna grande e incontrolável, quando o ser humano que mata está por trás do matador. Isso significa, que quando alguém tem o poder de mandar matar, ele multiplica o mal por muitas e muitas vezes, pois ele faz com que o poder de matar se estenda por muitos seres humanos, que jamais praticariam esse ato.

426. Está-se falando, é claro, de um ser humano que mata outro ser humano. Quando se fala em matar um ser humano, está-se dizendo, o ato de privá-lo da matéria física. E, o ato de privar um ser humano da matéria física que usa, é um ato de assassinato, de falta de amor e de falta total de sentir a vida. Pois, sentir a vida é prolongá-la, protegê-la e amá-la. Mas, se um ser humano não tem amor, tudo pode ser esperado dele em relação à vida. Por isso, a primeira lição da vida, que deve ser ensinada e aprendida no campo humano, é o amor.

427. Ensinar a amar, e aprender a amar é um ato de prática e de feito humano. Não é, portanto, um ato de palavras.

428. Pois, numa sociedade distorcida com relação ao direito à vida, não há entendimento da vida. O direito da vida e o direito à vida são atos de consciência. Mas, onde a inconsciência é que determina o ato humano, o primeiro valor que desaparece é o valor da vida. Nenhum inconsciente vê a vida como direito e como valor, pois, o inconsciente já não possui a vida, e, portanto, não pode avaliá-la.

429. Pois, a avaliação da vida, como bem humano e como direito, é um valor da consciência. É a consciência que se preocupa com a vida. É a consciência que ama a vida. É a consciência que protege e prolonga a vida, porque é a consciência que vive.

430. Por isso, a existência da consciência juntamente com a inconsciência é a tentativa de viver com a morte. Vida e morte não podem existir juntas, pois uma é o movimento e a outra é a parada e a destruição. Aquele que constrói não pode estar ao lado daquele que destrói, pois, se assim for, nada se fará, porque a construção de um é destruída pela ação do outro. Isso significa que quem busca a consciência não pode existir ao lado da sobrevivência da inconsciência. Enquanto um respeita e constrói a vida o outro desrespeita a vida e promove a morte. Morte de si mesmo e morte de quem o cerca e o acompanha.

431. Essa situação mostra quanto o perigo e o risco em que a consciência é exposta, é constante no meio inconsciente. Isto pode ser comparado a uma guerra. Guerra, onde aquele que vive, isto é, o consciente, tem de fugir e esconder-se para proteger a própria vida. Se assim não o fizer, pouco a pouco morrerá pelos golpes da inconsciência. Pois, a inconsciência pode não tirar a matéria física da pessoa consciente, mas tira da pessoa consciente o seu objetivo

de buscar a vida. E, tirando-lhe o objetivo de buscar a vida, tira-lhe todas as possibilidades de promover a vida. Promover a vida em si mesmo e no outro. Ora, isso é pior que tirar-lhe imediatamente a matéria física.

432. Sabemos, pois, que tirar a matéria física de uma pessoa consciente não é tirar-lhe a consciência porque a consciência não desaparece com a morte da matéria física. Mas, tirar o objetivo da consciência é tirar a chance da consciência na matéria física que usa e na possibilidade de voltar consciente na próxima matéria, que vier a usar. Então, vê-se, que o fato de impedir o objetivo da consciência é que significa matar e matar de maneira duradoura no tempo.

433. Quando o ser humano vive e busca a consciência, ele busca constantemente a vida. Mas, aquele que não busca a vida está sempre buscando a morte. Pois, como a vida, para ele, não existe, ele também não vê a vida no outro. Esse fato é que torna impossível a convivência de um com o outro.

434. Portanto, tentar conviver com o inconsciente é estar colocando, a cada momento, a vida em perigo. Talvez, ainda esse perigo não seja visto assim com tanta gravidade. Mas, quando a necessidade da matéria física se faz presente, então essa visão se torna real. E, se torna real a impossibilidade de convivência com a inconsciência, e só então, a busca da consciência se torna protegida. Pois, não proteger a busca da consciência é colocar em risco todo um tesouro acumulado.

435. A consciência é um tesouro, ou melhor, o maior tesouro, que o ser humano, que sai da inconsciência, pode ter encontrado. E encontrar o maior tesouro da vida e colocá-lo em risco de perdê-lo

é uma atitude insensata. Porém, esta insensatez, enquanto não for avaliada em relação à vida, não parecerá perigosa.

436. Pois, o inconsciente parece não representar perigo imediato para o consciente, enquanto convivem. Porém, a convivência da inconsciência com a consciência vai tirando, pouco a pouco, o entusiasmo, o ânimo, a vontade de viver, até que o consciente passa a achar a inconsciência natural em sua vida. E, achando a inconsciência natural, a luta pela consciência passa a ser incômoda. E este incômodo em buscar a consciência é o primeiro passo para a morte da consciência.

437. Quando se fala em morte, no mundo inconsciente, fala-se em desaparecimento total do ser humano. Desaparecimento total, porque onde não há consciência não há nada que possa perdurar. E assim, na matéria humana inconsciente, não existe a vida. E, esse não existir a vida, faz com que nada exista. Nada, significa nenhum valor humano. Pois, aquele que não tem e não vê nenhum valor humano, já perdeu tudo na vida. E, quem perdeu tudo na vida, nada mais tem a perder. E, portanto, levar à morte pela inconsciência é um ato banal e natural para o inconsciente.

438. E isso é o maior drama que a pessoa que busca a consciência pode permitir a si mesma. Esse drama, porém, não é avaliado como drama pelo consciente e nem como perigo. Mas, uma vez perdida a chance da consciência, a dor é muitas vezes maior que a complacência para com o inconsciente, pelo consciente. Complacência, porque quando o ser humano consciente tem complacência com o inconsciente, ele, o consciente, sofre e se abate com esse ato. Mas, esse sofrimento não é nada comparável com o sofrimento de perder a própria consciência.

439. Pois, perder a própria consciência significa perder a própria vida. E, perder a vida, é perder tudo o que se tem e o que se possa ter.

440. Portanto, perder a matéria física, sendo consciente, não é perder a vida. Mas, perder a chance de ser consciente, é perder a vida presente. É perder a vida presente, porque é perder a chance imediata do permanente retorno consciente, que é direito de todo e qualquer ser humano.

# A FILOSOFIA DA TFCA
## Bianca [M.A.O.]

# O Ser Humano e o Universo Humano

441. As coisas têm um sentido próprio, que está dentro delas mesmas. Porém, esse sentido, para que seja identificado no universo, o ser humano terá que fazê-lo aparecer. Se a intervenção humana não existir, jamais esse sentido será conhecido ou será manifestado. Isso significa que o universo está escondido dentro de si mesmo, e o ser humano é o artífice, que o fará se desdobrar em ensinamento, aprendizado e obra de arte.

442. A vida é uma escola, onde todos aprendem com todos, e cada um aprende com o universo. Os fatos e fenômenos que ocorrem no universo são os impulsos para o ser humano aprender. Cada acontecimento, cada fato, cada movimento, seja do que for, tem em si uma lição para um e para todos. Para um, porque cada ser humano é independente do outro para aprender. E para todos, porque o conjunto humano todo aprende, quando um ser humano é capaz de aprender. Assim, aquele que ensina é o mesmo que aprende, e aquele que aprende é o que ensina, quando pelo aprendizado, é um ser humano que busca em função de todos os seres humanos. Esse aprender humano, é que modifica o universo, e faz com que todos os seres humanos se reconheçam como humanos, dentro de sua natureza. Assim é o mundo animal. Assim é o mundo vegetal e assim é o mundo mineral.

443. Tudo o que se movimenta também movimenta o que está ao seu redor. E esse movimentar o que está ao redor de cada coisa, faz com que o universo gire, e ensine, e aprenda, dentro de si e fora de si.

444. Quando a união humana se tornar um todo único, então ensinar e aprender será a consequência natural de cada movimento humano, que ali acontece.

445. Esse movimento significa atitude humana. O ser humano se movimenta de muitas maneiras, isto é, no mundo físico, no pensamento, no mundo extrafísico, no sobreviver e no viver completo de seu ser. E, esse movimento humano é o movimento de todos os seres humanos. Movimento de todos, que faz parte da vida humana. Porém, para que o movimento humano exista, e seja notado e percebido, é necessário acordar do sono inconsciente. Pois, o sono inconsciente é a parada total da vida, e o empecilho, para fazer e observar qualquer movimento. E esse fazer e observar qualquer movimento necessita de olhos para ver, boca para falar, inteligência para pensar e raciocinar, vontade para querer, e, enfim, todas as capacidades humanas, e que estão no ser humano desperto.

446. A criatividade humana é o primeiro impulso, para que o despertar da inconsciência comece a fazer sentido no universo, perante os seres humanos. Pois, não se entende um universo, onde o ser humano não atua, não age, não realiza e não produz.

447. Isso está sendo dito, porque no momento atual do mundo o ser humano dorme. Dorme, e não vê como e nem por que acordar. Não vê como, porque não têm criatividade para modificar as coisas. E não vê por que, porque a vida para ele tem sentido apenas no tempo. Pois, como a inconsciência é o desdobrar apenas do tempo, então fora do tempo é um fator não existente. E nada há de humano em uma vida que não sai do tempo. Sair do tempo, pois, é imbuir-se de todo o afazer e afazeres humanos, e que são humanos.

448. No conjunto humano está o motivo de toda a existência humana, e de todo o impulso criador humano. Impulso criador

humano, que dá e é a razão de ser de todo e qualquer fato, que venha a acontecer, para dar e ser o sentido de tudo o que existe.

449. O existir do universo e do ser humano é a razão de tudo o que está colocado pela criação. Pois é da criação que parte todo o fundamento da criatividade humana. Esse fundamento está dentro de um e dentro de todos. Mas, a estagnação da inconsciência faz parar toda a criatividade, que é o motivo da criação. A criação é fruto da criatividade. E, pode-se dizer que a criação é a maior criatividade. Maior, porque dentro de cada elemento da criação está um mundo por ser descoberto. Porém, descobrir esse mundo, depende do ser humano despertar e ir em direção a ele. Ir em direção a ele, quer dizer, movimentar-se e movimentar as coisas que estão ao seu redor.

450. Essa é a natureza humana. Natureza, porque o ser humano não tem função a realizar. Não tem função, porque a função humana está dentro de sua própria natureza. Pois, o que tem função está colocado para. E o ser humano não está colocado para isto ou para aquilo. O ser humano é que coloca e cria as funções no universo. E ele, é que além do tempo, perdura e faz perdurar todas as coisas.

451. Mas, para ver, sentir e fazer, há que estar desperto, isto é, acordado do sono da inconsciência. E acordar desse sono é estar sempre ativo, não importa, se a matéria física (o corpo) está acordada ou dormindo. Pois, o ser humano age, independente da matéria que usa, ele quer e faz, ele ama e realiza, ele anda e pára, ele vem e vai. E assim, todos os feitos humanos estão, e são, além do tempo.

452. Enquanto que, a matéria física, sendo o veículo do tempo humano, é também a sua prisão no tempo, quando inconsciente. E essa inconsciência, que depende da matéria física, só pode ser eliminada e resolvida pela atitude, ação, e criatividade do ser

humano que a habita, e, portanto, a domina no contexto universal.

453. Sair da inconsciência é um ato livre, e um ato de criatividade. Pois, a liberdade e a criação são os dois fatores humanos, que fazem o humano acontecer. Acontecer, porque o humano, quando acontece, sempre é um ato de consciência. Um ato de consciência, que modifica e transforma. E, esse modificar e transformar faz a diferença e a semelhança no mundo em que se está inserido. Semelhança e diferença, porque o ser humano é semelhante, quando se trata do humano. E é diferente, quando se trata do mundo que o cerca, e que está para o humano nele se movimentar.

454. A maravilha do universo é maior do que se imagina, é mais bela do que já se viu, é mais grandiosa do que já se pensou. E essa maravilha universal está à disposição do ser humano e dos seres humanos. São os seres humanos que dão sentido a tudo o que tem existência. Mas, quando o próprio ser humano não participa da existência, então tudo fica sem sentido, e sem contextuação no ato de viver.

455. Ato de viver que faz o existir. E existir que é feito pelo ato de viver.

456. Portanto, viver é incluir dentro de si o universo, e incluir a si mesmo no universo, numa relação temporal e extratemporal. Temporal e extratemporal, porque esse é o movimento humano que está no universo físico e extrafísico. E esse contexto físico e extrafísico é o mundo consciente, que ao ser humano pertence.

M A O - BIANCA
A Filosofia da Técnica Física para a Conquista da Autoconsciência - T F C A